WWW.PLACAR.COM.BR
ESPECIAL
PLACAR
PLACAR
As reportagens originais da revista nos Mundiais
NAS COPAS
DE PELÉ A ROMÁRIO, A EMOCIONANTE HISTÓRIA DAS COPAS CONTADA ATRAVÉS DOS TEXTOS E FOTOS DOS 48 JOGOS DO BRASIL DESDE 1970
Ed.1217 • ABRIL 2002 • R$ 4,50
7 893614 011417
Abril

ESPECIAL PLACAR

SUMÁRIO

ABRIL 2002 • EDIÇÃO 1217

Carta ao leitor

VIAGEM AO CENTRO DAS COPAS

Paixão, raiva, sofrimento, angústia, alívio. Por mais que jornalistas tentem o ideal da imparcialidade e do equilíbrio, essas palavras teimam em perseguir quem escreve. Ainda mais quando o assunto é Copa do Mundo e, sobretudo, Seleção Brasileira. Ler a reportagem que foi gerada minutos depois do final do jogo é mergulhar em um turbilhão de sentimentos. Estamos habituados a acompanhar a histórias das Copas com o filtro do tempo. O Mundial acaba e, muito tempo depois, alguém se senta para contar o que aconteceu sem a pressão da época, com a tranqüilidade e a isenção dos historiadores.

PLACAR resolveu falar de uma outra maneira de Copa do Mundo. Do Mundial de 70 (quando PLACAR nasceu) até a última Copa da França, a revista esteve presente em todos os 48 jogos da Seleção Brasileira. Não são arqueólogos relaxados que garimpam uma história remota. São jornalistas agoniados que batucam suados o relato da partida. Não espere textos frios e equilibrados. Não mesmo. Aqui você lerá análises contaminadas pela adrenalina. "Escrevi com lágrimas nos olhos", relembra o repórter Carlos Maranhão, que foi incumbido de contar a tragédia do Sarriá em 1982, na derrota para os italianos. Em 1974, as reportagens carregam a inconformidade de quem estava presenciando o fim do futebol-arte de 70 e o início do futebol-força, que marcaria as Copas seguintes. É curioso ver que os repórteres de 78 começam desdenhando das bizarrices táticas do técnico Cláudio Coutinho, percebem o crescimento do time e se empolgam. Depois se apavoram com a possibilidade dos peruanos entregarem a rapadura.

Há poesia nas grandes vitórias e nas derrotas dramáticas. Há ataques de profundo mau humor nos nossos papelões. Preservamos os textos originais, mesmo quando a vontade era dar uma canetada para corrigir nossos excessos. Contar a história desse jeito é um bilhete para pegar o trem de cada uma das Copas. Prepare-se, porque nem sempre o expresso brasileiro proporcionou viagens tranqüilas aos seus passageiros.

SÉRGIO XAVIER FILHO, DIRETOR DE REDAÇÃO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial Adjunto: Laurentino Gomes
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto

Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Editor Especial:** Arnaldo Ribeiro **Diagramador:** Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboradores:** Alexandre Battibugli, André Fontenelle e Fabio Volpe

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto

Diretor Comercial: Alexandre Caldini Neto

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor de Marketing: Alexandre Caldini Neto **Gerente de Produto:** Ricardo Cianciaruso **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretor: Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Eduardo Teixeira Leite, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivos de Negócios:** Cristiane Tassoulas, Leda Costa (RJ), Marcelo Cavalheiro, Marco Aurélio Bulara, Nilo Bastos, Robson Monte **Executivos de Contas:** Carla Alves de Gois, Eduardo Marcelo Pezzato, Emiliano Morad Hansenn, Leonardo Rodrigues, Letícia Di Lallo, Marcello Almeida, Renata Fontana, Renata Miolli, Sarah Correia (RJ), Vlamir Aderaldo
PROCESSOS: Coordenador de Produção: Ricardo Carvalho **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira **Gerente Escritório Brasília:** Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, Tel:(31) 3282-0630, Fax.: (31) 3282-8003 **Blumenau:** Rua Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M.Marchi Representações, Tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN – Q. 1 Bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º andar, Sala 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, Tels.: (61) 315-7554/55/56/57, Fax.: (61) 315-7558 **Campinas:** R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, Tel. e Fax: (19)3233-7175 **Curitiba:** Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, Tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sala 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, Tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** Av. Desembargador Moreira, 2020, Salas 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, Telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, Telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** Rua Dona Francisca, 260, Sala 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, Telefax.: (47) 433-2725 **Londrina:** R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, Telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre:** Av. Carlos Gomes, 1155, sala 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, Tel.: (51) 3388-4166, Fax: (51) 3332-2477 **Recife:** R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sala 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, Telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto:** R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, Tel.: (16) 635-9630, Telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282. Tel:(21)2546-8100, Fax: (21)2546-8201 **Salvador:** Av.Tancredo Neves, 805, Sala 402, Ed.Espaço
Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, Telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória:** Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, Telefax: (27) 3325-3329

PORTUGAL - IMPORTAÇÃO EXCLUSIVA E COMERCIALIZAÇÃO: Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

PLACAR edição 1217 (ISSN 0104-1762), ano 33/nº6, abril de 2002, é uma publicação da Editora Abril S.A.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | **ANER**

Presidente e Editor: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Maurizio Mauro, Thomaz S. Corrêa
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

A SELEÇÃO QUE SAIU DAQUI DESACREDITADA COMEÇA A COPA LEVANDO UM GOL. SÓ DEPOIS VIRIA A VIRADA CONTRA OS TCHECOS E CONTRA O DESCRÉDITO

A ESTRÉIA DAS FERAS

A Tchecoslováquia teve seus momentos de glória e de fé, mas foram apenas alguns instantes de sonho e ilusão. Logo depois nossos artistas iriam mostrar quanto é grande nosso futebol, capaz de emocionar milhões de pessoas em apenas 90 minutos

Um jogo bonito, sem violência, com muita malícia, dribles e gols. Depois, os aplausos dos torcedores, os elogios de todos os jornalistas e a alegria de todo o Brasil.

Fizemos quatro, pois, erramos pouco e Pelé mostrou que ainda é o Rei. E outra grande figura: Gérson e seu heroísmo, Gérson e seu futebol, Gérson e o choro triste por ter que sair de campo aos 25 minutos do segundo tempo.

Começamos tomando um gol. Aos 11 minutos, Brito bateu um impedimento para Clodoaldo, que estava de costas. Petras driblou Carlos Alberto e Brito, e na saída de Félix chutou bem. Petras ajoelhou-se para agradecer o gol. Fez o sinal-da-cruz e recebeu os abraços. Foi um dos gestos mais lindos de todas as Copas.

O empate chegou aos 24 minutos. Pelé foi derrubado por Migas, Rivelino se colocou. A barreira tinha sete jogadores e Jairzinho. Rivelino fez a pontaria em cima de Jairzinho, correu e chutou, Jairzinho saiu e a bola entrou no gol. O Brasil ficou no ataque, com Tostão deslocando-se sempre. Tostão explica:

— Entrei para atrair o líbero e dar espaço para Pelé e Jairzinho jogarem. Desta vez não entrei para fazer gol.

Começou o segundo tempo. Migas sempre junto com Tostão. Aos 15 minutos Gérson vê Pelé 40 metros na frente. Joga-lhe a bola. Pelé deixa a bola bater e descer pelo corpo, engana Horvath, escolhe o canto. É nosso segundo gol.

LEMYR MARTINS

Com o famoso soco no ar, Pelé comemora o segundo gol do Brasil contra os tchecos

Outra vez Gérson, de 40 metros. Só que agora são 18 minutos e quem recebe é Jairzinho. Ele encobre o goleiro, deixa a bola bater no peito e depois chuta. Foi o gol mais bonito desta Copa.

E veio o quarto: Jairzinho driblou Hagara, Horvath, outra vez Hagara e colocou no canto. Aos 38 minutos, 4 x 1.

O respeito dos jogadores pôde ser visto várias vezes. Quando Migas derrubou Pelé, com um soco no fígado, dois tchecos ficaram ao lado, braços levantados, até Pelé ser atendido. E no fim do jogo, o abraço emocionado de Adamec em Pelé, antes da troca de camisas. E os nossos novos torcedores, os tchecos (quem fala é Horvath, o capitão):

— Pelé e o Brasil são espetaculares. Se jogarem assim já são os campeões.

>> GRUPO 3 - PRIMEIRA FASE

3/6 JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 4 X 1 TCHECOSLOVÁQUIA

J: Ramón Ruiz Barreto (Uruguai); **P:** 52 897; **G:** Petras 11 e Rivelino 24 do 1º; Pelé 15, Jairzinho 18 e 38 do 2º; **CA:** Tostão, Gérson, Horvath
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson (Paulo César) e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé. **T:** Zagallo
TCHECOSLOVÁQUIA: Viktor, Dobias, Horvath, Migas e Hagara; Hrdlicka (Kvasnak) e Kuna; Frantisek Vesely (Bohumil Vesely), Petras, Adamec e Joki. **T:** Josef Marko

ERA O SEGUNDO JOGO, MAS PODERIA TER SIDO A FINAL. A VITÓRIA SUADA SOBRE OS ENTÃO CAMPEÕES DO MUNDO MOSTROU TODA A FORÇA DA SELEÇÃO

AS FERAS AMANSAM O LEÃO DA RAINHA

Um gol maravilhoso de Jairzinho, com a genial construção de Tostão e Pelé, foi a marca que o Brasil deixou na Inglaterra, um time bravo e muito valente

No grande confronto entre o futebol-força e o futebol-arte mais uma vez prevaleceu a habilidade do homem: só um brasileiro seria capaz de driblar em espaço tão pequeno como Tostão conseguiu; só um brasileiro poderia com um leve toque na bola tirar todos os adversários da jogada como Pelé fez. Mas o chute de Jairzinho levou toda a violência que caracteriza o futebol-força.

Nos primeiros 45 minutos, os brasileiros, muito cuidadosos na defesa, permitiram que os ingleses tivessem domínio territorial. Grande equipe, com um padrão de jogo definido, firme na defesa e rápida no ataque, os ingleses apenas se enganaram quando acreditaram encontrar facilidades diante de nossa defesa: a máquina inglesa fez tudo certinho, menos chutar a gol. Os brasileiros corriam a bola de pé em pé, os ingleses corriam atrás dela — e perdiam o fôlego, o que lhes seria fatal no segundo tempo.

Depois do intervalo, o time brasileiro mostrou-se descontraído, principalmente os homens de meio-campo, que passaram a dar mais apoio ao ataque e se transformaram em atacantes em algumas ocasiões. Aos 14 minutos, prevaleceu a categoria individual sobre o atleta de laboratório: Tostão e Pelé, depois de sucessivos lances geniais, colocaram Jair cara a cara com Banks: Brasil 1 x 0.

Logo depois, o técnico Alf Ramsey abdicava de vez da categoria individual e substituía Lee e Bobby Charlton — já então extremamente cansado: durante o primeiro tempo, ele foi a maior figura em campo.

Com a entrada de dois pontas-de-lança, os ingleses deixaram de lado as tentativas de penetração pelas laterais e, desesperados diante da segurança da defesa brasileira, passaram a centrar bolas sobre a área.

Mas o Brasil era um time tranqüilo, consciente de sua força, trocava passes e mais passes, só tentava o bote na certa. A vitória valeu acima de tudo como a afirmação da escola brasileira sobre a inglesa.

GRUPO 3 - PRIMEIRA FASE

7/6 JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 1 X 0 INGLATERRA

J: Abraham Klein (Israel); **P:** 66 843; **G:** Jairzinho 14 do 2º; **CA:** Lee

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Rivelino e Paulo César; Jairzinho, Tostão (Roberto) e Pelé. **T:** Zagallo

INGLATERRA: Banks, Wright, Labone, Bobby Moore e Cooper; Mullery, Bobby Charlton (Bell) e Ball; Lee (Astle), Hurst e Peters. **T:** Alf Ramset

O GRANDE LANCE

Tostão recebe na esquerda, entra na área, dribla um adversário, é combatido por mais dois, mas roda em torno de si mesmo, livra-se dos três e, de costas para o gol, dá de curva, de pé direito, para Pelé. Com leve toque, o Rei deixa Jairzinho cara a cara com Banks. Jair chuta com violência, balança as redes de Banks e sacode milhões de brasileiros. Outras marcas deste jogo sensacional:

- **A violência** - Aos 15 minutos, Lee faz uma falta desleal em Everaldo e pouco depois entra com o joelho na cara de Félix. Aos 36, Carlos Alberto vai à forra, derrubando Lee com um tranco pesado.
- **A tensão** - Os minutos finais são de nervosismo. Aos 38 minutos, Félix falha numa saída, mas Bell chuta fora. Aos 40, Clodoaldo muda o jogo para a esquerda, dando a Roberto, mas Banks defende. Aos 42, Félix sai bem do gol, mas não alivia o cerco. Astle não consegue cabecear, usa a mão, Brito – maravilhoso o jogo todo – afasta o perigo. Agora é o fim: Bobby Moore e Pelé se abraçam, o inglês leva a camisa 10. O derrotado ganha o seu maior troféu.

SEBASTIÃO MARINHO

Rivelino tenta de longe: a batalha com os ingleses representou uma final antecipada

NO ÚLTIMO JOGO DA PRIMEIRA FASE, O QUE MENOS IMPORTOU FOI A VITÓRIA. MAIS ÚTIL FOI RECONHECER OS ERROS QUE PRECISAVAM SER CORRIGIDOS

AS LIÇÕES QUE A ROMÊNIA DEU

O Brasil fez dois gols na Romênia, brincou com a Romênia, humilhou a Romênia de tal forma que a Romênia ficou zangada e quase empatou o jogo. Essa foi a primeira lição que tomamos

De que adianta todo o brilhantismo do nosso ataque, se a escuridão cobre toda a nossa defesa? Depois da fraca vitória de 3 x 2 sobre a Romênia, essa passou a ser a pergunta principal de todos os críticos estrangeiros que estão no México, passou a ser a pergunta do povo mexicano, que antes torcia desesperadamente por nós, e é a pergunta de nossa própria torcida.

Quando o Brasil estava de posse da bola, no ataque, o Estádio Jalisco se levantava, os comentaristas elogiavam e nossa torcida vibrava — era a autêntica nata do futebol-arte sul-americano demonstrando sua força. Quando os brasileiros perdiam a bola, os críticos atacavam nossa defesa, o Estádio Jalisco gritava pelo nome de Dumitrache e nossa torcida ficava com o coração na mão, pensando no possível chute a gol — e no nosso gol estava Félix, com toda a sua insegurança e suas desastrosas saídas.

O jogo contra a Romênia serviu também para chamar a atenção de todo mundo para uma velha mania dos brasileiros que, contra os europeus, pode ser fatal: a de subestimar o adversário. A Romênia sentiu isso, sentiu também que Fontana estava desentrosado no time e, assim, era fácil entrar na área. Pior que isso: os romenos perceberam que, jogando bolas altas na área, com elas descia sempre o desespero para nossa defesa, que não tem confiança em seu goleiro.

Para João Saldanha, entretanto, a causa de nossos defeitos não era apenas a insegurança que Félix transmite a todos os zagueiros:

— A pior coisa de nossa equipe não foi a atuação da defesa, nem foram as lamentáveis intervenções de Félix. Nosso maior defeito foi o banco de reservas, onde não havia homens para o meio-campo. Com a saída de Gérson e Rivelino e a contusão de Clodoaldo, o time todo teve que ser mexido, nos três setores. Uma autêntica mudança de trânsito.

José Luís Herrera, enviado especial de *El Heraldo*, da Cidade do México, não gostou do Brasil nos seus três setores, não gostou da Romênia nem do jogo:

— Mentiríamos, como jornalistas, se afirmássemos que o jogo entre Brasil e Romênia foi uma maravilha. Muito longe disso, os 90 minutos foram um convite ao sono, interrompido apenas pelos cinco gols, os quais foram de tão baixa qualidade que nem nos emocionou.

Bom ou ruim, o jogo contra a Romênia deixou duas lições: 1 - as falhas da defesa são a causa da insegurança de Félix; 2 - aqueles que já julgavam o Brasil campeão viram que não está tão fácil.

» GRUPO 3 - PRIMEIRA FASE

10/6 — **JALISCO (GUADALAJARA)**

BRASIL 3 X 2 ROMÊNIA

J: Ferdinand Marschall (Áustria); **P:** 50 804;
G: Pelé 19, Jair 21 e Dumitrache 34 do 1º; Pelé 24 e Dembrovski 38 do 2º; **CA:** Dumitru, Mocanu
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Fontana e Everaldo (Marco Antônio); Piazza, Clodoaldo (Edu) e Paulo César; Jairzinho, Tostão e Pelé. **T:** Zagallo
ROMÊNIA: Adamache (Raducanu), Satmareanu, Lupescu, Dinu e Mocanu; Dumitru, Dumitrache (Tataru) e Nunweller, Dembrovski, Neagu e Lucescu. **T:** Angelo Niculescu

LEMYR MARTINS

Os dois gols de Pelé, que aqui ensaia uma cobrança de falta, garantiram a vitória, mas não esconderam as falhas na defesa

NEM O EX-CRAQUE DIDI, QUE COMANDAVA A SELEÇÃO PERUANA, FOI CAPAZ DE PARAR O BRASIL. A VAGA NA SEMIFINAL VEIO COM UMA VITÓRIA POR 4 X 2

SEBASTIÃO MARINHO

Aos 11 minutos, Rivelino abriu o placar e acabou com o nervosismo da Seleção

O JOGO DA EMOÇÃO

O Brasil jogou sempre com o gênio de Gérson e Tostão para superar as falhas de seu goleiro. A torcida fazia fé, por isso entrou e saiu em festa

Sem correr mais que o necessário, certo de que a qualquer momento poderia mudar o ritmo do jogo, partindo para o gol com frieza e decisão, o Brasil esbanjou categoria para vencer por 4 x 2 o ótimo time do Peru, que foi vítima de um azar que Didi nunca escondeu temer: ter de armar os peruanos contra o time da camisa amarela, uma camisa que ele cobriu de glórias em 58 e 62 e à qual deu toda a dimensão de seu gênio.

Os primeiros minutos do jogo foram disputados com os jogadores bastante nervosos, com muitos passes errados, mas o Brasil um pouco melhor que o adversário. Depois de perder dois gols, afinal o Brasil abre a contagem, quando Tostão faz o pião à frente do gol e rola a bola para Rivelino. Aos 15 minutos é a vez de Tostão — quem disse que ele não poderia jogar ao lado de Pelé? — mostrar toda a sua agressividade. Entra pela esquerda, chuta rasteiro, Rubiños falha e o Brasil marca o segundo gol.

Todo o Brasil joga bem, embora Jairzinho perca muitas jogadas individuais. O Brasil diminui o ritmo, e o Peru se aproveita para tentar diminuir. Afinal, aos 27 minutos, Gallardo chuta da linha de fundo, Félix falha e o Peru marca. O Brasil troca passes, procura esfriar o jogo, enquanto o Peru ataca a todo vapor. Apesar disso, o primeiro tempo, em cima dos 45 minutos, termina com um chute de Pelé, rente ao travessão.

O Brasil, que terminara o primeiro tempo cozinhando o adversário, volta decidido a aumentar a vantagem e aperta o ritmo. Duas oportunidades se sucedem; na terceira, Tostão completa uma jogada de Pelé: 3 x 1. Aos seis minutos, está tudo praticamente decidido. Os brasileiros continuam jogando bem e Didi faz duas substituições, mas elas não chegam a modificar o panorama da partida.

Aos 22 minutos, Paulo César entra no lugar de Gérson. O Brasil é um time tranqüilo, que procura controlar o adversário e se poupa o máximo possível. Mas, aos 25 minutos, depois de uma confusão na área do Brasil, Cubillas chuta forte e marca o segundo gol peruano. A reação do Brasil é imediata: aos 30 minutos, Jairzinho marca o quarto gol do Brasil — escore mais coerente com o que acontecia em campo.

Logo depois, Jairzinho, muito cansado, é substituído por Roberto. Com a vitória garantida, apesar da luta dos peruanos, o Brasil troca muitos passes e apenas procura o gol em lançamentos longos, já que mantém sempre sete homens em seu próprio campo.

Tostão, a "Maravilha Branca"

E agora? Antes da Copa, havia quem dissesse que Tostão e Pelé não podiam jogar juntos. Não era uma posição contra Pelé. Era contra o mais fraco: Tostão, o moço que então fazia um comovente esforço, com a compreensão de João Saldanha, para provar que, depois do descolamento da retina, não estava acabado. Era uma atitude covarde, que foi encampada pelo próprio Zagalo. Ele só não barrou a "Maravilha Branca" porque a opinião pública impediu. E Tostão mostrou que tinha de entrar: abriu espaços para Pelé, Jair e Rivelino, deu passes geniais. Quando marcou os gols contra o Peru, o destino fez um desagravo ao grande injustiçado da Seleção.
Foi realmente uma tarde de Tostão. Um lutador, um homem com o coração maior do que o de todo o mundo, e uma coragem que poucas vezes se viu dentro de um campo. Tostão volta a ser, a partir do jogo contra o Peru, o segundo jogador do futebol brasileiro: ele nunca jogou tanto quanto domingo, depois que foi operado. Maior que ele, só Pelé.

» QUARTAS-DE-FINAL

14/6 — **JALISCO (GUADALAJARA)**

BRASIL 4 X 2 PERU

J: Vital Loraux (Bélgica); **P:** 54 233; **G:** Rivelino 11, Tostão 15 e Gallardo 29 do 1º; Tostão 6, Cubillas 25 e Jairzinho 30 do 2º

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Marco Antônio; Clodoaldo, Gérson (Paulo César) e Rivelino; Jairzinho (Roberto), Pelé e Tostão. **T:** Zagallo

PERU: Rubiños, Eloy Campos, Fernández, Chumpitaz e Fuentes; Challe e Mifflin; Baylón (Sotil), Perico León (Reyes), Cubillas e Gallardo. **T:** Didi

A HORA DE VINGAR A DERROTA NA FINAL DA COPA DE 50 FINALMENTE HAVIA CHEGADO. QUANDO BRASIL E URUGUAI ENTRARAM EM CAMPO PARA DISPUTAR UMA DAS

TOSTÃO PASSA, CLODÔ MARCA: COMEÇAMOS A GANHAR

Um jogo nervoso, quente, de fazer a gente chorar, de gritar, de aplaudir Clodô, Jair e Rivelino, as feras que colocaram três gols na rede do Uruguai e acabaram com uma dor de 20 anos. No começo, o Brasil estava mal: deu seu primeiro chute a gol aos 27 minutos. Em todo o jogo, deu só 14 chutes

Após deixar o goleiro Mazurkiewicz caído e a defes

Eram 22 homens diferentes, 20 anos distantes de uma história que boa parte dos brasileiros só conhece pelo que contam velhos jornais. E tudo parecia tão recente. A história iria repetir-se? À mente de cada brasileiro — percebia-se à distância — parecia estar ligada uma máquina do tempo, vivendo um acontecimento que não viram. O começo lento em demasia, o nervosismo, o excesso de cautela na defesa (só Tostão estava lá na frente, lutando contra uma barreira azul que lhe parecia o infinito), os passes cruzados, sempre telegrafados, sempre interrompidos por pernas de meias pretas, a insegurança.

A gana, a malícia, a catimba. A defesa trancada, dez homens sempre dispostos a jogar dentro de seu campo. A paciência de se ver sempre atacado sem se desesperar. A violência quando era necessária — e ela o foi muitas vezes.

A sensação de que a história se repetiria aumentou aos 18 minutos, quando Félix falhou e Cubilla fez Jalisco parecer o Maracanã. Um chute fraco, sem muito ângulo: Uruguai 1 x 0. Mas o autor da história ainda não lhe colocara o ponto final. O livro ainda não fôra levado de volta à estante.

A história seguia seu rumo e a partir daquele instante tudo pareceu ficar diferente: acabou o nervosismo exagerado, os passes laterais, a excessiva preocupação defensiva, o medo de ir à frente. O time foi ao ataque, passou a brigar, a querer parar a máquina do tempo, quebrando a fita que teimava em se repetir. Da guerra nasceu o entusiasmo, vieram novas forças. O pingo d'água se tornou mais forte, a pedra começava a rachar: Clodoaldo entrando pela esquerda, o passe para Tostão, a devolução perfeita, Clodoaldo arrebentando a máquina do tempo, Mazurkiewicz vencido, 1 x 1. O primeiro capítulo da história acabava diferente. Os 22 homens eram outros, o autor teria que ser outro. Seria?

O Uruguai se encarrega de abrir o segundo capítulo, mas logo Everaldo domina a bola. Tudo parece igual, com a bola quase sempre rolando entre os dois meios-campos. Só que agora o Brasil toca melhor a bola, embora ainda continue com jogadas telegrafadas no ataque.

O autor continua a procurar um final para a sua história. Insistia em não repetir um desfecho que os papéis empoeirados guardam há 20 anos.

O Brasil jogando melhor, mas o Uruguai se defendendo muito bem. O juiz inventa uma falta contra o Brasil que, cobrada, dá em nada — mas era muito perigosa. Os uruguaios fazem as faltas que bem entendem, não são advertidos pelo juiz. Agora é Morales que arma uma cama-de-gato para Félix, que cai. O uruguaio nem mesmo é advertido.

Parece que o curso da história vai mudar: México, Estádio de Jalisco, 16 minutos do segundo tempo: Pelé vai como um furacão, driblando todo mundo, entra na área, é derrubado por Ancheta. Tostão corre para a marca do pênalti — o juiz espanhol aponta para as proximidades da risca da grande área.

Começamos a acreditar na história com muita razão. A pedra parece crescer, transformar-se numa montanha amedrontadora. Às vezes os pingos parecem tornar-se mais fracos — e vem o medo de que a história se repita. Não que a fonte de onde jorra a água, bendita possa secar: ela é pródiga. É que a rocha cada vez se torna mais violenta, ameaçadora, infringindo as regras do jogo, da paciência, da bola que rola mais mansa para um do que para outro.

SEMIFINAIS DO MUNDIAL DO MÉXICO, NÃO ERA APENAS UM JOGO QUE COMEÇAVA, MAS UM PESADELO QUE ESTAVA PRÓXIMO DO FIM

SEBASTIÃO MARINHO

uruguaia de cabeça baixa, Clodoaldo, escoltado por Pelé, corre para festejar o gol de empate do Brasil. O sofrimento começava a acabar

Lá vem o Brasil de novo, o pingo d'água persistente: Gérson para Carlos Alberto, este para Jair, para Pelé, para Tostão, que deixa passar para Jair. Matosas fica para trás – também 50 –, Mazurkiewicz atira-se em vão e, desconsolado, vê a bola morrer no fundo de suas redes: Brasil 2 x 1. O pingo d'água é uma enchente que começa a engrossar.

Os uruguaios não se conformam em que a história seja reescrita, tentam tudo – até e principalmente a violência – para que o infinito seja sempre azul, sempre celeste. Mas no céu de Guadalajara brilha forte um sol amarelo. É hora da catimba. Zagallo entra em campo, vai ser expulso pelo juiz – a história tem que seguir seu curso até a última linha do capítulo derradeiro.

Faltam três minutos – e tudo é sofrimento nas arquibancadas. Pelé domina a bola, parte para a área, dança na frente de Ubiñas, dá para Rivelino: é gol.

O autor já não tem dúvidas de que deve respeitar a poeira que guarda uma história de 20 anos. Os homens são outros, a história não pode ser a mesma, são três gols contra apenas um, Tostão afinal provou que o infinito tem fim.

O autor encontra um título para o novo livro: Os 11 Heróis de Jalisco.

» SEMIFINAL

17/6 JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 3 X 1 URUGUAI

J: José Maria Ortiz de Mendibil (Espanha); **P:** 51 261; **G:** Cubilla 18 e Clodoaldo 45 do 1º; Jair 30 e Rivelino 43 do 2º; **CA:** Carlos Alberto, Maneiro, Mujica e Fontes

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé. **T:** Zagallo

URUGUAI: Mazurkiewicz, Ubiñas, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortés e Maneiro (Spárrago); Cubilla, Fontes e Morales. **T:** Juan Hohberg

DOIS BICAMPEÕES MUNDIAIS FRENTE A FRENTE. SUL-AMERICANOS E EUROPEUS DECIDINDO QUEM ERAM OS VERDADEIROS REIS DO FUTEBOL . PARA MUITOS A FINAL

LEMYR MARTINS

Tostão e Pelé preparam os abraços para comemorar o quarto gol da Seleção, marcado por Carlos Alberto. A festa do tricampeonato estava

A TAÇA É NOSSA, PARA SEMPRE

Quatro gols, a maior garra do mundo, um futebol técnico, compassado e esmagador. Foi fazendo tudo isto, orientados pela calma de Gérson e a genialidade de Pelé, que os nossos 11 jogadores conseguiram arrasar a Itália – um time que nos criticava – e trazer para cá, e para sempre, a Jules Rimet

Estamos a um passo da eternidade. Dos pés, da inteligência, da garra de 11 homens de camisa amarela dependerá chegarmos à glória ou ficarmos um pouco distantes dela.

E a guerra para dar esse passo já começou para eles e para nós. Eles, calmos, guardando o campo de defesa nos primeiros minutos ou partindo com a rapidez de um relâmpago e a precisão de um computador para um contra-ataque.

O esquema inicial já foi mostrado. Jair aberto, o resto do ataque caindo mais para a esquerda, deixando nosso ponta para um duelo isolado com Fac-

pronta para começar

chetti. Tostão procura jogar em cima do líbero, Clodoaldo vigia Mazzola. Carlos Alberto aproveita bem as deslocações de Riva para o outro lado do campo e sobe para apoiar o ataque, embora cometa o erro de cruzar a bola da intermediária, em vez de ir até a linha de fundo.

Aos 11 minutos, o Brasil dá uma pequena demonstração de sua força: Carlos Alberto sobe e bate com força, rasteiro, Albertosi defende, segura firme. Depois disso, vem uma modificação no nosso time: Jair cai para meio e Facchetti, inocentemente, acompanha. O corredor para Carlos Alberto fica mais livre.

Mas essas subidas deixam, também, um claro em nossa defesa, que Riva aproveita para subir, obrigando Brito e Clodoaldo a cobrirem a lateral direita. E Riva (que ia acabar com as pretensões da "ridícula Seleção Brasileira") mostra apenas que era muita pretensão dos italianos chamá-lo de "rei do futebol".

O jogo vai indo mais ou menos igual. Dezessete minutos: Tostão consegue um lateral. Ele mesmo bate para Rivelino, que cruza muito alto. Mas não tão alto que a cabeça do maior jogador do mundo não possa alcançar: Pelé sobe muito mais que Facchetti e cabeceia no chão — uma cabeçada que mais parece um chute, de tão forte e tão perfeita. Brasil, 1 x 0.

No Estádio Azteca desce um velho e supersticioso medo: a história não registra uma única vitória em final de Copa do time que tenha feito o primeiro gol.

Mas uma velha alegria e uma certeza baixam sobre o Rio de Janeiro: a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira desce o morro em direção à cidade.

A bola sobe e desce no Azteca, com o público além de sua lotação normal. Pelé se prepara para bater uma falta pela esquerda (o Brasil está errando muitas). O Rei do Futebol finge que vai chutar, rola para a entrada de Rivelino. Pobre Rivelino, está nervoso e mal nesse jogo — escorrega, adianta a bola e perde o lance, quase dentro da pequena área.

Aos 28, outra falta — Rivelino chuta longe. E aos 37, o medo aumenta: Clodoaldo fica confiante demais, vai dar um passe de calcanhar na nossa intermediária, a bola vai ao peito de Mazzola, que marcha rumo ao nosso gol. Brito divide com ele, mas Félix vai parar lá na meia-lua e Boninsegna rola para o nosso gol: 1 x 1.

E o medo vai aumentando, por que o juiz alemão vai roubando escandalosamente o Brasil. Vai acabar o primeiro tempo. Rivelino cruza para Pelé, a bola ainda está no ar, vai cair nos pés de Pelé, na entrada da pequena area. Incrível: Pelé faz o gol, mas o juiz apita o fim do primeiro tempo faltando sete segundos.

Os 11 brasileiros voltam para o segundo tempo com a cabeça levantada, com um único pensamento: ganhar a Copa, nem que isto lhes custe as próprias cabeças. A Seleção volta mais agressiva: Carlos Alberto corre até à linha de fundo, cruza, Tostão chega atrasado. Cinco minutos: volta a gigantesca sombra do juiz: Pelé é seguro por Rosato dentro da área, o lance continua.

Seis minutos: falta que Rivelino vai bater na intermediária.

— Agora vai, pensa a torcida.

O Brasil já perdeu muitas faltas, mas essa vai no ângulo, num chute certeiro e forte. Aparece Albertosi.

Sete minutos, outra falta. Esta sobre Pelé, batida por Pelé, mas o chute sai torto, muito alto, indigno dos pés do Rei.

Jair anda sumido. São 20 minutos, lá vai ele agora com a bola, pelo meio, lutando. Perde. Lá vai Gérson, recupera, cai pela esquerda, chuta no canto e o Azteca explode. Com ele, 90 milhões de brasileiros gritam e pulam — 2 x 1.

Aos 22, Pelé é agredido sem bola por Bertini. O lance prossegue, com Pelé rolando de dor, mas à entrada da área do Brasil aparece milagrosamente, saindo não se sabe de onde, Brito — um dos melhores da defesa — para aterrissar o italiano e tirar-lhe a bola.

Agora são 25 minutos: os italianos atacam, não há ninguém tranqüilo — a não ser aqueles 11 homens de amarelo. Gérson lança alto na área, Pelé sobe e vê mais que todo mundo: é Jair entrando. E a bola não tem outro rumo: Jair, 3 x 1.

A Rede Unida de TV entra no ar com o fundo musical de "Salve a Seleção". Faltam três minutos para colocarmos a mão no caneco. Pelé rola na continha para Carlos Alberto — sai uma cacetada na bola, rasteira. Brasil, 4 x 1.

Carlos Alberto acaba de lavar suas mãos para receber, para sempre, essa Taça que ninguém mais vai ter.

» FINAL

21/6 AZTECA (CIDADE DO MÉXICO)

BRASIL 4 X 1 ITÁLIA

J: Rudi Gloeckner (Alemanha Oriental); **P:** 107 412; **G:** Pelé 18 e Boninsegna 37 do 1º; Gérson 20, Jairzinho 25 e Carlos Alberto 42 do 2º

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé. **T:** Zagallo

ITÁLIA: Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato e Facchetti; De Sisti, Bertini (Juliano) e Mazzola (Rivera); Domenghini, Boninsegna e Riva. **T:** Ferruccio Valcareggi

UM TIME MEDROSO, TRANCADO NA DEFESA E SEM IMAGINAÇÃO. A ESTRÉIA DOS TRICAMPEÕES NA ALEMANHA FOI UMA COMPLETA DECEPÇÃO

J. B. SCALCO

Luís Pereira afasta, observado por Jairzinho: os iugoslavos foram mais perigosos

ATÉ ONDE VAMOS COM A COVARDIA?

A estréia foi terrível. Agora chegou a hora de mostrar que o Brasil ainda tem futebol para ganhar a nova Copa

O esquema defensivo imposto por Zagallo pode até classificar o Brasil em segundo lugar no grupo 2, mas isso nos jogará contra a Alemanha Ocidental no turno seguinte e, certamente não será suficiente para nos garantir na final. Zagallo precisa meter na cabeça que o Brasil pode sair da Copa invicto e com o terceiro lugar nas costas, o que para a torcida é muito pior do que cair mais cedo tentando ganhar com o futebol ofensivo e alegre que já fez o mundo nos olhar com inveja e temor.

Zagallo saiu sorrindo do Waldstadion como se realmente estivesse satisfeito com o rendimento do Brasil. Ele poderia estar satisfeito com o resultado, nunca com rendimento. O que o time do Brasil fez em campo não passou de uma encenação, uma farsa, que não chegou a convencer nem mesmo os que dela participaram. Alguns chegaram a dizer que certos jogadores não demonstraram a mínima raça, e isso complicou a estréia.

É bem verdade que uma estréia na Copa tira qualquer jogador de seu normal, mas o que aconteceu com Paulo César, Valdomiro e às vezes Rivelino é completamente inadmissível — sem falar de Piazza, pois este simplesmente confirmou que suas qualidades técnicas são pequenas demais para o posto.

Do outro lado da medalha, houve jogadores que surpreenderam, como Marinho — o do Botafogo —, que guardou sua posição com muita raça, o tranqüilo Nelinho e o extraordinário central Marinho, que foi talvez a maior figura do jogo. Não fossem eles — a defesa —, o Brasil estaria hoje desesperado.

A grande lição do jogo, porém, foi quanto ao sistema de jogo empregado por Zagallo. Ele conseguiu deixar perplexos todos os jornalistas estrangeiros. Em nenhum momento do jogo o esquema de recuar em massa conseguiu desorientar a equipe da Iugoslávia, que — ao perceber que tinha pela frente apenas um time da maior timidez — saiu para o ataque e conseguiu criar pelo menos quatro oportunidades de gol definidas (O Brasil teve apenas uma, justamente quando a Iugoslávia ainda não havia se dado conta de que a grande equipe da Copa do México não existe mais).

Foi tão fácil parar os brasileiros que, em certo momento, os iugoslavos chegaram a desconfiar de alguma armadilha. Depois viram que não havia armadilha nenhuma — era pura covardia — e avançaram até o cuidadoso armador Muzinic, deixando apenas dois zagueiros tomando conta do meio do campo. E o Brasil não teve disposição nem competência para tirar partido disso.

Zagallo mostra extremado respeito pelos europeus.

— Contra eles não podemos jogar dando espaços. São mais rápidos que nós e têm condições de nos surpreenderem nos contra-ataques. Temos de atraí-los e partir para o contra-ataque.

Que contra-ataque? Partindo detrás de Marinho, Paulo César não vai chegar nunca a tempo; saindo detrás de Nelinho, Valdomiro não vai chegar nunca a tempo; salvando bolas na área, Leivinha não vai chegar nunca a tempo; só, lá na frente, Jairzinho não vai ver os companheiros chegarem a tempo. Isso tudo deve ter sido observado pelo técnico da Escócia. Ele viu, certamente, que havia jogadores brasileiros tremendo.

Foi decepcionante. Quem acompanhou a preparação da equipe brasileira durante três meses esperava que, na hora H, Zagallo soltasse mais seus jogadores, permitisse que eles ao menos fustigassem os adversários, tentassem decidir alguma coisa. Que nada! Não dá para entender esse novo espírito na Seleção de um país com o futebol que tem o Brasil, com craques como Jairzinho, Rivelino e Paulo César.

PRIMEIRA FASE - 1º JOGO

13/6 WALDSTADION (FRANKFURT)

BRASIL 0 X 0 IUGOSLÁVIA

J: Rudolf Scheurer (SUI); **P:** 62 000

BRASIL: Leão, Nelinho, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho; Piazza, Leivinha e Rivelino; Valdomiro, Jairzinho e Paulo César. **T:** Zagallo

IUGOSLÁVIA: Maric, Buljan, Katalinski, Bogicevic e Hadziabdic; Muzinic, Oblak e Acimovic; Petkovic, Surjak e Dzajic. **T:** Milan Miljanic

A SELEÇÃO MARCA SEUS PRIMEIROS GOLS NA COPA DIANTE DO INOFENSIVO ZAIRE E CONSEGUE A CLASSIFICAÇÃO NO SUFOCO. SE NÃO MELHORAR...

AINDA TEMOS DE MELHORAR MUITO

Classificados estamos, embora em segundo lugar. Agora, porém, esses empates de 0 x 0 não bastam para o Brasil

A Alemanha Oriental vai ser um adversário muito difícil. Aliás, qualquer dos times classificados para o segundo turno final seria inimigo perigoso, pois agora é preciso ganhar para ser o primeiro do grupo e chegar à finalíssima da Copa. E para ganhar é preciso atacar, perder o medo, jogar futebol como os brasileiros sabem fazer.

O 3 x 0 sobre o Zaire foi a conta-do-chá para o Brasil se classificar pelo saldo de gols. Mas a conta-do-chá não é, evidentemente, suficiente para ganhar o segundo turno final e chegar à finalíssima. Zagallo, na tradicional entrevista coletiva após o jogo, não se mostrava muito otimista:

— A Seleção tem condições de subir de produção, mas os jogos têm demonstrado que este vai ser um campeonato muito equilibrado e é impossível fazer prognósticos. Para nós é um campeonato mais difícil do que o de 1970.

Mais difícil porque os outros melhoraram ou porque nós pioramos?

— Nós estamos numa fase de transição, mas os outros estão encontrando muita dificuldade para nos derrotar. Veja que nem a Iugoslávia nem a Escócia conseguiram marcar gols em nós.

Nem nós neles. A verdade é que foi preciso pegar a fraquíssima equipe do Zaire para marcar três gols — e assim mesmo em meio a uma agonia terrível, com o Brasil jogando muito mal.

— Quando saiu o primeiro gol, ainda aos 13 minutos (com Jairzinho), a equipe devia ter se tranqüilizado, mas aconteceu exatamente o contrário — explicou Zagallo. — Os jogadores sentiram a responsabilidade, ficaram mais nervosos, e o jogo se complicou. Além disso, o Zaire jogou preocupado em não tomar outra goleada; isso nos dificultou.

Dificultou mais do que seria lícito supor. Quase que o gol da classificação não saiu. A sorte decidiu a parada. Aos 34 minutos, Nelinho desceu pela meia direita, atraindo a defesa e abriu para Valdomiro, livre na ponta. Ele fechou para a área e arriscou — foi um chute fraco, quase sem ângulo, mas Kazadi deixou a bola passar entre seus braços e sob seu corpo, engolindo um frango após ter feito uma estupenda partida.

O Brasil estava classificado. Nesta quarta-feira, em Hannover, inicia sua participação no segundo turno final contra a Alemanha Oriental. E ninguém pense que, embora estreantes, os alemães sejam sequer parecidos com os ingênuos africanos. É mais correto supor que o Brasil encontrará um time ainda mais duro que a Escócia, que nos fez tremer de sofrimento. O primeiro adversário do Brasil no segundo turno final é um time que, sem seu melhor atacante e grande artilheiro, foi capaz de encontrar o caminho do gol numa defesa que tem o maravilhoso Beckenbauer. Será que foi mesmo um bom negócio pegar os estreantes alemães orientais, em vez dos poderosos ocidentais?

J. B. SCALCO

Paulo César, contra a Escócia: outro 0 x 0

» PRIMEIRA FASE - 2º JOGO

18/6 WALDSTADION (FRANKFURT)

BRASIL 0 X 0 ESCÓCIA

J: Arie Van Gemert (HOL); **P:** 50 000
BRASIL: Leão, Nelinho, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho; Piazza, Leivinha (Carpegiani) e Rivelino; Jairzinho, Mirandinha e Paulo César. **T:** Zagallo
ESCÓCIA: Harvey, Jardine, McGrain, Holton e Bichan; Bremner, Hay e Dalglish; Morgan, Jordan e Lorimer. **T:** William Ormond

» PRIMEIRA FASE - 3º JOGO

22/6 PARK STADIUM (GELSENKIRCHEN)

BRASIL 3 X 0 ZAIRE

J: Nicolae Rainea (ROM); **P:** 35 000; **G:** Jairzinho 12 do 1º; Rivelino 21 e Valdomiro 34 do 2º
BRASIL: Leão, Nelinho, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho; Piazza (Mirandinha), Leivinha (Valdomiro) e Rivelino; Paulo César, Jairzinho e Edu. **T:** Zagallo
ZAIRE: Kazadi, Mwepu, Mukombo, Buhanga e Lobilo; Kibonge, Tshinabu (Kilasu) e Mana; Ntumba, Kidumu (Kembo) e Myanga. **T:** Blagoje Vidinic

Rivelino enfrenta o frágil Zaire: o gol da classificação só veio a dez minutos do fim

ZAGALLO MEXE NO TIME, QUE REAGE. MAIS NA BASE DA RAÇA, É VERDADE. MAS A SELEÇÃO, PELA PRIMEIRA VEZ, COLOCOU A CARA PARA BATER

FUTEBOL DOS MACAQUINHOS

Vocês conhecem a história do namorado da girafa? Pois é, o Brasil precisa fazer como aquele macaquinho, subindo e descendo sem descanso para conter o ataque holandês

Zagallo, enquanto trocava abraços com Chirol e alguns reservas, mostrava o rosto avermelhado de tanta emoção. Animada, a torcida brasileira cantava sambas com toda a força dos pulmões, exibia faixas e agitava bandeiras do Brasil. Os jogadores saíam de campo abraçados, como se ali estivessem onze velhos e inseparáveis amigos.

Na vitória sobre a Alemanha Oriental, a Seleção não fez "uma primorosa demonstração da qualidade técnica de nosso futebol", como disse Zagallo. Mas a vitória teve um significado maior: pela primeira vez a Seleção usou a garra para superar seus defeitos.

Foi preciso passar por um susto no primeiro turno final. Mas valeu a pena, pois Zagallo se convenceu de que era impossível continuar confiando apenas na retranca e nas "qualidades indiscutíveis" de certos jogadores.

Pelo menos em relação ao jogo com a Alemanha Oriental não se pode negar esse mérito a Zagalo. Ele chegou à conclusão de que era preciso mudar já ao fim da partida com o Zaire.

— Quando entrei no ônibus os macaquinhos começaram a se agitar na minha cabeça.

Benditos macaquinhos. Contra a Alemanha Oriental estava em campo um time bastante diferente. Zé Maria deveria mesmo voltar, pois já estava mais que curado. Paulo César do Inter tinha ganho a posição de Piazza, Dirceu fazia a sua estréia, Paulo César do Flamengo passava para a meia-direita.

O objetivo era dar mais movimentação à equipe. Zagallo conseguiu mais: um time guerreiro. Com mais acertos do que erros, a Seleção chegou ao gol. E depois disso, para surpresa e alegria do próprio Zagallo, o time continuou a procurar outros gols, criando oportunidades com a maior naturalidade, como se seu novo espírito já estivesse amadurecido. Falhou na defesa uma única vez.

Um dos que mais vibraram com a vitória foi Paulo César do Inter. Apontado pela maioria dos jornalistas estrangeiros como o principal responsável pela organização da Seleção contra os alemães, ele parecia ter decorado a explicação de seu sucesso nas novas funções:

— Eu sou como um ator de teatro, que uma vez aparece num papel e depois em outro muito diferente. Eu sou sempre o mesmo homem, mas estou preparado para interpretar o papel que me couber.

Zagallo procurou cercar-se da ajuda de todos os que se mostraram dispostos a dar sua contribuição. Caso do preparador físico e técnico Paulo Amaral, que acabou como olheiro de nossos adversários. Nessa condição ele foi ver o jogo entre argentinos e holandeses.

No dia seguinte foi à concentração para dar o serviço a Zagallo, mas não recusou falar aos repórteres sobre suas observações. Mas, a rigor, tudo o que viu se resume num fato: os argentinos marcaram homem-a-homem e, por isso, foram goleados. Puxando do bolso um papel todo riscado, confessou um tanto constrangido:

— Eu pretendia marcar aqui, de modo compreensível, as deslocações de todos, os holandeses. Mas elas foram tantas que, aos 10 minutos do primeiro tempo, eu já não entendia mais nada...

LEMYR MARTINS

Jairzinho encara os alemães, observado por Paulo César: Ufa! Temos futebol

SEGUNDA FASE - 1º JOGO

26/6 NIEDERSACHEN STADIUM (HANNOVER)

BRASIL 1 X 0 ALEMANHA ORIENTAL

J: Clive Thomas (GAL); **P:** 58 463; **G:** Rivelino 15 do 2º
BRASIL: Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho; Carpegiani, Rivelino e Paulo César; Valdomiro, Jairzinho e Dirceu. **T:** Zagallo
ALEMANHA ORIENTAL: Croy, Kische, Waetzlich, Lauck (Loewe) e Bransch; Weise, Streich e Hamman (Irmscher); Sparwasser, Kurbjuweit e Hoffmann.
T: Georg Buschner

SEGUNDA FASE - 2º JOGO

30/6 NIEDERSACHEN STADIUM (HANNOVER)

BRASIL 2 X 1 ARGENTINA

J: Vital Louraux (BEL); **P:** 38 000; **G:** Rivelino 32 e Brindisi 35 do 1º; Jairzinho 5 do 2º
BRASIL: Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho; Carpegiani, Rivelino e Paulo César; Valdomiro, Jairzinho e Dirceu. **T:** Zagallo
ARGENTINA: Carnevalli, Glaria, Heredia, Bargas e Sá (Carrascosa); Brindisi, Squeo e Babington; Balbuena, Ayala e Kempes (Houseman).
T: Vladislao Cap

OS HOLANDESES NOS DERAM UMA AULA DE COMO SE JOGA FUTEBOL. OS POLONESES JOGARAM A PÁ DE CAL. O QUARTO LUGAR ATÉ QUE FICOU BOM

Marinho duela com Lato no jogo que deixou o Brasil em quarto lugar: de bom tamanho

O TIME ERRADO NO LUGAR CERTO

Uma estratégia defensiva, jogadores mal convocados, um técnico superado. Lato, no sábado, completou o trabalho que Neeskens e Cruyff haviam iniciado na quarta-feira. E o Brasil acabou no quarto lugar. É hora de pensar e se renovar*

"Tiramos o quarto lugar? Ótimo, está compatível com o futebol brasileiro do momento. Agora é tocar pra outra."

O desabafo conformado de Rivelino parece perfeito. Inteiramente batido pelo futebol mais moderno das três equipes européias à sua frente, a Seleção Brasileira devia voltar feliz por ter jogado no maravilhoso Estádio Olímpico de Munique, honra reservada apenas aos melhores. Mas ninguém pode se dar por satisfeito com o futebol medíocre apresentado, incompatível com a tradição brasileira de três títulos mundiais.

Agora é tocar pra outra, realmente, para evitar o vexame suspeitado antes mesmo da primeira partida, naqueles amistosos de triste memória, ligeiramente afastado por fortuitas vitórias sobre adversários que se revelaram ainda mais fracos, no fim das contas, e inteiramente confirmado na partida contra a Holanda — já nem vamos falar do melancólico jogo com a Polônia.

Ah, a Holanda! Clodoaldo chorava como uma criança, talvez desconfiado de que nem mesmo sua presença poderia ter salvo o Brasil. Era uma missão impossível, para aquele time tão inferior ao de quatro anos atrás — em qualidade e espírito —, tentar o tetra contra adversários que progrediram tanto.

Nas vésperas do jogo, Zagallo já reconhecia que a Holanda era melhor. Os jogadores também.

Não deu pé. Como não sabe atacar sem se abrir, o Brasil deu espaço para Cruyff trabalhar pela ponta-direita, atrair a marcação de Marinho Peres e lançar rasteiro para a entrada de Neeskens, que chegou antes de Luís Pereira e tocou por cima de Leão.

Foi uma ducha de água fria, disse Zagallo. Engano do técnico. Na verdade, o gol esquentou o ânimo do Brasil, que partiu desvairadamente ao ataque, com avanços constantes de Luís Pereira e do lateral Marinho, e transformou o jogo num espetáculo de violência — com a inexplicável colaboração da Holanda.

Neste ambiente, o segundo gol holandês foi questão de tempo. A bola foi para Rensenbrink e dele para a entrada de Cruyff, que fuzilou Leão.

Entre a derrota para a Holanda e a decisão de sábado, a delegação brasileira virou um saco de gatos, com jogadores simulando contusões para não jogar ou mesmo declarando que não entrariam em campo em nome de uma insuspeitada dignidade pessoal ou profissional.

E assim, finalmente, o Brasil entrou em campo para enfrentar a Polônia com Ademir da Guia escalado. Não adiantou nada — menos por culpa de Ademir, que jogou bem, e mais por culpa do triste estado de espírito de todo o time.

— Para quem se preparou para o título, disputar um terceiro lugar não motiva — explicaria Zagallo depois, numa entrevista extremamente debochada.

Isso pode ser verdade. Mas quem pode ser terceiro e prefere ficar em quarto não deve nem pensar em ser o primeiro. Ainda bem que o artilheiro Lato, com seu sétimo gol, colocou a Seleção Brasileira no lugar que merecia: a pior entre as quatro finalistas.

» SEGUNDA FASE - 3º JOGO

3/7 — WESTFALEN STADIUM (DORTMUND)

BRASIL 0 X 2 HOLANDA

J: Kurt Tschencher (ALE); **P:** 52 500; **G:** Neeskens 5 e Cruyff 20 do 2º; **E:** Luís Pereira

BRASIL: Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho; Carpegiani, Rivelino e Paulo César (Mirandinha); Valdomiro, Jairzinho e Dirceu. **T:** Zagallo

HOLANDA: Jongbloed, Suurbier, Krol, Haan e Rijsbergen; Neeskens (Israel), Van Hanegem e Jansen; Rep, Cruyff e Rensenbrink (De Jong). **T:** Rinus Michels

» DISPUTA DO TERCEIRO LUGAR

6/7 — OLYMPIA STADIUM (MUNIQUE)

BRASIL 0 X 1 POLÔNIA

J: Aurelio Angonese (ITA); **P:** 74 100; **G:** Lato 30 do 2º

BRASIL: Leão, Zé Maria, Alfredo, Marinho Peres e Marinho; Carpegiani, Rivelino e Ademir da Guia (Mirandinha); Valdomiro, Jairzinho e Dirceu. **T:** Zagallo

POLÔNIA: Tomaszewski, Szymanowski, Zmuda, Gorgon e Musial; Kasperczak (Cmikiewicz), Deyna e Maszczyk; Lato, Szarmach (Kapka) e Gadocha. **T:** Kazimierz Gorski

**Enviados especiais: Michel Laurence, Divino Fonseca, Antônio Augusto, Sérgio Sade, Zeka Araujo e J. B. Scalco*

ESTRÉIA APAGADA, MUITAS DECEPÇÕES, NOVAS INCERTEZAS: O EMPATE COM A SUÉCIA MOSTRA QUE O CAMINHO RUMO AO TÍTULO SERÁ ÁRDUO

PERDENDO GOLS, BRASIL DEIXA FUGIR A VITÓRIA

Em Copa do Mundo, o gol é tudo ou nada – e a chance perdida por Toninho pode representar sério desfalque nos nossos sonhos de chegar ao título. Foi, em todo caso, um sábado ruim para toda a Seleção, que não revelou nenhuma inspiração e deve mudar muito, para melhorar

POR DIVINO FONSECA, DE MAR DEL PLATA

Antes de tudo, seria preciso reconhecer que Cláudio Coutinho tinha bons motivos para se mostrar decepcionado com alguns jogadores. Decepção especialmente com Zico, uma das maiores esperanças brasileiras de gol, de arte, de lances capazes de encantar o mundo. Zico, a quem Coutinho sempre defendeu e escalou entre seus indiscutíveis titulares. E o que era do Galinho de Quintino, perdido em campo, não participando da guerra pela bola, não procurando espaços para manobrar, perdendo todas as divididas?

De fato, uma decepção, mesmo se tendo em conta que até os melhores jogadores têm direito de jogar mal. Mas Zico foi tão mal, que mesmo os que estiveram abaixo de suas possibilidades, passaram quase despercebidos.

Houve outros, claro. Edinho repetiu suas medíocres atuações, principalmente no apoio. O sempre esforçado Gil, que passou a semana comentando um videoteipe da Suécia, bolando jogadas, se enchendo de esperanças com futuros overlappings com Toninho, foi um búfalo doente, sem inspiração, sem pique. Toninho perdeu o duelo com Wendt.

Até Batista esteve abaixo do permissível. Foi um guerreiro na entrada da área e na cobertura dos laterais, agüentou uma barra pesada, mas quando se desprendeu, acertou poucos passes.

Rivelino, que entra em sua segunda Copa tentando repetir o Gérson de 70, não está conseguindo nada. Lutou, tentou, orientou, mas além dos dribles curtos em sua intermediária, nada mais deu de si que justificasse a curiosidade dos torcedores marplatenses. Dele, o técnico George Ericsson dizia, após o jogo:

– É um bom jogador. Mas não dá muito trabalho anulá-lo. E, pelo menos desta vez, o sueco tinha razão.

Afinal, quem esteve bem? Bem mesmo, só Leão, que não teve culpa no gol, defendeu as possíveis e, no 2º tempo, num contra-ataque de Bo Larsson, uma quase impossível.

Coutinho tinha mesmo bons motivos para estar triste, abatido. Decepcionado, diante de jornalistas, ele justificou: "Os mais jovens tiveram sua emotividade aumentada. Mais ainda, a partir do gol da Suécia. Alguns não renderam o que deviam e isso afetou o conjunto."

Foi mesmo só isso? Não teria também o conjunto afetado os jogadores? Ou melhor: não seria, mais uma vez, o esquema de jogo dificultando os movimentos dos jogadores? Não estaria Coutinho dando razão aos seus críticos, deduzindo de seus esquemas teóricos alguns efeitos que os jogadores, na prática, não são capazes de proporcionar?

O público estava disposto a torcer pelo Brasil. Até começou incentivando. Aos poucos, porém, cansou de ver tanta gente para segurar um meio-campo e tão poucos com disposição para entrar na área, passando a torcer para os suecos. No fim, começou a gritar Argentina, Argentina. Era o protesto contra o futebol defensivo, que não chega a ser surpresa quando praticado por europeus. mas que decepciona se o praticante é sul-americano, especialmente brasileiro.

— Esta é a Copa do equilíbrio — opinava Coutinho. — Não se enganem aqueles que esperam um Brasil absoluto.

» PRIMEIRA FASE - 1º JOGO

3/6 (MAR DEL PLATA)

BRASIL 1 X 1 SUÉCIA

J: Clive Thomas (PG); **P:** 32 569; **G:** Sjoberg 36 e Reinaldo 46 do 1°; **CA:** Oscar

BRASIL: Leão, Toninho, Oscar, Amaral e Edinho; Batista, Toninho Cerezo (Dirceu) e Rivelino; Gil (Nelinho), Reinaldo e Zico. **T:** Cláudio Coutinho

SUÉCIA: Hellstrom, Borg, Andersson, Nordqvist e Erlandsson; Tapper, L. Larson (Edström) e Linderoth; Bo Larsson, Sjoberg e Wendt. **T:** George Ericsson

J. B. SCALCO

Amaral afasta o perigo: o zagueiro foi um dos poucos destaques contra os suecos

MAIS UM EMPATE E, EM SEGUIDA, UMA VITÓRIA NO SUFOCO CONTRA OS AUSTRÍACOS: A CLASSIFICAÇÃO ESTAVA GARANTIDA, MAS FUTEBOL QUE É BOM...

JOSÉ PINTO | CARLOS NAMBA

Jorge Mendonça passa por um zagueiro da Áustria; Reinaldo briga na área, contra um punhado de espanhóis: ligeira evolução

COMEÇAMOS A ENGRENAR

O Brasil provou que é um time de chegada. Sem esquema, contra o esquema, apesar do esquema, a Seleção cumpriu a exigência: ganhar. Ocupando os espaços, indo à bola com gana, as nossas feras mostraram que a Copa pode ser nossa

POR DIVINO FONSECA, DE MAR DEL PLATA

Não foi, como se costuma dizer nessas ocasiões, a vitória da raça e da vergonha dos jogadores brasileiros. Nos jogos anteriores, quase todos eles não deixaram de mostrar raça e vergonha. Nem foi a vitória da técnica maravilhosa de nosso futebol. Maravilhosa, já é sonho. E a técnica não esteve muito presente, nem nos pés nem na cabeça de nossos jogadores. Do que, aliás, o gol de Roberto já é um bom exemplo. Foi, antes de tudo, a vitória de um time colocado diante de uma opção crucial: ganhar ou morrer, atacar ou sair de cena.

Mas, se o Brasil não conseguiu desmanchar completamente a impressão deixada antes, ficando longe de empolgar a torcida e provocando ainda resmungos de desconfiança nos críticos, a verdade é que cumpriu as exigências.

A Áustria estava garantida? Seus atletas não expuseram as canelas, como talvez expusessem se as situações fossem inversas? Problema da Áustria.

Era o time do almirante Heleno Nunes, com Rodrigues Neto no lugar de Edinho, Jorge Mendonça no de Zico e Roberto no de Reinaldo? Ou era o time de Coutinho? Não vinha ao caso. Naquela hora e meia, tudo era Brasil.

Nada de brilhante, de excepcional, apenas um time bem armado. Sem esquemas especiais, sem obrigações difíceis de serem cumpridas. Partindo da simplicidade, porque difícil já é o gol. E, aos 40 minutos, finalmente, a torcida brasileira e a argentina também, irritada com a displicência austríaca, explodiram. Gil zanzou e fez o chuveirinho. Roberto dominou como sabe e chutou bonito, no canto direito alto.

Com a mesma disposição do primeiro tempo, o time foi à frente, em busca da cabeça-de-chave, sem temer o empate que o mandaria de volta. Na verdade, o que deu ao time aquela fluência de jogadas, aquela apreciável naturalidade de movimentos, foi a boa partida do crioulo Jorge Mendonça. Escalado no lugar de Zico, que esgotou rapidamente seu imenso crédito, Mendonça fez exatamente o que se pedia ao Galinho de Quintino. Com sua capacidade de conduzir a bola, ele passava facilmente por apoiadores e zagueiros. Procurou as tabelas com Roberto e as conseguiu nas vezes em que o centroavante compreendeu e acertou. Procurou os espaços, principalmente o deixado por Dirceu na esquerda nos momentos certos. E só não garantiu sua posição pelo restante da participação do Brasil na Argentina porque perdeu três gols — o que não será problema se Coutinho (ou o almirante) pensar na base do "erra quem tenta".

A movimentação de Mendonça era tão importante que se podia, em parte, creditar a ela o crescimento de Cerezo. Assim, direta ou indiretamente, quem se beneficiava era Roberto, o preferido do almirante, que ganhava o apoio que faltou a Reinaldo. O time chegou a alcançar momentos de completa sincronia.

De quem era este time?

— Todos estão aí dizendo que eu faço pressões, Coutinho — dizia o almirante para todos o ouvirem, na saída da sala de entrevistas, enquanto abraçava o técnico. — Não é verdade.

Mas, sem se conter, acrescentava:

— Agora, que é meu time, isso é!

Embaraçado, Coutinho respondia:

— Meu também, almirante...

» PRIMEIRA FASE - 2º JOGO

7/6 (MAR DEL PLATA)

BRASIL 0 X 0 ESPANHA

J: Sergio Gonella (ITA); **P:** 34 775; **CA:** Reinaldo
BRASIL: Leão, Nelinho (Gil), Oscar, Amaral e Edinho; Batista, Toninho Cerezo e Zico (Jorge Mendonça); Toninho, Reinaldo e Dirceu. **T:** Cláudio Coutinho
ESPANHA: Miguel Angel, Pérez, Migueli (Biosca), Olmo e Uría (Guzmán); San José, Leal e Asensi; Juanito, Santillana e Cardeñosa. **T:** Ladislao Kubala

» PRIMEIRA FASE - 3º JOGO

11/6 (MAR DEL PLATA)

BRASIL 1 X 0 ÁUSTRIA

J: Robert Wurtz (FRA); **P:** 35 221; **G:** Roberto 40 do 1º
BRASIL: Leão, Toninho, Oscar, Amaral e Rodrigues Neto; Batista, Cerezo (Chicão) e Jorge Mendonça (Zico); Gil, Roberto e Driceu. **T:** Cláudio Coutinho
ÁUSTRIA: Koncilia, Sara, Pezzey, Obermayer e Breitenberger; Prohaska, Hickersberger (Weber) e Kreuz; Krieger (Happich), Krankl e Jara. **T:** Helmut Senekowitsch

RENOVADO, O TIME DE COUTINHO NÃO ESMORECEU DIANTE DOS SUL-AMERICANOS: DESPACHOU OS PERUANOS COM FACILIDADE E DEPOIS, NUMA GUERRA, RESISTIU

VAMOS GANHAR E DEPOIS TORCER

Ninguém discute: desde o jogo com a Áustria nosso time vem em ascensão. Pelo que mostrou contra a Argentina, vai faturar também a Polônia. O importante é ganhar com folga para melhorar nosso saldo de gols. E torcer contra a Argentina, que joga sabendo nosso resultado – absurdo privilégio **POR DIVINO FONSECA E SÉRGIO A. CARVALHO**

J. B. SCALCO

Dirceu e Roberto nos 3 x 0, fácil, fácil, contra o Peru: o problema é que foi de pouco

Quando o húngaro Karoly Palotai apitou o fim do jogo, o ponta-direita Bertoni, que respondera com uma cusparada na cara cada falta de Edinho, ergueu as mãos para o ar. Aproximou-se de seu implacável – apesar de desastrado – marcador e o abraçou. Depois, pediu para trocarem de camisas. Edinho aceitou, acabrunhado.

A alegria argentina não era aquela tão intensamente esperada. A alegria da vitória, para acabar de vez com a banca do maior inimigo, ao qual não vence há oito anos. O Brasil tinha sido mais duro e indigesto do que todos pensavam. Mas a Argentina tinha ganho, apesar do 0 x 0. Simplesmente porque é mais fácil prever uma vitória dos argentinos sobre os já desmotivados peruanos do que uma do Brasil sobre a Polônia, cheia de moral depois de ganhar do Peru e ficar a 1 ponto dos líderes. Assim, a vantagem de um gol do Brasil (três, contra dois da Argentina) é apenas relativa.

Raciocinando, de acordo com a periculosidade de nosso ataque: podemos ganhar de 1 x 0 da Polônia, mas não é improvável que a Argentina enfie três no Peru, ainda mais que ela jogará sabendo quantos gols precisará fazer. E se os dois líderes terminarem empatados? Aí, dá Argentina na final. A Argentina ganha porque fez 4 gols enquanto o Brasil não marcou mais de 2. Não há dúvida: a guerra de domingo, em Rosário, continua nesta quarta-feira.

– Para mim tudo é difícil – desabafava Coutinho, no momento em que soube da vitória da Argentina sobre a Polônia, no mesmo dia em que o Brasil bateu o Peru. – Vamos ter de decidir este grupo contra os argentinos.

Não foi a decisão, assim como a vitória daquele dia em Mendoza não tinha sido "a verdadeira estréia" do Brasil.

Coutinho, na verdade, queria um time "de força" para segurar o que imaginava ser um ímpeto quase irrefreável da Argentina, jogando no chamado Caldeirão do Diabo. Queria Chicão e Batista lutando pela posse da bola, como sabem. Queria Dirceu fechando pelo meio-campo, Jorge Mendonça recuando. Na frente, também na base da força, Gil e Roberto, fazendo o melhor uso das poucas bolas que recebiam. Cada um perdeu um gol, é verdade, mas em compensação a Argentina teve apenas uma chance, não aproveitada por Ortiz. A Argentina tinha sido contida. Se alguém pode lamentar esse empate é Coutinho.

Deveria ser uma guerra, para machões. Desde que a Seleção chegou à cidade, o clima não era fácil. Até às 3 da madrugada, a polícia permitiu que os torcedores acionassem buzinas à frente do Hotel Libertador, onde a Seleção tentava dormir.

O jogo começou com muita catimba, como se esperava. A cada falta que recebia, Luque simulava ter sido agredido. Bertoni cuspia tanto que parecia um chafariz. Mais de uma vez o time argentino cercou o juiz. E tudo foi aceito com naturalidade, exceto por Leão, que foi impedido a tempo de ir peitar Luque e muitas vezes pediu a Batista que acertasse o centroavante no braço machucado.

Na bola, também, a garra era parelha. Graças à escalação, à estratégia e, mais do que tudo, à gana, o time via os minutos passarem sem que a Argentina conseguisse impor o seu ritmo. Depois de poucos minutos, quando marcaram os homens errados, Chicão ficou com o pesadão Kempes e Batista grudou no lépido Ardiles. Acertada a marcação, a defesa pôde jogar com tranqüilidade.

Mas era o meio-campo o ponto alto da equipe. Porque Batista lutava como um louco até conseguir a bola. E porque Chicão trombava, dividia, cobria, e também se comportava como um armador. E porque Jorge Mendonça, mesmo saltando em algumas divididas mais perigosas, ajudava atrás e acalmava o jogo na hora de atacar, quase sempre fazendo bons passes. E, finalmente, porque Dirceu deu a contribuição que se esperava dele, o pulmão mais privilegiado da equipe. Assim, chegava a ser confortador ver, por momentos, a torcida argentina se calar diante das dificuldades de seu time em sair da própria defesa. E, certamente, um silêncio de cemitério cairia sobre o Caldeirão do Diabo se, aos 16 minutos, Gil, depois de passar por dois beques na corrida, não tivesse chutado no corpo de Fillol. Mas talvez fosse injusto exigir tanto da Seleção.

As dificuldades do ataque aumentavam porque o Brasil raras vezes procurou burilar as jogadas. O passe menos óbvio jamais foi tentado. Roberto, assim, recebeu tantos passes altos, em diagonal, que cansou de saltar. Recuar para buscar jogo? Ele não sabe como fazê-lo, e talvez nem tenha pensado nisso, imaginando a solidão que tomaria conta de Gil.

O ataque funcionou pouco. Quanto à defesa, total confiabilidade. A não ser, claro, que Rodrigues Neto não se recupere a tempo. Pois foi a partir da entrada de Edinho, a 35 minutos, que a Argentina descobriu o caminho que procurava desde o início. Um equívoco como lateral, Edinho perdeu todos os lances mano-a-mano com Bertoni e exigiu de Amaral um desdobramento contínuo. Oscar, sim, foi irrepreensível, ganhando todas de Luque e não permitindo nenhuma tentativa de jogo aéreo. Toninho, na direita, percebeu logo as firulas de Ortiz e tomou conta, dando-se ao luxo até de apoiar à vontade. Agora, é a vez da Polônia, time contra o qual só há uma arma a usar: atacar, atacar do inicio ao fim, com decisão e gana.

ARGENTINA: TENSÃO DEMAIS

Se a Argentina é, realmente, tudo aquilo que o técnico Menotti andou dizendo, no final da semana passada, ninguém deve duvidar de sua classificação para a final de domingo. Quarta-feira, enfrenta um velho freguês, o Peru, e uma goleada é considerada líquida e certa pelo técnico:

—Não vejo como a nossa Seleção possa ser considerada inferior a qualquer outra do grupo. Somos, inclusive, superiores ao Brasil. Não concordo, também, com esse negócio de que nossos jogadores estão nervosos. É só impressão.

Domingo, porém, a convicção de Menotti não foi comprovada. Seu time entrou nervoso para enfrentar um adversário que considera inferior e, em nenhum momento, conseguiu controlar-se e executar algo de positivo. Menotti começou a fazer planos para o jogo com o Peru, logo após o empate contra o Brasil. Há tempos ele tem feito o possível para evitar o contato de seus jogadores com a imprensa, para impedir as costumeiras especulações sobre o problema emocional da Seleção. A torcida, de qualquer forma, já percebeu e comenta o problema com certa irritação. Não admite que seu país perca esta chance de chegar a seu primeiro título mundial. Os jogadores sabem disso, vêem sua responsabilidade aumentar a cada instante e se perturbam mais ainda.

Eles sabem: se precisarem de uma goleada sobre o Peru, terão de se lançar à frente — o que significa arriscar-se a uma derrota. E se tal acontecer, jamais esquecerão 1978, como os brasileiros não se esquecem de 1950.

» SEGUNDA FASE - 1º JOGO

14/6 (MENDOZA)

BRASIL 3 X 0 PERU

J: Nicolae Rainea (ROM); **P:** 31 278; **G:** Dirceu 14 e 27 do 1º; Zico (pênalti) 27 do 2º; **CA:** Manzo e Roberto
BRASIL: Leão, Toninho, Oscar, Amaral e Rodrigues Neto; Batista, Toninho Cerezo (Chicão) e Jorge Mendonça; Gil (Zico), Roberto e Dirceu. **T:** Cláudio Coutinho
PERU: Quiroga, Duarte, Manzo, Chumpitaz e Díaz (Navarro); Velásquez, Cueto e Cubillas; Muñante, La Rosa e Oblitas (Percy Rojas). **T:** Marcos Calderón

» SEGUNDA FASE - 2º JOGO

18/6 (ROSÁRIO)

BRASIL 0 X 0 ARGENTINA

J: Karoly Palotai (HUN); **P:** 37 326; **CA:** Villa, Edinho, Chicão e Zico
BRASIL: Leão, Toninho, Oscar, Amaral e Rodrigues Neto (Edinho); Batista, Chicão e Jorge Mendonça (Zico); Gil, Roberto e Dirceu. **T:** Cláudio Coutinho
ARGENTINA: Fillol, Olguín, Galván, Passarella e Tarantini; Gallego, Ardiles (Villa) e Kempes; Bertoni, Luque e Ortiz (Alonso). **T:** Cesar Menotti

J. B. SCALCO

Chicão sai com a bola dominada na batalha de Rosario: o Brasil não tremeu

OS COMANDADOS DE COUTINHO PASSARAM PELOS POLONESES E PASSARAM A DEPENDER DE UMA AJUDAZINHA DO PERU CONTRA A ARGENTINA: SÓ RINDO...

O PERU EXAGEROU

O Peru resistiu durante meia hora. Mas, depois, resolveu abrir o jogo vergonhosamente. Quiroga não queria se expor, ele que teve de abandonar o país, indo para o Peru, acusado de entregar um jogo de campeonato. Não haveria saldo de gols que resistisse...

POR SÉRGIO A. CARVALHO

"Chora Brasil, chora Brasil, Argentina canta, chora Brasil..." As quarenta e duas mil pessoas que quase lotaram o Estádio do Rosário Central cantaram com a força que tinham para dar. "Llora Brasil..."

Estava tudo acabado. Incrível: eu tinha acabado de ver uma dessas coisas que a gente sempre acha que nunca vai ver. Numa Copa do Mundo, imagina-se que as seleções se superam em tudo — raça, técnica e talento — para vencer diante do testemunho mais importante que os jogadores podem exigir: a presença da imprensa de todo o mundo. Teoria superada. O Peru perdeu para a Argentina por 6 x 0, sem resistência alguma, entregando uma vitória que classificou a dona da festa para a grande e esperada final. Em nenhum momento, o Peru simulou estar disputando um jogo de Copa. Estava aí como uma presa.

À Argentina não restou qualquer opção depois que o Brasil venceu a Polônia por 3 x 1. Era golear ou golear.

Já aos 5 minutos do segundo tempo o coro era alto e triste para um brasileiro: "Llora Brasil, llora Brasil. Argentina canta, llora Brasil..."

Ninguém podia fazer nada. De nervosos e inseguros no início os argentinos estavam absolutamente calmos e conscientes já na metade do jogo. O Peru ajudando. E como ajudou. Quesada queria tirar de calcanhar as bolas que caíam na área. Velasquez queria driblar todo o ataque argentino dentro da sua própria área. Enfim, os peruanos simularam um esforço que até parecia coisa de cinema.

Durante três dias, Quiroga transformou-se na figura mais importante da decisão: um argentino naturalizado peruano, acusado de ter se vendido num jogo em Rosário pelo campeonato local, o que provocou a sua saída do país.

Enquanto a Argentina massacrava o Peru em campo, as coisas que aconteceram antes do jogo voltaram à minha cabeça. Quando eu vi o técnico Marcos Calderón, sentado no banco de reservas, fazendo sinais para que sua equipe recuasse no momento que estava atacando, tive vontade de ir cobrar dele fidelidade ao que respondeu na véspera da partida, numa entrevista coletiva:

— O Peru saberá jogar honesta, leal e honradamente, como o fazemos sempre em todas as partidas, em todos os lugares. Está em jogo, aqui, a nossa honra.

Mas o Peru não revelou, no resultado, a grandeza de sua honra esportiva tão exaltada por Calderón. Não havia explicação para isto e, mesmo assim, queria ouvir alguém do Peru dizer o que aconteceu. O técnico e o capitão Chumpitaz não compareceram à entrevista coletiva.

Depois de tudo, um repórter argentino veio me consolar. Expliquei que tinha assistido a uma farsa que jamais imaginava ver. Ele tentou esquecer tudo.

— Hoje um brasileiro vai pagar um jantar para um argentino. Vamos?

Não topei.

— Não. Hoje, um argentino vai pagar um jantar para um peruano.

» SEGUNDA FASE - 3º JOGO

21/6 (MENDOZA)

BRASIL 3 X 1 POLÔNIA

J: Juan Silvagno (CHI); **P:** 39 586; **G:** Nelinho 11 e Lato 44 do 1º; Roberto 12 e 17 do 2º; **CA:** Jorge Mendonça e Toninho Cerezo

BRASIL: Leão, Nelinho, Oscar, Amaral e Toninho; Batista, Toninho Cerezo (Rivelino) e Zico (Jorge Mendonça); Gil, Roberto e Dirceu.
T: Cláudio Coutinho

POLÔNIA: Kukula, Maculewicz, Gorgon, Zmuda e Szymanowski; Deyna, Nawalka e Boniek; Lato, Szarmach e Kasperczak (Lubanski). **T:** Jacek Gmoch

CARLOS NAMBA

Oscar desarma Gorgon e começa a armar mais um ataque contra a Polônia, observado por Gil: vitória convincente, mas insuficiente

DISPUTA DE TERCEIRO LUGAR SEMPRE TEM UM GOSTO AMARGO, MAS O BRASIL, QUE TERMINOU O MUNDIAL INVICTO, ENFIM MOSTROU FUTEBOL

J. B. SCALCO

Roberto se livra do italiano Gentile: pena que o Brasil acordou tarde demais

JOGANDO À BRASILEIRA A SELEÇÃO CHEGOU À VITÓRIA

Custou. Mas, finalmente, nossa Seleção resolveu deixar as teorias de lado e jogar da maneira que sabe. E se alguém é responsável pela metamorfose, esse alguém é Rivelino. Mesmo fora de forma, ele entrou no 2º tempo e fez de tudo: catimbou, dividiu, chutou – e criou a jogada que resultou no gol da vitória **POR JOSÉ MARIA DE AQUINO**

Até ali, a grande partida, desejada e esperada para decidir o honroso terceiro lugar entre Brasil e Itália, não passava de um bom joguinho entre dois times comuns, esquecidos de uma velha rixa. A entrada de Reinaldo, é verdade, já tinha contribuído para animar e melhorar um pouco as coisas. O baixinho corria por todos os cantos do ataque, desarrumando a defesa italiana. Mas ainda não era o suficiente. Era preciso alguém do seu talento, "brasileiro" como ele.

Foi aí, então, que entrou Rivelino. Gordo, apertado num calção que revelava seus excessos, com pinta de quem não ia querer nada, apenas cumprir as ordens do técnico, mas, tudo não passava de falsa observação.

Não que tenha se tornado, com excesso de graxa e com os tornozelos ainda enfaixados, o cérebro do time; o jogador que desejava ser neste seu último Mundial — comandando o time, provando merecer as observações de que realmente se trata do único grande craque que ainda corre pelo Brasil, remanescente daquele grupo que só jogava à brasileira. Não chegou a ser nada daquilo, o jogador que finalmente se destacaria nesta Copa de nível tão achatado, mas foi — lá isso foi — o arruaceiro, o moleque de rua que o time precisava, que Reinaldo esperava para ajudá-lo e que o próprio jogo necessitava.

O "velho" garoto, talvez por não sentir uma carga muito grande de responsabilidade — quem sabe por estar achando tudo aquilo, como o público mostrava estar, muito chato e muito sem calor — conseguiu fazer quase tudo aquilo que, em sua longa e destacada carreira, andou fazendo em várias partidas, decisivas ou não. Catimbou, deu cambalhotas, reclamou do juiz, segurou a bola, ameaçou brigar, fez alguns bons lançamentos, inclusive e principalmente o que resultou no gol da vitória.

Riva entrou pela esquerda, fez sinal para que Roberto caísse pelas costas de Scirea, percebeu que nunca seria entendido, levantou mais uma vez os olhos e colocou a bola na meia-lua da área, no peito de Jorge Mendonça, que tinha tudo para concluir. Tudo, menos presença de espírito e coragem. Acabou se complicando e soltando para trás, Dirceu, sempre acreditando e sempre sem medo de passar ridículo, emendou de primeira. Gol de Dirceu, jogada de Rivelino.

No fim, foi abraçar Gentile e outros jogadores italianos, como quem diz: deixa isso para lá que, fugindo do primeiro, tudo é último.

Riva saiu com os braços entrelaçados aos dos colegas, formando uma linha só, mas bem que merecia estar um passo à frente. Ou que a torcida, mesmo a brasileira, não saísse calada, comprovando que, pelo menos por aqui, ser terceiro é ser último. Mesmo quando, para dar mais cor a um terceiro lugar, se procure lembrar (e chorar) dos pontos ganhos, da campanha invicta, etc, etc, etc...

» DECISÃO DO TERCEIRO LUGAR

24/6 **MONUMENTAL DE NUÑEZ (BUENOS AIRES)**

BRASIL 2 X 1 ITÁLIA

J: Abraham Klein (ISR); **P:** 69 659; **G:** Causio 38 do 1º; Nelinho 19 e Dirceu 25 do 2º; **CA:** Nelinho e Batista

BRASIL: Leão, Nelinho, Oscar, Amaral e Rodrigues Neto; Batista, Toninho Cerezo (Rivelino) e Jorge Mendonça; Gil (Reinaldo), Roberto e Dirceu. **T:** Cláudio Coutinho

ITÁLIA: Zoff, Gentile, Scirea, Cuccureddu e Cabrini; Maldera, Antognoni (Claudio Sala) e Patrizio Sala; Causio, Paolo Rossi e Bettega. **T:** Enzo Bearzot

FOI NA RAÇA, COM A AJUDAZINHA DO ÁRBITRO, MAS O TIME DE TELÊ DEU AS PRIMEIRAS MOSTRAS DO FUTEBOL QUE ENCANTARIA O MUNDO TODO

FOTOS J. B. SCALCO

Éder trava a bola, o zagueiro soviético passa lotado: o ponta fez de tudo, até o gol da vitória

SELEÇÃO EM DIA DE GARRINCHA

No fim do sufoco, o espírito de Mané baixou em Éder **POR CARLOS MARANHÃO E MARCELO REZENDE, DE SEVILHA**

E os russos, Éder? Ah, os russos! Tanta coisa interessante para se conversar, e há dias só lhe perguntavam a mesma coisa. Por que não puxavam conversa sobre assuntos mais interessantes? Mulheres, por exemplo. Ou mesmo sobre o futebol com o qual ele estava acostumado a conviver. "Olha, não sei nada, não", ia se desculpando.

Em 1958, Éder era um bebezão em Vespasiano (MG), quando um tal de Mané Garrincha, de quem nem vagamente a União Soviética ouvira falar, levou a Seleção Brasileira à histórica vitória de 2 x 0 que abriu o caminho para a conquista do primeiro campeonato mundial. Na abafada, tensa e enlouquecida noite sevilhana de segunda-feira, Éder era um moço de 25 anos aparentemente escalado para o papel de coadjuvante num time de supercraques.

Volta-se a 1958 e Garrincha reaparece no gramado com a sigla CCCP no peito e está louro. Não, ficou careca, chama-se Blokhin. Não, seu nome é Shengelia — sim, o velho Garrincha ressuscitou no lado errado e seu espírito se meteu no corpo de dois inimigos.

Por instantes, enquanto a Seleção Brasileira se mostrava às vezes perdida como o pobre lateral Kusnetzov, de 24 anos atrás, os garrinchas de jaquetas rubras davam a impressão de que poderiam fazer ainda mais e transformar vez por todas em tragédia o que se imaginava como a abertura do tetracampeonato.

Garrincha mudou de lado no intervalo e, outra vez, seu gênio se partiu ao meio. Metade ficou com Luisinho, que conseguiu cometer dois pênaltis sem que a bondade do árbitro percebesse, com a mestria de Sócrates, com a personalidade de Oscar e o talento de Paulo Isidoro.

Metade ficou inteirinha corporificada em Éder. Ele sentiu que começava a receber seu espírito exatamente no momento do gol soviético. "Fiquei nervoso, mas foi crescendo a minha força. E pensei: 'Tenho que fazer alguma coisa, tenho que jogar por mim e pelo Waldir'".

E jogou. A princípio, errado, é verdade. Cansou de cruzar bolas, que acabavam morrendo nas mãos seguras de Dasaev. Foi então que Zico lhe gritou: "Éder, assim você vai consagrar o cara". Alertado, Éder resolveu cair mais para o meio. Tinha que ser por ali. Num certo momento, berrou para Serginho: "Sai da frente que vou começar a chutar".

Quarenta e três. O cruzamento de Paulo Isidoro, antes de encontrar o pé mortífero de Éder, passou por Falcão que, com um movimento de toureiro, permitiu que a bola chegasse limpa. Dasaev teve a lucidez de notar que não havia nada a fazer. De joelhos, no centro do gramado, no meio da comemoração da vitória, Éder nem podia ouvir o elogio que Telê lhe dirigia: "Foi a maior partida que ele fez comigo". Ele foi bem mais do que isso. Foi o Garrincha dos sonhos e das esperanças de todos nós.

» PRIMEIRA FASE - 1º JOGO

14/6 SÁNCHEZ PIZJUÁN (SEVILHA)

BRASIL 2 X 1 URSS

J: Lamo Castillo (ESP); **P:** 68 000; **G:** Bal 33 do 1°; Sócrates 29 e Éder 43 do 2°

BRASIL: Waldir Peres, Leandro, Oscar, Luizinho e Júnior; Falcão, Sócrates e Zico; Dirceu (Paulo Isidoro), Serginho e Éder. **T:** Telê Santana

URSS: Dasaev, Sulakvelidze, Chivadze, Baltacha e Demianenko; Darasselia, Bessonov e Bal; Chengelia (Andreev), Gavrilov (Susloparov) e Blokhine. **T:** Konstantin Beskov

COMEÇAMOS ATRÁS, NOVAMENTE, MAS, DESTA VEZ, A VIRADA VEIO SEM GRANDES DIFICULDADES, COM DIREITO A SHOW DE BOLA E GOLS BELÍSSIMOS

OSCAR, UM SALTO PARA A GLÓRIA

O jogo estava 1 x 1. Foi quando Oscar resolveu ir para a área. O cruzamento veio da esquerda. Ele decolou e, numa cabeçada fulminante, meteu para o fundo da rede. No final, deu Brasil 4 x 1, com uma atuação impecável do becão

POR CARLOS MARANHÃO, DE SEVILHA

Neste início de verão espanhol, o sol não se põe antes das nove da noite. É quando centenas, milhares de andorinhas surgem no céu ainda azulado de Sevilha, numa magnífica revoada que se repete 32 km além, junto ao Parador Carmona, local da concentração da Seleção Brasileira. O zagueiro Oscar sonhou com passarinhos na véspera da goleada de 4 x 1 contra a Escócia. "Eles voavam, voavam...", ele conta. "O que isso queria significar?"

Uma explicação simplista seria dizer que era um prenúncio de seu salto na área escocesa, aos três minutos do segundo tempo, quando decolou para marcar, com uma cabeçada fulminante, o gol de desempate que abriu caminho para a empolgante vitória.

Nos últimos 53 dias, Oscar vinha treinando exaustivamente a jogada. Escanteio na esquerda ou na direita, lá ia o beque de 1,85 m ao encalço da bola, como uma ave à caça de sua presa.

A carreira de Oscar, um mineiro de Monte Sião que não perdeu o sotaque acaipirado e adora ouvir fitas de música sertaneja no seu walkman, chegou às nuvens. Conheceu, é verdade, alguma turbulência no São Paulo e sofreu uma pane no Cosmos de Nova York, onde sua frustrada passagem de oito meses foi atribuída a "causas psicológicas".

Enfim, José Oscar Bernardi, 28 anos, atingiu a altura máxima: fez a mais perfeita e irretocável de suas 37 partidas pela Seleção. Preciso nos desarmes, impecável na devolução e sempre esplêndido na colocação em campo, ele simplesmente calou a boca dos que achavam que o time de Telê era formado por um goleiro, oito ou nove craques — e um "grosso" chamado Oscar. "Na posição dele, é um craque, sim senhor", saudou Zico, entusiasmado. Mais comedido, Falcão resolveu homenageá-lo com realismo: "Ele demonstrou a exata consciência do que não deve fazer, e essa é a maior virtude que pode ter um jogador".

Considerações à parte, Oscar obteve diante dos escoceses uma façanha: brilhou mais do que a Seleção Brasileira.

No intervalo do jogo contra os soviéticos, por exemplo, ao descer para o vestiário, Oscar, mais habituado a ouvir do que a falar, levou um choque: olhando para Zico e Sócrates, percebeu que continuavam quietos. "Isso é mau, porque estamos perdendo", pensou. Imediatamente, deu um grito: "Chega de alisar! Vamos rachar no segundo tempo!"

Depois do bonito gol do escocês Narey, Falcão perdeu uma bola. "Vê se presta mais atenção, eu avisei que tinha ladrão", disse Júnior. "Eu não ouvi", respondeu Falcão. "Vamos acalmar, gente", apaziguou Oscar, erguendo os braços.

Testemunhas das intervenções de Oscar atribuem a elas um importante papel nas reações brasileiras. Discreto, ele prefere não tocar no assunto — entende que questões internas devem se limitar às dicussões entre os atletas. E relembra o sonho da véspera: passarinhos em revoada. Evoluíam em grupo, batendo as asas em harmonia, cada vez mais alto, rumo, quem sabe, à glória.

» PRIMEIRA FASE - 2º JOGO

18/6 BENITO VILLAMARÍN (SEVILHA)

BRASIL 4 X 1 ESCÓCIA

J: Luis Sile Calderón (CRC); **P:** 47 379; **G:** Narey 18 e Zico 33 do 1°; Oscar 3, Éder 19 e Falcão 42 do 2°
BRASIL: Waldir Peres, Leandro, Oscar, Luizinho e Júnior; Falcão, Sócrates e Zico; Toninho Cerezo, Serginho (Paulo Isidoro) e Éder. **T:** Telê Santana
ESCÓCIA: Rough, Narey, Hansen, Miller e Gray; Souness, Hartford, (McLeig) e Wark; Stracham (Dalglish), Archibald e Robertson. **T:** Jock Stein

Oscar (3) é festejado pelos colegas: liderança silenciosa

FOI UM PASSEIO, COROANDO O BOM FUTEBOL DA PRIMEIRA FASE E CREDENCIANDO O TIME PARA OS DESAFIOS A SEGUIR: ARGENTINA E ITÁLIA

J. B. SCALCO

Falcão parte para a comemoração: era o terceiro do Brasil contra a Nova Zelândia

A CONQUISTA DE BARCELONA

Sevilha ficou para trás, deslumbrada com a magia da Seleção, que, segundo Zico, "devolveu a dignidade ao futebol". Agora, Barcelona

POR CARLOS MARANHÃO, DE SEVILHA

Na última sexta-feira, *El Correo de Andalucia* amanheceu nas bancas de Sevilha com uma comovida manchete: *"Se Va Brasil, Se Va El Fútbol"*. Um dia depois, ao noticiar o desembarque da Seleção Brasileira no festivo aeroporto El Prat, em Barcelona, o diário local *El Periódico* soube resumir num título o sentimento que toma conta dos torcedores espanhóis: *"El Mayor Espectaculo del Fútbol"*.

Enquanto os dois jornais circulavam, 40 mil pessoas gritavam *"Fuera! Fuera!"*, para a cínica frieza de alemães e austríacos, que fingiam estar jogando bola no estádio El Molinon, em Gijón — pois a vitória de 1 x 0 classificava ambas as equipes e eliminava por tabela os surpreendentes argelinos. Quatro horas mais tarde, em Valencia, o público xingava os jogadores espanhóis de *"pesete-ros"* e cantava em coro *"Seleccion, al paredon"* — afinal, os anfitriões passavam à segunda fase da Copa do Mundo de forma desonrosa, ao perderem para a Irlanda do Norte também por 1 x 0.

Não há dúvida: o Brasil pode até não ganhar o título — um risco concreto numa competição como esta — mas é, de longe, o time que está ressuscitando o futebol como espetáculo, como um show que, independente do resultado final, gratifica e emociona a quem o assiste.

Assim, torna-se inevitável a comparação com os tricampeões que em 1970 deslumbraram os mexicanos em cada um de seus seis triunfos. Passados 12 anos, é tocante ler esse mesmo *El Correo de Andalucia*: "Por favor, voltem logo a Sevilha. Será difícil que nos acostumemos a outro tipo de futebol".

Tais idéias devem ter passado pela cabeça dos sevilhanos quando, na quarta-feira passada, suados e sem camisas, os jogadores brasileiros lhes deram adeus junto à boca do túnel do estádio Benito Villamarin. Batidos por 4 x 0, os neozelandeses saíam satisfeitos com seus troféus — 11 jaquetas amarelas — e, mesmo à distância, era possível vislumbrar os olhares enfeitiçados de Dods e Boath para Zico, Sócrates e Falcão.

Fora uma exibição irrepreensível, iniciada com um golaço de voleio de Zico. Talento, eficiência e solidariedade teriam de fato que gerar vitórias e espetáculos. Tais virtudes e componentes podem agora ser medidos com números. Se contra a União Soviética registraram-se quatro cruzamentos da linha de fundo, contra a Escócia aconteceram 12 e contra a Nova Zelândia, 18. "Não fiz uma única defesa importante nos últimos 6 jogos, incluindo os amistosos com Portugal, Suíça e Eire", constata o goleiro Waldir Peres. "Mas como vou fazer, se em 80% do tempo a bola está no pés dos nossos jogadores?"

Nada disso, evidentemente, assemelha-se aos desempenhos exibidos por Itália e Argentina, os adversários da segunda fase. Juntas, ambas têm duas vitórias e oito gols, contra dez do Brasil. Os italianos se qualificaram com três sofríveis empates e os argentinos, por enquanto, se limitaram a brilhar diante dos húngaros.

Parece pouco, não fosse o futebol antes de tudo um jogo, em que fatores difíceis de se avaliar previamente — como o intenso clima de rivalidade com os atuais campeões mundiais — podem ter um peso considerável. "Agora tudo é mais duro e perdeu sentido o clima do já ganhou", acredita o ponderado Falcão, por exemplo. Se não bastasse, a cosmopolita Barcelona torcerá pela Argentina, a seleção de Diego Maradona, que depois da Copa vai morar na cidade e defender seu querido Barça. Será preciso conquistá-la com a mesma arte que seduziu Sevilha — para que então também ela se renda aos pés do Brasil.

PRIMEIRA FASE - 3º JOGO

23/6 — BENITO VILLAMARÍN (SEVILHA)

BRASIL 4 X 0 NOVA ZELÂNDIA

J: Damir Matovinovic (IUG); **P:** 43 000; **G:** Zico 28 e 31 do 1°; Falcão 9 e Serginho 24 do 2°

BRASIL: Waldir Peres, Leandro, Oscar (Edinho), Luizinho e Júnior; Falcão, Sócrates e Zico; Cerezo, Serginho (Paulo Isidoro) e Éder. **T:** Telê Santana

NOVA ZELÂNDIA: Van Hattum, Dods, Herbert, Almond e Elrick; Boath, Summer e MacKay; Cresswell (Cole), Woodin e Rufer (Brian Turner). **T:** John Adshead

A VITÓRIA CONTUNDENTE CONTRA OS ARGENTINOS COMPROVAVA QUE O TETRA ESTAVA A CAMINHO, MAS HAVIA UM PAOLO ROSSI NO MEIO DA ESTRADA...

A TRAGÉDIA DE BARCELONA

"Escrevi com lágrimas nos olhos." Após essa curta mensagem à Redação, o repórter Carlos Maranhão passou a transmitir sua matéria sobre a eliminação do Brasil. Como ele, milhões de jornalistas, técnicos e jogadores de todo o mundo lamentavam a queda de nossa Seleção. Era a derrota do futebol-espetáculo

POR CARLOS MARANHÃO, DE BARCELONA

J. B. SCALCO

Gentile persegue Zico: foi assim o jogo todo, para azar do Brasil

Bruno correu para os braços de Zico, que o abraçou forte e lhe deu três beijos. Depois, virando o rosto para Sandra, sua mulher, cruzou com ela um silencioso olhar de desolação. Não havia nada a dizer. O saguão do estádio Sarriá, em Barcelona, ainda estava cheio de gente, mas o que se via eram apenas policiais de gestos espantados e jornalistas de rostos pálidos que tentavam encontrar alguém que respondesse a uma pergunta sem resposta: por que perdemos?

Naquele momento, quando o mais sufocante calor deste verão ainda castigava a capital da Catalunha, Paolo Rossi passou correndo por Zico, sem sequer notá-lo, com um sorriso tão grande que seu rosto parecia ter subitamente crescido. Atrás dele, outros jornalistas também lhe faziam uma pergunta sem resposta: *Come ha fatto L'Italia a battere il Brasile?*

Na verdade, havia uma solução aparentemente simples para o enigma de uma tragédia que atingira o futebol brasileiro com o impacto surpreendente de um soco desferido à traição. Ela talvez tenha sido dada um pouco antes pelo treinador Telê Santana, ao transformar em dolorosas, realistas palavras o sentimento de perplexidade que tomara conta dos jogadores, das 40 mil pessoas presentes à partida e, sobretudo, do povo brasileiro: "Não somos imbatíveis. Eu sempre soube que no dia em que cometêssemos falhas, e essas falhas fossem aproveitadas pelo adversário, nós perderíamos. Infelizmente, isso aconteceu agora diante da Itália".

Um outro caminho podia ser buscado no desabafo que afinal Zico não conteve, enquanto segurava pelas mãos seus dois meninos, Júnior e Bruno, que pela primeira vez, desde que deixaram o Rio de Janeiro para ir ver, ao lado da mãe, o pai ser campeão do mundo em terras espanholas, não conseguiam mostrar a ninguém uma alegria que de certa forma sintetizava nas últimas semanas a felicidade de todas as crianças brasileiras: "Não soubemos aproveitar a vantagem do empate em nenhum momento, talvez porque sejamos acima de tudo um time ofensivo". >

FOI UM DOS JOGOS MAIS EMOCIONANTES DA HISTÓRIA DAS COPAS. OS ITALIANOS – LEIA-SE PAOLO ROSSI – MARCAVAM, O BRASIL EMPATAVA. O SUSPENSE PERDURO

PEDRO MARTINELLI

O carrasco da camisa 20: depois de ter marcado os três gols, o até então desprezível Rossi ajudou até na defesa nos minutos finais

Ou, quem sabe, a chave de tudo não estivesse sendo descoberta por Toninho Cerezo, em cuja face quase chorosa estampava-se a terrível máscara da derrota? "Os brasileiros estão sofrendo tanto quanto nós, mas acho que eles viram que não tivemos a sorte que os italianos tiveram", repetia melancólico.

Enfim, é possível que a razão afinal fosse a de Falcão que, como um galo ferido, mantinha a postura de um bravo que não abaixa a cabeça no instante definitivo da verdade: "Sempre que tentávamos fazer a Itália entrar no nosso ritmo, eles chegavam a outro gol. Perdemos todos nós. Mas é preciso que vocês tenham claro que essa derrota terá que ser esquecida, porque haverá muitas novas Copas nas nossas vidas".

Sim, novas Copas, novas emoções, novas vitórias. Infelizmente, porém, o mundo maravilhoso do futebol registrará para a eternidade, como um inexorável marco dramático, o 5 de julho de 1982 — dia em que a melhor, mais criativa e mais corajosa Seleção deste campeonato se viu batida por um azarão que, em uma semana, alcançou a quase impossível transição da mediocridade para o heroísmo.

Esse jogo, sem dúvida, entrará para a história do esporte como uma exemplar exibição de técnica, de arrojo, de força e de superação. "Nosso time é superior ao deles", lembrou Oscar, que nos cinco encontros espanhóis não cometeu sequer uma falha visível a olho nu. "E no entanto perdemos. Por um certo nervosismo, principalmente nos dez minutos iniciais, por azar, por erros nossos e acertos deles, sei lá. O fato é que perdemos e não nos resta a chance da recuperação."

Culpar Leandro, que permitiu o cruzamento de Cabrini no primeiro gol, logo aos 4 minutos? A Cerezo, que errou um passe bobo no segundo? A defesa inteira, que não pôde cortar a bola vinda na cobrança de escanteio no terceiro? A

Serginho, que desperdiçou oportunidades preciosas até ser tardiamente substituído por Paulo Isidoro? Ou a Éder, meio impotente ante a corretíssima marcação individual de Oriali?

Dentro desse raciocínio — encontrar responsáveis por um acidente, grave mas ainda assim acidente —, seria igualmente possível fazer do esplêndido e eterno Zoff, do magnífico Tardelli, do empolgante Cabrini ou do brilhante Paolo Rossi (autor dos três gols da Itália) carrascos da alma nacional.

De uma forma ou de outra, sepultam-se os inesquecíveis 90 minutos em que, apenas três dias antes, na fantástica tarde de sexta-feira, os argentinos haviam sido destronados definitivamente do título conquistado há quatro anos.

Ah, os 3 x 0 contra a Argentina, diminuídos para 3 x 1 num lance casual! Os lenços brancos eram sacudidos pela multidão vestida de amarelo, todos cantavam samba e a bola, enfeitiçada, magnetizava-se naquelas onze chuteiras encantadas. O estupendo, o cruel Passarella acertava traiçoeiro as canelas de Serginho e Zico, que rolava de dor à beira do campo, mas lá em cima estavam registrados, como a resposta brasileira, um, dois, três gols. E Maradona, o grande, o frágil Dieguito Maradona, depois de um lance selvagem em cima de Batista, curvava o corpo para trás ao ver que, ao invés das glórias com que sonhara, era um cartão vermelho que aparecia à sua frente. Cabeça baixa, barba por fazer, meias semi-arriadas, a camisa meio para fora do calção, lá se ia ele a descer para o escuro túnel da derrota.

"Perdemos para los campeones", consolavam-se os argentinos. Rendidos aos gols de Zico, Serginho e Júnior, humilhados diante do poder futebolístico de Falcão, Sócrates e Cerezo.

Com oito anos de diferença, escutava-se novamente a frase que tinham pronunciado na Alemanha, quando os holandeses os golearam por 4 x 0 e despontaram como uma seleção irresistível.

De um ponto de vista exclusivamente técnico, frio e objetivo, pode-se afirmar que, tal como ocorreu no episódio das Malvinas, a Argentina costuma falhar nas suas avaliações. De um outro ângulo, entretanto, é correto dizer que, na Alemanha como na Espanha, ela acertou no vaticínio. Se os campeões, afinal, não são os morais, e sim os de fato — a Alemanha em 1974, não se sabe ainda quem em 1982 —, não é menos verdade que, no futebol, há os times que ficam.

E não há como fugir à comparação entre a Holanda de ontem e o Brasil de hoje, ambos determinados na crença de que o futebol é, tanto quanto competição, um incomparável espetáculo.

Foi exatamente essa a contribuição da Seleção Brasileira para o futuro do futebol. "Fizemos o que deveria ser feito", resumia Telê seus dois anos de trabalho, "e desejo sinceramente que, de agora em diante, com a ajuda de técnicos, de dirigentes, de jogadores, da imprensa e da torcida, façamos sempre a bola correr centro de campo."

Que nunca mais, então, jogue-se tão somente em função de um placar de zero a zero; que se abandonem de vez as retrancas, que se abomine a covardia e que se pense em futebol como uma manifestação da arte brasileira — mesmo que o preço de se acreditar numa profunda convicção seja dilacerante como o 5 de julho.

Porque assim, em 1986, quando tiver sete anos e começar a entender melhor a vida e um de seus maiores prazeres — o gosto de vibrar num estádio — o pequeno Bruno dividirá seu sorriso com cada menino que hoje chora no Brasil.

» QUARTAS-DE-FINAL

2/7 SARRIÁ (BARCELONA)

BRASIL 3 X 1 ARGENTINA

J: Mario Rubio Vásquez (MEX); **P:** 44 000; **G:** Zico 11 do 1°; Serginho 21, Júnior 29 e Ramón Díaz 43 do 2°; **CA:** Waldir Peres, Falcão, Éder e Passarella; **E:** Maradona
BRASIL: Waldir Peres, Leandro (Edevaldo), Oscar, Luizinho e Júnior; Falcão, Sócrates e Zico (Batista); Cerezo, Serginho e Éder. **T:** Telê Santana
ARGENTINA: Fillol, Olguín, Galván, Passarella e Tarantini; Barbas, Ardiles e Kempes (Ramón Díaz); Bertoni (Santamaría), Maradona e Calderón. **T:** Cesar Luis Menotti

» QUARTAS-DE-FINAL

5/7 SARRIÁ (BARCELONA)

BRASIL 2 X 3 ITÁLIA

J: Abraham Klein (ISR); **P:** 44 000; **G:** Paolo Rossi 4, Sócrates 12 e Paolo Rossi 25 do 1°; Falcão 22 e Paolo Rossi 29 do 2°
BRASIL: Waldir Peres, Leandro, Oscar, Luizinho e Júnior; Falcão, Sócrates e Zico; Cerezo, Serginho (Paulo Isidoro) e Éder. **T:** Telê Santana
ITÁLIA: Zoff, Gentile, Colovatti (Bergomi), Scirea e Cabrini; Tardelli (Marini), Oriali e Antognoni; Conti, Paolo Rossi e Graziani. **T:** Enzo Bearzot

RONALDO KOTSCHO

Cerezo atropela os argentinos: dias depois, contra a Itália, ele seria o vilão

APÓS UM CONFUSO PERÍODO DE PREPARAÇÃO, O BRASIL ESTRÉIA NA COPA VENCENDO OS ESPANHÓIS COM UMA MÃOZINHA DO ÁRBITRO

O CANARINHO DECOLOU

Ao fim de um longo período de incertezas, o gol de Sócrates faz renascer a confiança e as esperanças da torcida

POR MARCELO REZENDE

JORGE ROSENBERG

Careca não marcou na estréia, mas teve participação decisiva no gol de Sócrates

Um gol, principalmente quando é decisivo, nunca é demais descrever: são 16 minutos do segundo tempo contra a Espanha, Estádio Jalisco, Guadalajara. Júnior penetra pelo meio e dá um passe com precisão para Careca. Este limpa o lance e chuta com força. A bola bate no travessão e sobra na frente do gol. E fica, como se estivesse parada, no ar, à espera da cabeçada de Sócrates.

Brasil 1 x 0, este seria o resultado final. A Seleção Brasileira, depois de tantos problemas, hesitações e indefinições, dava seu primeiro passo rumo ao tetracampeonato. A Espanha, vice-campeã européia, com três de seus principais times classificados nas finais da Copa da Europa, estava irremediavelmente batida. Reclamava, e com razão, de um chute do apoiador Michel, aos 7 minutos do segundo tempo, que batera no travessão e realmente entrara no gol de Carlos. Mas o que vale é o apito do juiz — e o australiano Christopher Bambridge não viu a bola entrar e seu auxiliar, o holandês Jan Keizer, nada acenara.

Espanha, a vítima — diria logo depois da partida o técnico Miguel Muñoz. "Este Brasil é inferior ao de 1982, porém mais aplicado taticamente. Marca melhor, atira-se com mais vitalidade à luta e pode ter em Sócrates um comandante mais livre para criar. Vai melhorar quando Zico se juntar a Sócrates. Aí vocês terão um grande time. Por enquanto é apenas razoável. Mas os juízes gostam". Um pequeno despeito de Muñoz.

Sem dúvida, desde o início o Brasil viveu uma fase de erros: o técnico Telê Santana jamais definiu o time, sob pretexto de que sua equipe ideal não estava completa — e acabaria estreando na Copa com nove jogadores que estavam sob seu comando desde o início dos treinamentos na Toca da Raposa, exceção apenas para Edinho e Júnior. O Brasil viu o corte de Renato Gaúcho e se surpreendeu com a desistência do lateral-direito Leandro, exatamente no dia do embarque para o México. A torcida brasileira acompanhou, perplexa, seu time não saber se iria para Guanajuato, onde se hospedaria em Toluca, quando chegaria na Cidade do México, se faria amistosos contra times de primeira classe ou de quinta divisão. Não foram raros os momentos da mais profunda angústia, como a excursão à Europa e as duas derrotas para Alemanha Ocidental e Hungria. Ou mesmo as duas ameaças de Telê Santana abandonar o comando e, especulação ou não, a notícia de que Zagallo poderia assumir numa emergência.

Não bastassem tais problemas, havia o drama de Zico, que se arrasta até hoje, e os cortes de Dirceu e Cerezo, este uma grande perda nos planos de Telê.

Nenhuma seleção sobreviveria impunemente a tal situação, mas o Brasil, neste primeiro passo, não só sobreviveu como se firmou no conceito dos especialistas que acompanham o Mundial como um time capaz de chegar às finais.

PRIMEIRA FASE - 1º JOGO

1/6 JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 1 X 0 ESPANHA

J: Christopher Bambridge (AUS); **P:** 35 748; **G:** Sócrates 16 do 2º; **CA:** Branco e Julio Alberto
BRASIL: Carlos, Édson, Júlio César, Edinho e Branco; Elzo, Alemão, Júnior (Falcão) e Sócrates; Casagrande (Müller) e Careca. **T:** Telê Santana
ESPANHA: Zubizarreta, Tomás, Goicoechea, Maceda e Camacho; Víctor, Francisco (Señor), Michel e Julio Alberto; Julio Salinas e Butragueño. **T:** Miguel Muñoz

TODOS ESPERAVAM UM SEGUNDO JOGO FÁCIL. NÃO FOSSE CARECA, PORÉM, O BRASIL NÃO SE CLASSIFICARIA POR ANTECIPAÇÃO PARA A PRÓXIMA FASE

AMARELA, SÓ A CAMISA

Com talento e valentia, Careca tirou o Brasil do sufoco contra a Argélia e desmentiu de vez a fama de ser só jogador de clube

POR MARCELO REZENDE

Para entendermos bem esta história, é melhor voltarmos a Toulon, no interior da França. Era 1981 e lá estava a Seleção de novos do Brasil. Naquele dia, o time ganhara da Itália por 2 x 1 e, em meio à grande felicidade, um rapazola escapara do grupo para beber cerveja, como se homem grande fosse, num bar bem em frente da concentração. Uma farra que o rapazola não imaginava que terminaria numa severíssima repreensão. E numa grande amizade.

É que Antônio Oliveira Filho, na época com 19 anos, só estava acostumado com seu técnico, o bonachão Vavá. Mas por perto rondava o coordenador da comissão técnica, que seria, no futuro, um de seus maiores admiradores e incentivadores. Naquela época, porém, o coordenador ainda não o admirava, mal o conhecia e não estava para brincadeiras. Afinal, Telê Santana estava ali para descobrir futuros talentos para a Seleção principal. E não gostara da atitude do rapazola, que começava a ganhar fama de craque e artilheiro: "Você é muito garoto para se meter numa onda dessas. Não admito que um jovem como você tenha esse tipo de atitude".

São passados mais de cinco anos. O centroavante é hoje atração e destaque da Seleção Brasileira na Copa. Telê tenta recuperar-se da derrota de 1982, na Espanha. Os dois carregavam, até pouco tempo, um traço comum: viviam sob suspeita da torcida. Se Telê continua sob olhos desconfiados a cada apresentação de seu time, Careca abandonou o amigo no meio da estrada, escapando do estigma de que "amarela" sempre que veste a camisa tricampeã do mundo.

Mesmo nas piores fases, Telê sempre confiou em Careca. "Ele é o centroavante com melhor toque de bola do país." O Brasil não acreditava. Todos diagnosticavam em Careca um jogador inibido, egoísta nas conclusões, capaz de perder um gol para requintar um lance.

Enfim, a estréia contra a Espanha. Nenhum gol, mas a unanimidade ainda tímida: Careca fora fundamental no ataque. Mas como um centroavante poderia consagrar-se sem gols? Ainda tentaram lembrar de Tostão na Copa de 1970. Mas Careca estava cansado de ser "boi de piranha". Determinara-se não só a fazer gols como a provar ao Brasil que poderia ser o mesmo craque do São Paulo. Reforçara sua fé de que se transformaria num jogador de Copa do Mundo.

Gol. Vinte e dois minutos do segundo tempo. Müller centrara para a pequena área. Um zagueiro falha, o goleiro não alcança a bola, que fica próxima dos pés do beque Medjadi. Mas o defensor vacila. Numa fração de segundo, Careca se aproxima como uma flecha, toca a bola para dentro do gol: Brasil 1 x 0.

Ele acabara de afastar, com seu gol, a vergonha de empatar com a Argélia. Ele, com sua arrancada, afastara das cercanias de Telê um massacre de descontentamento com uma exibição incipiente. Ele, com seu bote traiçoeiro, classificou a Seleção para a próxima fase. Ele, com sua persistência, fizera o Brasil gritar em desafogo e calar-se em suas constantes críticas de que "Careca amarela".

>> PRIMEIRA FASE - 2º JOGO

6/6 JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 1 X 0 ARGÉLIA

J: Romulo Méndez Molina (GUA); **P:** 48 000
G: Careca 22 do 2º
BRASIL: Carlos, Édson (Falcão), Júlio César, Edinho e Branco; Elzo, Alemão, Júnior e Sócrates; Casagrande (Müller) e Careca. **T:** Telê Santana
ARGÉLIA: Drid, Medjadi, Megharia, Guendouz e Mansouri; Kaci-Said, Sadmi e Belloumi (Zidane); Madjer, Menad e Assad (Bensaoula). **T:** Rabah Saadane

SERGIO SADE

Careca comemora contra a Argélia: quem disse que ele só jogava em clube?

CONTRA A IRLANDA FORAM TRÊS. OS POLONESES SÓ DEIXARAM O CAMPO DEPOIS DE LEVAR QUATRO. E O BRASIL CHEGAVA ÀS QUARTAS DE FINAL

AFP

JORGE ROSENBERG

À esquerda, Zico, Alemão e Josimar fazem festa após o segundo gol de Careca contra a Irlanda. À direita, o Galinho contra a Polônia

MARAVILHA!

Em quatro dias, duas goleadas, sete gols e, ao lado da explosão do craque Josimar, o Brasil começa a sonhar com o tetra

POR MARCELO REZENDE

O destino, que pregara uma peça em Telê em 1982, resolvera ajudá-lo. Um Telê que já não mais sorria e que voltou a sorrir no gol de Josimar — contra a Irlanda do Norte. E sorriu quando viu Josimar fazer seu gol espetacular contra a Polônia. Naquele instante, Telê não se lembraria de que os jogadores, ao serem perguntados se o ergueriam no caso da conquista do título, escaparam a uma resposta mais contundente. Os mais polidos, como Júnior, falavam em trabalho coletivo. Nenhum creditava ao treinador esta passagem do Brasil — o melhor rendimento de todas as seleções deste Mundial.

Eram momentos de felicidade para Telê, momentos raros que ele tentava disfarçar. Afinal, sua estratégia estava definida: continuaria se manter solitário. Fora assim a longo dos últimos dias: um Telê ríspido, mas vitorioso.

E lá estava ele, novamente aborrecido. Criticado até por velhos amigos, exposto a críticas de companheiros de profissão, como Zagallo e Rubens Minelli, hoje dublês de comentaristas de televisão, Telê se transformava num homem solitário.

Não mais aceitaria opiniões, idéias ou observações. Acertara consigo mesmo uma linha de conduta definitiva, da qual não se afastaria até o fim: poderia errar, mas erraria sozinho. Em sua cabeça, um único pensamento: "Se vencer, serei eu. Se perder, serei eu".

Se o acusavam de falta de diálogo, resolvera dar motivos. Partiria para a ofensiva sem medir conseqüências e não deixava de ter uma ponta de mágoa. Resgatara uma dívida ainda por conta da Copa de 1982, ao convocar todos os veteranos que lhe eram de confiança, e nenhum deles dera uma declaração a seu favor, exceto Sócrates e Júnior, que, sem muita convicção, o defenderam.

Ao ver Zico em ação, Telê sorriu pela primeira vez na semana. As vitórias sobre Irlanda e Polônia já criavam um clima de descontração, um Telê mais amável. Claro, o Brasil, naquele instante, ficara a apenas três jogos do sonho do tetra. E assim o destino, cruel na Espanha, fazia de suas artes: o surpreendente macunaíma Josimar, a seriedade e a aplicação de Elzo, o futebol vigoroso do zagueiro Júlio César e o fascínio por gols encantadores de Careca. De ruim, mas ruim mesmo, só aquela certa alegria de Telê Santana. Na verdade, num país supersticioso como o nosso, melhor Telê ficar calado, grosseiro, ríspido e solitário. E, logicamente, viver sua fossa nos braços da vitória.

>> PRIMEIRA FASE - 3º JOGO

12/6 — JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 3 X 0 IRLANDA DO NORTE

J: Siegfried Kirschen (ALE-OR); **P:** 51 000; **G:** Careca 15 e Josimar 41 do 1º; Careca 42 do 2º; **CA:** Donaghy
BRASIL: Carlos, Josimar, Júlio César, Edinho e Branco; Elzo, Alemão, Júnior e Sócrates (Zico); Müller (Casagrande) e Careca. **T:** Telê Santana
IRLANDA DO NORTE: Jennings, Nicholl, O´Neill, McDonald e Donaghy; McCreery, McIlroy e Whiteside (Hamilton); Campbell (Armstrong), Clarke e Stewart. **T:** Billy Bingham

>> OITAVAS-DE-FINAL

16/6 — JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 4 X 0 POLÔNIA

J: Volker Roth (ALE); **P:** 45 000; **G:** Sócrates (pênalti) 30 do 1º; Josimar 9, Edinho, 32 e Careca (pênalti) 36 do 2º; **CA:** Dziekanowski, Smolarek, Careca e Edinho
BRASIL: Carlos, Josimar, Júlio César, Edinho e Branco; Elzo, Alemão, Júnior e Sócrates (Zico); Müller (Silas) e Careca. **T:** Telê Santana
POLÔNIA: Mlynarczyk, Przybys (Furtok), Wojcicki, Majewski e Ostrowski; Karas, Tarasiewicz, Urban (Zmuda) e Dziekanowski; Boniek e Smolarek. **T:** Antoni Piechniczek

NA MELHOR APRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO NA COPA DAMOS MAIS UMA VEZ ADEUS AO TETRA. DESSA VEZ, OS CARRASCOS FORAM OS PÊNALTIS

AS TRAPAÇAS DO DESTINO

Toda a dramática história do 21 de junho de 1986, o dia em que erros e fatalidades mataram os nossos sonhos de vitória

POR MARCELO REZENDE

Sábado passado, 21 de junho de 1986, o Brasil teria todos os motivos para festejar. Afinal, nesta data comemoravam-se 16 anos do tricampeonato mundial no México. Mas sábado não foi um dia de festas: o Brasil, mais uma vez, saía prematuramente de uma Copa do Mundo, desta vez desclassificado nas quartas-de-final, numa decisão por pênaltis diante da França, atual campeã européia.

Ao imediato choque da derrota, numa partida magnífica, que terminou 1 x 1 no tempo normal, gols de Careca e Platini, começou um outro tipo de jogo, um jogo maniqueísta, em busca do culpado por mais um fracasso da Seleção de Telê Santana. E foi justamente Telê o primeiro acusado, como se ele fosse o responsável pelas bolas na trave de Careca e Müller, pelo pênalti chutado em cima do goleiro por Zico, ainda no segundo tempo, ou pelos outros pênaltis desperdiçados por Sócrates Júlio César, no momento cruel da decisão.

Telê ficará na alça de mira por erros que verdadeiramente cometera ao longo de quatro meses e 14 dias de preparação desta Seleção: convocara equivocadamente 29 jogadores, o que criou um clima de disputa pelas 22 vagas na Copa acima dos limites suportáveis; afastara todos os pontas, à exceção do inexpressivo extrema esquerda Edivaldo e culminara com o corte de Renato Gaúcho; e aceitara, apesar de contrário, uma excursão à Europa, numa temperatura abaixo de zero. Só definira o time na semana da estréia da Copa e avisara os verdadeiros titulares apenas horas antes de pisar o campo contra a Espanha. Enfim, abdicara do diálogo com o grupo, incluindo seus companheiros de comissão técnica.

Seriam estes os erros de Telê, e por isso passou a ser o alvo preferido. Depois dele, viriam os dirigentes Nabi Abi Chedid e José Maria Marin, acusados de aproveitadores, politiqueiros vivendo à sombra da empatia do futebol, incompetentes e incapazes de administrar a Seleção. Mas eram acusações sem fundamento, pois nenhuma voz se levantou para lembrar que o ex-presidente da CBF, Giulite Coutinho, ao não conseguir levar a Copa de 1986 para o Brasil, abandonara a Seleção — e de resto todo o futebol — à própria sorte, sem deixar um só plano, sem escolher o técnico, sem sequer acertar, com segurança, nossa permanência no México. E, acima de Nabi, ninguém lembrou dos descuidos do futebol brasileiro com o gigantismo do Campeonato Brasileiro, as arrumações nos campeonatos regionais, a pouca seriedade dos tribunais esportivos.

Poucos, entretanto, tinham coragem de apontar, talvez por respeito ou consideração, uma das causas principais da derrota: havia lá dentro do campo do Estádio de Jalisco, que nos trazia doces lembranças de 1970, uma geração marcada pelas trapaças da derrota. Bem ou mal, foi nesta geração que o técnico Telê Santana — ele próprio um perdedor — apostara em 1982 e fixou um pacto para 1986. E nela, marcada pelo destino para jamais sentir o sabor de um título mundial, o Brasil mais uma vez depositara toda a sua esperança. Na tarde do último sábado, o país inteiro sentia-se traído em sua fé, até então inarredável.

Quem duvidaria, anos atrás, que craques como Edinho, Zico, Júnior e Sócrates tinham nascido para perder? Zico e seus 703 gols. Sócrates e suas passadas largas, com ar superior de quem nasceu para decidir nos momentos difíceis. Júnior e seu malabarismo que traduzia vitórias. Edinho e seu espírito de capitão.

Em cada livro, em cada teipe, em cada filme, em cada registro, os nomes de nossos veteranos serão citados com respeito, admiração e, quem sabe, alguém escreverá que esta foi uma geração injustiçada. Mas a história, muito raramente, fala dos perdedores.

SERGIO SADE

Zico entrou para resolver contra a França, mas acabou perdendo um pênalti decisivo

» QUARTAS-DE-FINAL

21/6 — JALISCO (GUADALAJARA)

BRASIL 1 X 1 FRANÇA

J: Ioan Igna (ROM); **P:** 65 000; **G:** Careca 16 e Platini 41 do 1º

BRASIL: Carlos, Josimar, Júlio César, Edinho e Branco; Elzo, Alemão, Júnior (Silas) e Sócrates; Müller (Zico) e Careca. **T:** Telê Santana

FRANÇA: Bats, Amoros, Battiston, Bossis e Tusseau; Fernandez, Tigana, Giresse (Ferreri) e Platini; Stopyra e Rocheteau (Bellone). **T:** Henri Michel

** Na prorrogação, 0 x 0. Na decisão por pênaltis, França 4 x 3*

COMANDADA POR CARECA, A SELEÇÃO LARGOU BEM. ÀQUELA ALTURA, NINGUÉM IMAGINAVA QUE O CAOS SE INSTALARIA NO TIME EM POUCOS DIAS...

A SELEÇÃO ENTRA NO RITMO

Ao som da lambada, que invadiu Turim, o Brasil supera a Suécia numa noite inspirada de Careca. Mas a vitória na estréia não esconde as falhas do time, que busca afinar o meio-campo para colocar a surpreendente Costa Rica na dança **POR JUCA KFOURI E JORGE LUIZ RODRIGUES, DE TURIM**

"Nota 10, é claro", respondeu quase imperceptivelmente o presidente Fernando Collor, um segundo antes de entrar no carro e exortar "pela vitória, Brasil, sempre". Ele deixava o estádio de Turim empolgado com os 2 x 1 sobre os suecos. "Boa estréia, grande jogo", dissera ao técnico Sebastião Lazaroni no vestiário. "Não, ainda não, presidente. Temos de melhorar muito", foi o que ouviu do treinador, que deu 6,5 para a Seleção. Entre a nota presidencial e a de Lazaroni, o Rei Pelé parecia ter mais razão. "O presidente não entende de futebol", brincou.

De fato, se a vitória acabou sendo incontestável, a atuação do time deixou a desejar. Principalmente o meio-campo, que errou muitos passes, pegou poucos rebotes ofensivos e defensivos e apenas desarmou com eficiência, sobrecarregando a defesa e servindo pouco à dupla de atacantes.

Se para Lazaroni "o primeiro passo pode não ter sido belo, mas foi o primeiro passo", seu colega sueco Olle Nordin não se surpreendeu. "O Brasil é favorito, como a Itália. Só fiquei perplexo com a velocidade do contra-ataque." Com o que o cérebro da Suécia, o meio-campista Jonas Thern concordava plenamente. "O Brasil de hoje é mais forte que o de antigamente", constatou.

Sim, é mais forte. A começar pelo número 1, de Taffarel, garantia de defesas impossíveis, como as três que fez logo no começo do segundo tempo. Mas, se ser mais forte não significa necessariamente ser melhor, a sorte brasileira é que, mesmo com um esquema que privilegia a marcação, o talento não desapareceu. E Careca é a melhor prova disso. Ele foi muito vigiado e participou pouco do jogo. O bastante para fazer dois gols, quase fazer outros dois, deixar Müller livre para marcar uma vez e enlouquecer a defesa adversária com sua movimentação. O belíssimo toque que deu no goleiro Ravelli, ao abrir o marcador, teve a marca que distingue o craque do bom jogador. "Era importante sair vencendo, mas temos de melhorar".

Careca fazia coro enquanto deixava o vestiário apressado para encontrar sua mulher, Maria de Fátima, que chegara de Nápoles. O artilheiro merecia mesmo uma noite de paz, depois de ter passado uma semana tendo de explicar que os treinos não significavam mais nada e que na hora H ele arrebentaria. Arrebentou. Tão feliz quanto Careca, mas um pouco mais severo, estava Ricardo Gomes, de atuação irrepreensível. "Não podíamos levar o gol. Demos a mão para o defunto no caixão e ele levantou. Há muito o que conversar."

Conversas e treinos, treinos e conversas. É preciso, por exemplo, resolver dois problemas aparentemente insolúveis: só Mozer tenta lançamentos longos e as jogadas pelas alas não têm saído. Tanto que, contra a Suécia, a Seleção conseguiu apenas uma ultrapassagem, a 4 minutos do final do jogo, em brilhante jogada de Careca com Alemão. A pontaria também precisa melhorar. Dos 13 chutes desferidos, apenas cinco tiveram bom endereço, incluindo os dois gols.

Mas que ninguém se iluda. Mesmo contra a Costa Rica, adversário ideal para ser demolido ao som da lambada brasileira, que invadiu Turim e enlouquece os italianos, a Seleção deve jogar com todos os cuidados que mostrou contra a Suécia. "O esquema não muda", imagina Dunga, para quem goleada é ganhar de 1 x 0.

ORLANDO BRITO

Careca completa para as redes: os suecos só assustaram um pouquinho no final

PRIMEIRA FASE - 1º JOGO

10/6 DELLE ALPI (TURIM)

BRASIL 2 X 1 SUÉCIA

J: Tulio Lanese (ITA); **P:** 62 628; **G:** Careca 40 do 1º; Careca 17 e Brolin 33 do 2º; **CA:** Mozer, Branco e Dunga
BRASIL: Taffarel, Mauro Galvão, Mozer e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Alemão, Valdo (Silas) e Branco; Müller e Careca. **T:** Sebastião Lazaroni
SUÉCIA: Ravelli, Roland Nilsson, Ljung (Stromberg), Peter Larsson e Schwarz; Thern, Limpar, Ingesson e Joakim Nilsson; Brolin e Magnusson (Petterson). **T:** Olle Nordin

MAIS UMA VITÓRIA, CLASSIFICAÇÃO ASSEGURADA, MAS FUTEBOL MEDÍOCRE. COMEÇAVA-SE A TEMER PELO FUTURO DA SELEÇÃO NA COPA DE POUCOS GOLS

BRILHA, SELEÇÃO

Na semana em que o Mundial entra na fase decisiva, com os duelos das oitavas-de-final, o Brasil de Sebastião Lazaroni precisa acertar a pontaria e mostrar muito mais que tradição e disciplina tática para chegar ao título **POR JUCA KFOURI E JORGE LUIZ RODRIGUES, DE TURIM**

ORLANDO BRITO

Müller, cercado por dois costarriquenhos: dele saiu o chute para o gol da vitória

A lambada contra a Costa Rica foi adiada. Para quando, não se sabe. Aliás, quem quiser ver show nesta Copa só tem uma opção: a Alemanha de Matthäus. E a lambada esteve por um fio, ou melhor, foi ensaiada pelo menos dez vezes. Tanto que, com pouco mais de um minuto de jogo, a Seleção criou duas chances de gol. Roubar a bola dos fracos costarriquenhos era tão fácil como tirar doce de criança. Dunga, Alemão, Valdo e até Careca não deixavam que os adversários passassem do meio-campo. A facilidade era tanta que o 0 x 0 irritava o time brasileiro, a ponto de Careca trocar pontapés com um adversário e Alemão desferir uma cotovelada em outro. Então, saiu o único gol do jogo, equivocadamente atribuído ao zagueiro Montero, que virou de costas para o arremate de Müller e teve a bola tocada em seu braço, para desespero do bom goleiro Conejo.

"Quando vi o goleiro deles rezando ajoelhado antes do começo do jogo, pensei: 'É hoje'", conformava-se depois Ricardo Gomes, perplexo com as quatro bolas que tocaram nas traves da Costa Rica. Se Conejo rezou e Deus protegeu, Taffarel precisou se esforçar muito para não dormir. A torcida não gostou e vaiou, além de pedir a entrada de Bebeto, o que se deu apenas a 7 minutos do final e no lugar de Careca, jogador com lugar cativo na Seleção. Porque Lazaroni não está disposto a permitir especulações.

"A classificação está assegurada. Era o que queríamos. No começo da semana eu disse que ficaria feliz se ganhássemos de meio a zero, com um gol de mão já nos descontos", firmou o técnico após a magra vitória. "Agora, dependendo do resultado que mais nos interessar diante da Escócia, posso até fazer experiências. Romário entra jogando desde o início e sou capaz de escalar os famosos três atacantes, além de outras novidades."

Resta saber se existe algum adversário mais fácil que a Costa Rica. "A gente sentiu o adversário dominado e talvez tenha perdido a concentração na hora de finalizar", avaliava Alemão. "Quando o adversário se entrega e passa a jogar só no seu erro, o relaxamento é natural", concordava Lazaroni.

A passividade com que Lazaroni viu a partida não desagradou somente a torcedores e críticos. Dos atacantes da Seleção, só Müller não-chiou. Careca era um que não escondia a irritação. "Fiquei muito isolado, tomando pau lá na frente, e acho um absurdo que contra um time como o deles a gente fique com um bando de jogadores lá atrás", desabafava.

Bebeto também dava sinais de não ter gostado de entrar a 7 minutos do final. "O que posso fazer em tão pouco tempo?", indagava. Romário respondia: "Nada. Entre outros motivos porque entrou no lugar do jogador errado. Era hora de usar três atacantes e era a minha hora", dizia, desconsolado.

O clima não era mesmo de lambada. Na noite de Asti, o técnico Telê Santana era festejado. "Mil vezes perder como em 1982 a ganhar desse jeito", ouviu de um jornalista. Pode ser. Mas, se existe alguém que pensa exatamente o contrário, esse é Sebastião Lazaroni.

PRIMEIRA FASE - 2º JOGO

16/6 — DELLE ALPI (TURIM)

BRASIL 1 X 0 COSTA RICA

J: Naji Jouini (TUN); **P:** 58 007; **G:** Montero (contra) 33 do 1º; **CA:** Claudio Jara, Gómez, Mozer e Jorginho

BRASIL: Taffarel, Mauro Galvão, Mozer e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Alemão, Valdo (Silas) e Branco; Müller e Careca (Bebeto). **T:** Sebastião Lazaroni

COSTA RICA: Conejo, Marchena, Montero e Roger Flores; Chavarría, Gómez, Chávez, González, Ramírez e Claudio Jara (Mayers); Cayasso (Guimarães). **T:** Bora Milutinovic

ERA MARADONA

A derrota para a Argentina encerra a pior participação brasileira em Copas desde 1966 com uma ironia: o esquema de Lazaroni, que privilegiou a disciplina tática, não resistiu ao primeiro encontro com o talento

POR JUCA KFOURI E JORGE LUIZ RODRIGUES, DE TURIM

Branco vai desabar diante da Argentina: denunciando "algo estranho" na água

PEDRO MARTINELLI

"Argentina, Argentina!", provocava o técnico Sebastião Lazaroni ao descer para o vestiário do Estádio Municipal, de Asti, no último treino da Seleção. O estímulo virou profecia. Pois exatamente esse foi o grito que se ouvia, no dia seguinte, provocado por poucas gargantas no Estádio Delle Alpi, em Turim.

Tudo porque, num único lance, o gênio de Maradona provou que a "Era Dunga" ainda vai ter de esperar. O talento continua falando mais alto, até quando não está inteiro. "Estou jogando com meio Maradona. Mas, mesmo com uma perna só, ele é a diferença", concordava o técnico vitorioso Carlos Bilardo.

De fato. Nem o tornozelo esquerdo inchado e ferido evitou que Don Diego enfileirasse quatro defensores brasileiros e deixasse Caniggia na cara de Taffarel. Primeiro foi Alemão, no meio-de-campo. Depois Ricardo Rocha e, em seguida, Mauro Galvão e Ricardo Gomes, que acabaram trombando na avenida que o camisa 10 abriu. "Alemão saiu atrasado e não fez a falta como devia", lastimava Lazaroni.

"Ganha quem faz gol", resumiu o tricampeão mundial Zagallo a um repórter da revista argentina *El Gráfico*, a PLACAR de lá, entre o irritado e o diplomático. "Perdemos para um time medíocre", declarou o mesmo Zagallo à PLACAR daqui, indignado com a falta da falta, se é que fica claro.

Rigorosamente, no entanto, o que faltou foi o gol brasileiro. Gol que foi ensaiado por Careca no primeiro minuto de jogo. Gol que a trave evitou numa bela cabeçada de Dunga, aos 18. Gol que a Argentina nem buscava, tanto que só aos 26 Troglio obrigou Taffarel a fazer sua única defesa no primeiro tempo.

No segundo, o gol insistiu em não sair, com duas bolas seguidas nas traves de Goycochea, que fazia cera. Aos 7 minutos e no seguinte, com Careca cruzando e num belo chute de Alemão. Gols como os perdidos por Müller, ao furar uma bola passada por Careca ou ao tentar, de primeira, já no fim do jogo. Gol, enfim, que Caniggia teve a competência de fazer. "Ganhar do Brasil é, sem dúvida, uma grande alegria. Eu não estava com o palpite de que marcaria, mas sabia que Maradona poderia resolver. Quando a bola chegou, eu só tinha de matar Taffarel", resumia o loiro cabeludo, cara de criança, 23 anos.

Era Maradona. Só podia ser ele. Foi vaiado, foi caçado, foi a diferença. E ainda foi cavalheiro, abraçando o amigo Careca ao final do jogo. "Eu queria festejar, mas não se pode mostrar alegria na frente de um amigo que está muito triste", explicava com tranqüilidade.

"Um profundo sentimento de tristeza", era tudo o que Taffarel conseguia expressar ao sair do vestiário; ele, que aos 17 minutos do segundo tempo, tinha defendido um perigoso chute de Burruchaga, rente à trave direita.

Sim, porque no segundo tempo a Argentina equilibrou o jogo. "Ali pelos 20 minutos nosso meio-campo começou a ganhar", analisava Bilardo com o apoio de Caniggia, o herói coadjuvante. "Fomos muito mal no primeiro tempo. Mas o grupo é forte e mostrou que tem brio depois de tanta gozação, tanta gente prevendo que não iríamos adiante."

Brio, é verdade, também não faltou à Seleção. Dunga, por exemplo, involuntariamente escolhido para ser símbolo de uma era, não agüentou o encontro com a imprensa brasileira no caminho para o ônibus de volta. Chorou como um menino desamparado, ele que, aos 27 anos, era tido como homem mau.

Talvez só mesmo Müller não se tenha dado conta da importância do jogo, displicente e arredio como se estivesse jogando no interior paulista ou precisando de uma desculpa para não dormir em casa. Se na quarta-feira foi decisivo diante da Escócia, contra a Argentina, mostrou que lhe falta gana de vencedor.

Careca, ao contrário, estava arrasado. Frustrado com o gol que perdeu e realista a respeito do esquema de Lazaroni, que o sacrificou, mas que vinha dando certo. "Tivéssemos ganhado e ninguém nem se lembraria do esquema."

Esquemas. Contra a Argentina, a Seleção bateu seu recorde de desarmes — 61 — e errou só 24 passes. Em compensação, foi desarmada 60 vezes, outro recorde. Gol, que é bom, não fez nenhum. E técnico pode dar jeito nisso?

Sim e não. É evidente que o competente árbitro francês Joël Quiniou não deixaria Sebastião Lazaroni entrar em campo para marcar, por exemplo, os gols que Müller desperdiçou. Não é menos correto, contudo, dizer que treinamentos específicos existem para melhorar o desempenho nas finalizações e isso quase não foi visto em Asti.

"Nós tentamos, fizemos o possível, tudo o que sabíamos. Infelizmente não o bastante para fazer a bola entrar no gol argentino", desconsolava-se Lazaroni, admitindo que a infra-estrutura que teve à disposição na fase final foi perfeita. "O problema é que a Copa do Mundo é uma guilhotina. E a cabeça que rolou hoje foi a nossa."

Alemanha, Argentina, Espanha, México e Itália. Cinco Copas em branco. Não é o fim do mundo, é claro. Mas é chato. Principalmente porque o tri brasileiro teve a marca da Era Pelé e, desde então, não pintou ninguém com jeito de virar história, ao contrário do que acontece na vizinha Argentina. Porque, se Dunga já era, Maradona ainda é. Mesmo que pela metade, com um só pé.

O CHORO DE ALGUNS, A GARGALHADA DE OUTROS

Foi longa a noite que se seguiu à derrota contra a Argentina. Na concentração da Seleção os carros alugados pelos jogadores desciam a ladeira em alta velocidade. Lá se vão Romário e Bebeto, acompanhados de suas mulheres. Passam Careca, Dunga, Taffarel e Branco. Renato, o único a conversar com os jornalistas. E não poupa Lazaroni: "Fui sacaneado e perseguido por reclamar que o esquema era defensivo demais", fuzilou. "A derrota foi um belo castigo para um técnico retranqueiro."

Lazaroni não pôde se defender. Ficou em Turim para o programa "Bate Bola", da Globo. Só os roupeiros, massagistas, Ricardo Gomes e Bismarck permaneceram no hotel. O zagueiro chorou a noite toda e pensou em parar de jogar. Careca, Dunga, Alemão, Branco e Renato foram jantar no centro de Asti.

Branco queria saber o que havia bebido durante uma paralisação, quando pediu água ao massagista argentino. "Notei um gosto estranho e senti tontura. Avisei o bandeirinha porque achei que fosse algo dopante." Mozer não quis falar, mas deu boas gargalhadas no hotel. Como Renato, que distribuiu depoimentos de colegas interessados em criticar Lazaroni. Quem jogou estava triste. Quem ficou de fora se vingava.

» PRIMEIRA FASE - 3º JOGO

20/6 — DELLE ALPI (TURIM)

BRASIL 1 X 0 ESCÓCIA

J: Helmut Kohl (AUT); **P:** 62 502; **G:** Müller 36 do 2º; **CA:** MacLeod e Johnston

BRASIL: Taffarel, Mauro Galvão, Ricardo Rocha e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Alemão, Valdo e Branco; Romário (Müller) e Careca.

T: Sebastião Lazaroni

ESCÓCIA: Leighton, McPherson, McKimmie, McLeish e Malplas; Aitken, MacLeod (Gillespie), McCall e McStay; Johnston e McCoist (Fleck). **T:** Andy Roxburgh

» OITAVAS-DE-FINAL

24/6 — DELLE ALPI (TURIM)

BRASIL 0 X 1 ARGENTINA

J: Joël Quiniou (FRA); **P:** 61 381; **G:** Caniggia 36 do 2º; **CA:** Monzón, Giusti, Ricardo Rocha, Mauro Galvão e Goycochea; **E:** Ricardo Gomes

BRASIL: Taffarel, Mauro Galvão (Silas), Ricardo Rocha e Ricardo Gomes; Jorginho, Dunga, Valdo, Alemão (Renato) e Branco; Müller e Careca.

T: Sebastião Lazaroni

ARGENTINA: Goycochea, Simón, Monzón e Ruggeri; Basualdo, Burruchaga, Maradona, Giusti, Troglio (Calderón) e Olarticoechea; Caniggia. **T:** Carlos Bilardo

PEDRO MARTINELLI

Dunga domina no peito no medíocre triunfo sobre os escoceses: prenúncio de fracasso

A SELEÇÃO TEM UMA DAS ESTRÉIAS MAIS TRANQÜILAS DE SUA HISTÓRIA NAS COPAS DO MUNDO. VITÓRIA DE 2 X 0 SEM SUSTOS NEM DIFICULDADES

A VITÓRIA DE ROMÁRIO, O MATADOR IMPLACÁVEL

Na estréia brasileira, o Baixinho faz um gol, sofre pênalti, enlouquece os russos e cumpre a primeira parte de sua promessa: ser artilheiro da Copa nos Estados Unidos e levar o Brasil ao sonhado tetra

POR JUCA KFOURI E PAULO VINÍCIUS COELHO

Se você foi (ou é) um razoável aluno de história, há de se lembrar: duas vezes os russos venceram grandes batalhas contando com o imprescindível General Inverno. Na primeira, o time francês de Napoleão Bonaparte foi derrotado. Na segunda, sobrou para os alemães do terrível Adolf Hitler.

Desta vez, no entanto, o gelo do General Inverno foi incendiado por Romário e pelo General Verão, um aliado precioso dos brasileiros que souberam ganhar sua adesão treinando sempre no horário previsto para o jogo na fornalha do estádio da tradicional Universidade de Stanford, em Palo Alto — uma pacífica cidadezinha que convida à reflexão e aos estudos, mas que, não mais que de repente, se transformou no palco de uma autêntica festa brasileira.

Sem sete titulares que brigaram com o treinador russo Pavel Sadyrin e sem o líbero Onopko, suspenso e tido como o melhor jogador do último Campeonato Russo, a ex-Cortina de Ferro simplesmente derreteu diante da temperatura de 36 graus centígrados e do talento de Romário, que enterraram o sonho do empate que Sadyrin alimentava.

Verdade que o dia nasceu enfarruscado em Stanford, um dia, por assim dizer, "ruço". Mas quando a partida começou o sol estava a pino, inclemente, glorioso. Céu de brigadeiro, sol de general. Aos 16 minutos de jogo, quando os russos ainda equilibravam as coisas, o atacante Yuran pedia uma garrafa de água ao banco. Parecia uma senha.

O Brasil, que já tivera duas boas oportunidades, com Romário aos 9 e Bebeto aos 10, parte para cima, com sede de gol. Aos 20, Leonardo é empurrado na área e o fraco juiz das Ilhas Maurício, Lim Kee Chong, finge que não vê. Em seguida, o desafogo. Numa seqüência de lances que demonstravam o predomínio brasileiro, Bebeto bate o escanteio pela esquerda fartamente treinado por Parreira. O artilheiro estava lá, definitivo, com aquele instinto assassino que distingue os craques. Romário, gol do Brasil. Primeiro passo para o tetra, primeiro degrau da escalada da Copa de Romário?

Ainda é cedo para responder. Mas Romário só não decidiu o jogo no primeiro tempo porque, outra vez, o senhor Chong não marcou um pênalti escandaloso de Ternavsky, o soldado destacado para colar no Baixinho. Pênalti não marcado aos 30, no minuto seguinte Bebeto fez a bola raspar a trave numa bela cobrança de falta.

O segundo tempo foi no ritmo que o Brasil queria. Os russos fingiam que atacavam e os brasileiros se fingiam de mortos. Até que aos 7 minutos, outra vez, o Baixinho fez o diabo. Foi pênalti até nas Ilhas Maurício, e o capitão Raí tratou de batê-lo com a categoria.

Enfim, foi uma estréia das mais tranqüilas em toda a história brasileira nas Copas. É claro que contra Camarões o General Verão não jogará para nós. Os africanos não estão nem aí para o sol americano e mostraram ter até mais saúde que os suecos. Mas se Márcio Santos passar mais segurança e Zinho for menos burocrata, bastará o Brasil jogar como na estréia para garantir a classificação no segundo jogo.

MARCOS ROSA

A Rússia de Gorlukovic derreteu diante do calor e do futebol do Brasil de Zinho

>> PRIMEIRA FASE - 1º JOGO

20/6 STANFORD STADION (SÃO FRANCISCO)

BRASIL 2 X 0 RÚSSIA

J: An Yan Lim Kee Chong (MAI); **P:** 81 061;
G: Romário 26 do 1º; Raí (pênalti) 8 do 2º;
CA: Nikiforov, Khlestov e Kuznetzov
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha (Aldair), Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga (Mazinho), Zinho e Raí; Bebeto e Romário.
T: Carlos Alberto Parreira
RÚSSIA: Kharin, Nikiforov, Gorlukovic e Ternavsky; Khlestov, Kuznetzov, Piatiniski, Tsymbalar e Karpin; Radchenko (Borodjuk) e Iuran (Salenko).
T: Pavel Sadyrin

OS ALEGRES AFRICANOS DERRUBARIAM O TIME PRAGMÁTICO DE PARREIRA? QUEM DEU A RESPOSTA FOI DUNGA, O SÍMBOLO DE UMA ERA TÃO CRITICADA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Após receber um belo lançamento de Dunga, Romário rompe a defesa de Camarões para fazer o primeiro gol da Seleção

RESPEITO É BOM E A GENTE GOSTA

Jogando com bravura, a Seleção Brasileira goleia Camarões e garante sua classificação para a segunda fase, tendo no polêmico Dunga o símbolo de sua alma vencedora **POR JUCA KFOURI**

Dunga. O jogo tinha um nome antes de começar. "Vamos partir para cima deles, acuá-los. Na primeira dividida temos de entrar rachando, mostrar que o campo tem dono", ele dizia. Na primeira dividida, porém, Dunga se deu foi muito mal, quase nocauteado ao receber uma cabeçada do camaronês Foe, e nada indicava que os africanos iriam respeitar o futebol tricampeão.

Quem, com justo romantismo, foi ao estádio de Stanford ver um jogo empolgante também se decepcionava. Tanto que o primeiro chute a gol foi numa cobrança de falta por parte de Camarões. E aos 19 minutos! O Brasil só chutaria, por acaso, numa tentativa de cruzamento de Jorginho que resvalou num defensor africano, aos 24 minutos.

O jogo dos sonhos era uma demonstração do mais puro pragmatismo, do chamado futebol de resultados. A defesa brasileira se dava bem, o meio-campo se complicava com o futebol no diminutivo de Zinho e a bola pouco chegava ao ataque. A virtude do time de Parreira era a paciência, a espera da hora do bote. Quando veio, foi mortal. Num belíssimo lançamento — adivinha de quem? —, Dunga enfiou Romário na cara do gol. Resultado? O de sempre quando ele recebe a bola como gosta. Brasil 1 x 0, o gol do desafogo, o gol que impôs aquele velho respeito que a gente tanto gosta.

Os Leões Indomáveis voltaram para o segundo tempo domados. Quando aos 18, então, a correta expulsão de Song soou como música aos ouvidos brasileiros, não havia mais o que temer. Aí o Brasil se impunha e Dunga, por pura ironia, olhou para um lado e enfiou a bola no outro, certinho nos pés de Jorginho, que cruzou com perfeição para Márcio Santos. Estavam quebradas as pernas dianteiras dos Leões. As traseiras ficaram por conta de Bebeto, que aproveitou o rebote de uma chance perdida por Romário para fazer 3 x 0.

Mesmo que o meio-campista Zinho destoe gravemente, o espírito do time tem sido igual ao dos Mosqueteiros — "um por todos, todos por um". E Dunga é quem melhor resume tudo isso, por mais que a chamada era Dunga tenha virado palavrão a partir da eliminação do Brasil na Copa de 1990. Seja como for, em dois jogos o Brasil já marcou um gol a mais do que nos quatro disputados em 1990, prova de que o pragmatismo não significa falta de gols.

» PRIMEIRA FASE - 2º JOGO

24/6 STANFORD STADIUM (SÃO FRANCISCO)

BRASIL 3 X 0 CAMARÕES

J: Arturo Brizio Carter (MEX); **P:** 83 401;
G: Romário 39 do 1º; Márcio Santos 20 e Bebeto 27 do 2º; **CA:** Tataw, Kalla e Mauro Silva; **E:** Song
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga, Zinho (Paulo Sérgio) e Raí (Müller); Bebeto e Romário.
T: Carlos Alberto Parreira
CAMARÕES: Bell, Tataw, Kalla, Song e Agbo; Libiih, Foe, Mbouh e Mfede (Maboang); Oman-Biyik e Embe (Milla). **T:** Henri Michel

NA ÚLTIMA PARTIDA DA FASE INICIAL, UM EMPATE GARANTIU O PRIMEIRO LUGAR DO GRUPO PARA O BRASIL E A SEGUNDA VAGA PARA OS SUECOS

AGORA É CONTRA OS DONOS DA CASA

Depois do "amistoso" contra a Suécia, em Detroit, a neutralidade da Copa acabou para o Brasil, que vai enfrentar os Estados Unidos bem no dia de sua principal data nacional

POR JUCA KFOURI

BEN RADFORD/ALLSPORT

Jorginho persegue o sueco Mild: retrato de uma partida difícil

Havia uma única dúvida antes de o jogo contra a Suécia começar: o Brasil jogaria para vencer ou estrearia o estilo alemão, eventualmente entregando o jogo para ter vida menos dura nas oitavas-de-final? Uma misteriosa reunião de todo o elenco no Radisson Hotel, em Detroit, justificava os rumores de que o Brasil preferia enfrentar uma Holanda a pegar os donos da casa, os Estados Unidos, em pleno 4 de julho, dia da independência deles, ocasião em que os fortíssimos sentimentos nacionais estarão mais acirrados.

Dunga não escondia que "o time americano evoluiu muito, tem uma marcação forte e vai querer morrer em campo no dia da festa nacional. Além do mais, a Holanda está uma 'baba'". E Dunga tem uma ascendência indiscutível sobre seus companheiros. Não bastasse, o estádio Silverdome podia ser uma boa desculpa, já que sua gigantesca cobertura impedia a visão do céu. "As referências mudam demais", explicava Raí, quando a Seleção foi apresentada a um campo seis metros mais estreito que os 68 exigidos pela FIFA. De fato, jogar no palco dos Lions de Detroit, time de futebol americano, é mais ou menos como tourear num ringue de boxe.

Mas o Brasil entrou de azul, como na final da Copa de 1958, e diante da mesma Suécia. A Seleção entrou tranqüila, querendo vencer e jogando mal. Até que, aos 23, Taffarel foi buscar sua primeira bola na rede nesta Copa, numa bela cobertura de Andersson, grandalhão de 1,93 m. Dunga pediu a bola a Taffarel e bateu palmas para o time, embora, justiça seja feita, até ali só ele chutara contra o gol sueco. "Mazinho, Mazinho", a torcida ensaiava em coro aos 25.

Em 1958, a Suécia também saiu na frente e depois tomou cinco. Desta vez, porém, a reação não vinha. E não vinha porque a Suécia marcava muito bem as duas laterais brasileiras, forçava o Brasil a jogar pelo meio, setor em que construíra uma barreira quase inexpugnável e que usava para sair em perigosos contra-ataques. O futebolzinho e seu homônimo continuavam a ser a tônica de um meio-campo sem criatividade em que só Dunga e, até, Mauro Silva, tentavam o gol. Raí rendia menos do que pode e dupla Bebeto e Romário pouco produzia.

Talvez por causa da cobertura do estádio, Parreira ouviu mal a ordem de Deus e pôs Mazinho não no lugar de Zinho, mas no de Mauro Silva (que corria o risco de levar o segundo cartão amarelo). Ou Parreira terá uma comunicação com o céu melhor do que se possa imaginar? Na primeira descida brasileira no segundo tempo foi exatamente Zinho quem enfiou na perfeição para ele marcar. Ele quem? Romário, obviamente.

Mazinho deu outra velocidade ao time e Silverdome virou uma gafieira. O time dançava lá embaixo, o povo sambava nas arquibancadas. Por pouco tempo, porém. Afinal, o empate era bom para garantir o segundo lugar sueco e mantinha a invencibilidade brasileira. E 4 de julho é uma boa data para caminhar para o tetra, mesmo diante dos donos da casa. Porque não somos alemães mesmo e aceitamos o que o destino nos reserva. E a gente que achava que esta seria uma Copa neutra, hein?

>> PRIMEIRA FASE - 3º JOGO

28/6 — SILVERDOME (DETROIT)

BRASIL 1 X 1 SUÉCIA

J: Sandor Puhl (HUN); **P:** 77 217; **G:** Kennet Andersson 23 do 1º; Romário 1 do 2º; **CA:** Aldair e Mild

BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva (Mazinho), Dunga, Zinho e Raí (Paulo Sérgio); Bebeto e Romário. **T:** Carlos Alberto Parreira

SUÉCIA: Ravelli, Roland Nilsson, Andersson, Kamark e Ljung; Schwarz (Mild), Ingesson, Thern e Henrik Larsson (Blomqvist); Brolin e Kennet Andersson. **T:** Tommy Svensson

CONTRA UM TIME QUE TINHA UM JOGADOR A MAIS E ENFRENTANDO O NACIONALISMO AMERICANO, A VITÓRIA DE 1 X 0 FOI UMA GOLEADA PARA O BRASIL

4 DE JULHO: O DIA DO SOFRIMENTO

Cometendo os erros dos jogos anteriores, a Seleção penou para vencer, mas conseguiu estragar a festa americana com uma jogada genial de Romário. Agora se prepara para espremer a Laranja Holandesa

POR JUCA KFOURI

Era o dia da independência deles. Iludidos até pela imprensa americana, os donos da casa achavam que "seria um jogo em que tudo pode acontecer". Mas estava na cara que o 4 de julho seria, para os ianques, o que um certo 5 de julho foi para nós, 12 anos atrás, no Estádio de Sarriá, na Copa da Espanha. O dia do fim de um sonho. Que nos custou irritante sofrimento, diga-se de passagem. É claro que todos têm o direito de sonhar, embora, pelo menos em matéria de futebol, os nossos sonhos sejam incomparavelmente mais possíveis que os deles. Mas, ainda assim, eles sonhavam que o 4 de julho marcaria a entrada americana no primeiro mundo do futebol, registraria a independência do nascente soccer e a afirmação de uma nova façanha esportiva dos filhos do Tio Sam. Acabaram chorando a ingenuidade derramada no colo da Vovó Donalda.

Para o Brasil, se por um lado era um jogo normal, até previsivelmente fácil, por outro, a partida tinha o caráter de decretar a independência do setor mais importante de um time, o meio-campo. E qual um D. Pedro I às margens do Ipiranga, em 7 de setembro de 1822, Mazinho ergueu mais alto a sua espada durante os treinamentos e afastou Raí da equipe. Carlos Alberto Parreira, como D. João VI, mandou que ele ocupasse o lugar antes que um aventureiro o fizesse, e o lateral Leonardo esteve bem perto disso. Na verdade, Raí acabou sendo escolhido para vítima, enforcado como Tiradentes, quando, no mínimo, Zinho deveria sair antes dele.

Foi um jogo complicado no engalanado Estádio de Stanford, o alçapão brasileiro, pela primeira vez tomado pela torcida adversária, pois os americanos dos dois jogos anteriores despiram a camisa amarela e vestiram a branca, vermelha e azul. O Brasil repetiu todos os erros das partidas antecedentes e se permitiu até tomar um susto aos 11 minutos, quando os americanos por pouco não marcaram. Mas Romário chutou bola na trave, Bebeto quase fez de voleio, e, na mesma jogada, Márcio Santos e Aldair perderam gol certo — tudo isso apesar do futebol burocrático pelo lado verde-amarelo e só esforçado pelo dos americanos. O primeiro tempo terminou num triste 0 x 0, placar inédito até então nas movimentadas oitavas-de-final. Pior: uma cotovelada inexplicável de Leonardo o tirou de campo, justamente expulso, bem ele que era o jogador mais consciente da Seleção e que, provavelmente, voltaria para jogar no meio-campo com a entrada de Branco em lugar de Zinho.

Com dez jogadores, o Brasil voltou como um leão ferido. Mauro Silva, por exemplo, jogava por ele, por Zinho, pelo Mauro e pelo Silva. Aos três minutos, Dooley salva na linha o que seria gol de Romário. Aos 13, Zinho deixa Romário na cara do goleiro e ele perde um gol exatamente igual ao segundo que fizera contra o Uruguai, nas eliminatórias. Já os americanos, com 11 jogadores, tinham medo de buscar a felicidade. E continuavam atrás, apostando numa prorrogação e no desgaste brasileiro.

Aos 23, Parreira tirou Zinho e pôs Cafu na lateral-esquerda, mandando Mazinho voltar ao meio-campo. Não fazia sentido, mas, para acabar com o nosso sofrimento e começar o de uma enlouquecida torcida que não parava de gritar "IUESSEEI" Romário serviu com genialidade para Bebeto fazer o gol da libertação aos 28 minutos. Como eles não sabem atacar, e defender é hoje, quem diria, uma de nossas marcas registradas, vamos a Dallas pegar a Holanda.

OITAVAS-DE-FINAL

4/7 STANFORD STADIUM (SÃO FRANCISCO)

BRASIL 1 X 0 ESTADOS UNIDOS

J: Joel Quiniou (FRA); **P:** 84 147; **G:** Bebeto 28 do 2º; **CA:** Jorginho, Mazinho, Ramos e Dooley; **E:** Leonardo e Clavijo

BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga, Zinho (Cafu 23 do 2º) e Mazinho; Bebeto e Romário. **T:** Carlos Alberto Parreira

ESTADOS UNIDOS: Meola, Clavijo, Balboa, Lalas e Caligiuri; Tab Ramos (Wynalda), Dooley, Hugo Pérez (Wegerle) e Sorber; Stewart e Cobi Jones. **T:** Bora Milutinovic

SIPA PRESS/PAULO TEIXEIRA/ZETA

Bebeto abraça Romário após o gol salvador: vitória dramática sobre os americanos

FOI DRAMÁTICO. A SELEÇÃO ABRIU 2 X 0, MAS CEDEU O EMPATE E A COISA FICOU PRETA. ATÉ PINTAR O BRANCO E UM GOL QUE PÔS O BRASIL NA SEMIFINAL

BRASIL FAZ A MELHOR PARTIDA DA COPA

Depois da empolgante vitória sobre a Holanda, time de Parreira fica só a dois passos do tetra e leva a torcida a acreditar mais do que nunca no tão esperado título **POR JUCA KFOURI**

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Valckx tentou parar Romário em vão. Foi do Baixinho o primeiro gol do Brasil

Se você acha que em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, faz um calor infernal, venha a Dallas. Se o clima carioca não faz o seu gênero, imagine-se no Rio de Janeiro sem a brisa marinha. Dallas é assim. Um inferno. Programar um jogo para as duas e meia da tarde é um desrespeito mesmo da FIFA aos atletas. Por isso, não se falava em outra coisa nos dois dias que precederam a partida diante da Holanda. O calor, ao menos, seria pior para eles. Só que Dallas viveu um dia de temperatura européia e ventania americana no 9 de julho. Deu para passar frio no Cotton Bowl. De repente, frio e medo. Como Branco se comportaria diante do rapidíssimo ponta-direita Overmars? "Não vamos deixar que ele seja lançado em velocidade e o Branco tem experiência para correr atrás dele usando os atalhos", Dunga fazia questão de tranqüilizar.

E a bola rolou. E rolou, rolou e rolou, porque os dois lados sabiam que seria um jogo de paciência. O Brasil acertava os passes até que a bola chegasse aos pés de Zinho, mantido exclusivamente pela vontade de Parreira, pois até Zagallo jogara a toalha.

Aos 20, o primeiro chute a gol, dado por Romário. Só aí a Holanda respondeu cruzando com certo perigo. Zinho perdia outra em seguida. Mauro Silva, em compensação, até tentava fazer o quarto gol da carreira dele, aos 29. A Holanda também, às vezes, assustava um pouco. Só um pouco. O Brasil era superior e merecia estar vencendo. No último minuto, nem Zinho nem Aldair nem Romário (!) chutaram a bola que podia decretar o primeiro gol brasileiro, numa descida fulminante.

E Zinho voltou para o segundo tempo. Ele voltou novamente. De cara, nova vacilada de Romário, bem ele que não costuma perder a hora H, a hora de fazer a Holanda. Cadê o instinto assassino do Baixinho? Pausa para fazer justiça. Zinho já fez três ótimas jogadas. Será que vai? Vai. Vai porque Aldair desarma o passe de Rijkaard, lança Bebeto com perfeição e este cruza na medida para Romário responder aos angustiados aonde andava seu instinto assassino. Gol do Brasil. A Holanda está perdida. O Brasil começa a jogar um futebol empolgante e, pela primeira vez na Copa, levanta literalmente a galera. Bebeto, Romário, a dupla BR, quase amplia. O jogo é nosso, tem cheiro de taça no ar. Zinho tem ligeira recaída, erra de novo, mas é perdoado porque Bebeto está em todas as casas brasileiras marcando o segundo gol e comemorando o nascimento do filho Mattheus, embalando ao lado de Mazinho e Romário o sonho do tetra.

A vida é dura, a realidade cruel. Bergkamp é o nome da realidade, ao se aproveitar do cochilo de Márcio Santos: 2 x 1. Vem sofrimento aí. É hora de defender, mas... A pressão holandesa é terrível e, no escanteio, o empate — Winter de cabeça. O melhor jogo da Copa fica dramático, e Branco joga demais. Raí entra no lugar do Mazinho. De Mazinho, Parreira?! Branco bate a falta que sofreu. Gol de Branco!!!! Que cobrança perfeita! Não está mais aqui quem não o queria na Copa. Falta pouco, Brasil!!! Já estamos entre os quatro, mas vamos buscar o título. Agora dá pra sentir.

>> QUARTAS-DE-FINAL

9/7 — COTTON BOWL (DALLAS)

BRASIL 3 X 2 HOLANDA

J: Rodrigo Badilla (CAC); **P:** 63 998; **G:** Romário 6, Bebeto 16, Bergkamp 18, Winter 30 e Branco 36 do 2º; **CA:** Winter, Dunga e Wouters

BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Branco (Cafu); Mauro Silva, Dunga, Zinho e Mazinho (Raí); Bebeto e Romário. **T:** Carlos Alberto Parreira

HOLANDA: De Goeij, Winter, Valckx, Koeman e Rob Wichge; Rijkaard (Ronald de Boer), Wouters e Jonk; Overmars, Bergkamp e Van Vossen (Roy). **T:** Dick Advocaat

TERREMOTO EM LOS ANGELES

Seleção joga bem, perde gols, mas inverte a máxima do futebol e mostra que quem não faz, faz. Domingo, contra a Itália, é o dia da desforra de Sarriá. Quem vencer ganha o tetra e será o campeão do século

POR JUCA KFOURI

Havia uma pedra no caminho brasileiro para decidir com os italianos, domingo, a hegemonia do futebol mundial. A pedra — ou seria um rochedo? — era a Suécia, a única seleção, além do Brasil, invicta nesta Copa.

Para demoli-la, Parreira previa dificuldades enormes. "Não vai ser fácil entrar na defesa deles. Cada vez a Suécia está marcando melhor, com grupos de quatro jogadores, incansáveis." Remover a pedra do caminho — ou o rochedo — exigiria paciência, o aproveitamento total das amplas dimensões do campo do Rose Bowl, em Los Angeles, e muito cuidado com as bolas altas, a jogada que todos conhecem da Suécia, mas que com muita freqüência dá certo.

A idéia brasileira passava também por fazer Los Angeles tremer de alegria, com um terremoto de 3, 4, na escala Parreira. Ficou na escala mínima. Ninguém estava ali para brincar e Romário, por exemplo, agradecia a classificação italiana porque, embora considerasse a Bulgária melhor, preferia enfrentar uma equipe que entrará em campo com as mesmas responsabilidades da nossa. Brasil e Itália farão cada um a sua quinta final.

Antes da Itália, no entanto, tínhamos o tal obstáculo sueco pela frente. Dia 13, dia do Zagalo, aos 13 minutos Zinho perde o gol que poderia ser o de sua redenção. Mas só tinha um time em campo, o inteiro de azul, o Brasil. Os de branco se defendiam com a disciplina tática mais perfeita dos 50 jogos nos Estados Unidos. Por falar nisso, o jogo 51 era uma péssima idéia, o da disputa do terceiro lugar. Jogávamos para estar no 52.

Aos 25, o zagueiro Andersson tira na linha o gol de Romário e Mazinho chuta o rebote para fora. Parece mentira! O Brasil deixa a Suécia atordoada, mas o gol não sai. Romário perde outro aos 32. Podia estar 3 x 0. O primeiro tempo — que o time brasileiro fez ser fácil — acaba num incrível, e angustiante, 0 x 0. Quem não faz...

O Brasil volta com Raí porque Mazinho — que coisa! — outra vez não foi o que se esperava dele. Zinho, em compensação, faz uma partida bastante razoável e, aos 9, quase marca um golaço de fora da área. Aos 17, o capitão sueco Thern mostra que é terno só ao se desculpar pela entrada que deu em Dunga e que lhe valeu a expulsão um tanto rigorosa demais. Com dez eles vão se fechar ainda mais. Até quando eles resistirão, embora o Brasil já não crie tanto?

Resistem até os 35, quando Romário inverte a máxima do futebol e mostra que quem não faz, faz. Fez de cabeça, o primeiro que a Suécia toma na Copa. O tempo passa ao som de um ritmado olé. Já dava para pensar mais concretamente na Itália, que até hoje perdeu apenas uma final — justo contra nós, em 1970 —, mas que a exemplo do Uruguai — única Seleção que nos derrotou numa final, em 1950 — nos submeteu a um sofrimento até hoje não cicatrizado em 1982, na Espanha. E como nós queríamos devolver a dor, Itália! Baggio se recuperará a tempo para tentar ser o novo Paolo Rossi? Pode ser, mas os nossos candidatos ao tetra nem cogitam dessa hipótese, certos de que entre eles e o time que perdeu no Sarriá existe uma diferença chamada determinação.

PEDRO MARTINELLI

Mazinho encara os suecos: desta vez eles não conseguiram segurar o empate

SEMIFINAL

13/7 ROSE BOWL (LOS ANGELES)

BRASIL 1 X 0 SUÉCIA

J: José Joaquim Torres Cadena (COL); **P:** 91 856; **G:** Romário 35 do 2º; **CA:** Zinho, Ljung e Brolin; **E:** Thern

BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Branco; Mauro Silva, Dunga, Zinho e Mazinho (Raí); Bebeto e Romário. **T:** Carlos Alberto Parreira

SUÉCIA: Ravelli, Roland Nilsson, Bjorklund, Andersson e Ljung; Thern, Ingesson, Mild e Brolin; Dahlin (Rehn) e Kennet Andersson. **T:** Tommy Svensson

ELES QUERIAM VINGAR A COPA DE 1970. NÓS A DE 1982. AMBOS BUSCAVAM O TETRACAMPEONATO. E, APÓS 120 MINUTOS DE JOGO TENSO E EMOCIONANTE E NOVE

SÓ EXISTE UM TETRACAMPEÃO NO MUNDO

Em um espetáculo de outro planeta, o astro Romário e seus cometas vencem as estrelas italianas e levam a Seleção Brasileira a dominar o futebol do Século XX **POR JUCA KFOURI**

Quase cem mil terráqueos tiveram o privilégio incomparável de assistir, no domingo, nas arquibancadas do Rose Bowl, em Los Angeles, ao maior choque da história. Pouco menos de 24 horas antes, o planeta Júpiter havia sido espetacularmente abalroado por um cometa desgovernado, causando uma explosão milhares de vezes maior que o de uma bomba atômica. Nada comparável, no entanto, ao impacto causado pelo astro e artilheiro Romário e seus cometas numa Itália compreensivelmente assustada.

A proporção do jogo era mesmo planetária. Estava em disputa o primeiro título de tetracampeão mundial e a hegemonia no Século XX. E a partida demoraria um século e um segundo. Já dizia o falecido técnico irlandês Bil Schankley que "o futebol evidentemente não é uma das coisas mais importantes das nossas vidas — é a mais importante". E era exatamente disso que se tratava ali: a partida mais importante da vida dos dois países que mais amam o futebol no mundo. Só tinha que dar Brasil e seu futebol que os europeus insistem em considerar de uma outra galáxia.

A Itália entrou disposta a queimar todas as suas cartas. Baresi e Roberto Baggio, sem as melhores condições físicas, foram para o sacrifício que o jogo merecia, mas é o Brasil que vive o primeiro drama: Jorginho se machuca depois de sua melhor jogada e sai aos 20 minutos, dando lugar a Cafu (o plano de Parreira — confidenciado a PLACAR antes da final — era de eventualmente usar Cafu para o lugar de Mazinho no segundo tempo). Até aí Mauro Silva fazia uma partida espetacular, Romário tivera uma chance cabeceando, Bebeto outra ainda mais clara e Massaro chutara para Taffarel defender cara a cara, nada comparável à furada de Mazinho no rebote de uma falta bem cobrada por

ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Obrigado, Taffa": Baggio bateu o pênalti para fora, o Brasil é tetra, o goleiro, herói

Branco, quando Romário e Bebeto só esperavam para abrir o marcador.

Era um primeiro tempo quase solene, de muito respeito e com o Brasil melhor. O juiz húngaro Sandor Puhl só marcava faltas contra o Brasil e o paraguaio Venancio Zarate não assinalava os impedimentos do Brasil. O Mazinho do fim da Copa era o Zinho do começo e Arrigo Sacchi tira Mussi, põe Apolloni para marcar Romário e devolve Maldini à lateral-esquerda, sua posição de origem. Roberto Baggio está preocupantemente sossegado e Baresi mostra por que é um dos maiores zagueiros do mundo, orientando e até levando a Itália à frente. Fosse uma luta de boxe e o Brasil teria ganho no primeiro tempo por pontos. Mas não era. Era o Jogo do Século.

Recomeça o duelo de titãs, disputado palmo a palmo do gramado, uma verdadeira guerra de posições, embora com cavalheirismo e quase sempre só entre as duas linhas intermediárias do campo. A iniciativa é toda brasileira, mas não como numa briga de gato e rato — como fora Brasil e Suécia. É o leão contra o tigre, briga de bicho grande, nenhum pode bobear. Aos 30, Pagliuca bobeia num chute de Mauro Silva, mas a danada da trave evita uma injustiça com o belo goleiro. Ah, como queríamos essa injustiça, Itália!

O jogo é lá e cá, mais lá do que cá, na verdade, e a prorrogação se aproxima, como se o Jogo do Século precisasse de todo tempo do mundo. Jamais, nas 14 Copas anteriores, nenhuma final acabou 0 x 0. Tinha de ser essa.

Noventa e três minutos do Jogo do Século, sim 93. Bebeto desperdiça uma chance de diamante e Pagliuca e Apolloni salvam o rebote de Romário. Aos 96, Roberto Baggio obriga Taffarel a fazer uma defesa de ouro. Aos 99, é Pagliuca quem salva o tiro cruzado de Zinho. Viola, o predestinado corintiano, entra no lugar de Zinho para o segundo tempo da prorrogação. O Brasil ainda quer ganhar e põe em campo, além do mais, um jogador que também bate pênalti. Viola entra feito fera. Aos 109, Cafu deixa Romário na cara do gol e o gol não acontece. Aos 111, é Viola quem faz tudo, dá para Romário e Baresi — o melhor em campo ao lado de Mauro Silva — salva na hora H.

MARCOS ROSA

Dunga ergue a taça e desabafa: palavrões para os críticos e descrentes

Aos 113, Roberto Baggio e Taffarel. Taffarel ganha. Cento e dezesseis, Baresi corre atrás de Viola e cai numa câibra só... Sai de maca, heróico. O Jogo do Século termina com o segundo 0 x 0 da Copa dos Estados Unidos. Que ironia, mas que 0 x 0!

Iríamos aos pênaltis novamente contra um time de camisa azul, como a França, em 1986. Baresi na primeira cobrança, que injustiça!, bota a bola em órbita. E como nós queríamos essa injustiça, Itália! Lembra da de 1982? Agora é Márcio, por todos os santos, e Pagliuca. Dá Pagliuca. Que pena! Albertini, 1 x 0. Romário, que não bate pênalti, bate! 1 x 1. Evani, 2 x 1.

Lá vem o Branco. Contra a França, em 1986, no México, ele fez. E fez de novo! 2 x 2. Massaro e Taffarel. TAFFAREL!!!!

Dunga, o capitão que vai erguer a taça. DUUUNGA! Roberto Baggio em órbita!!!!! Que outra injustiça maravilhosa! Só existe um tetracampeão na face da Terra! E como foi justo! O Brasil merecia.

» FINAL

17/7 — ROSE BOWL (LOS ANGELES)

BRASIL 0 X 0 ITÁLIA

J: Sandor Puhl (HUN); **P:** 94 194; **CA:** Mazinho, Apolloni, Albertini e Cafu

BRASIL: Taffarel, Jorginho (Cafu), Aldair, Márcio Santos e Branco; Mauro Silva, Dunga, Mazinho e Zinho (Viola); Bebeto e Romário. **T:** Carlos Alberto Parreira

ITÁLIA: Pagliuca, Mussi (Apolloni), Baresi, Maldini e Benarrivo; Dino Baggio (Evani), Donadoni, Berti e Albertini; Baggio e Massaro. **T:** Arrigo Sachi

Nos pênaltis, Brasil 3 x 2 Itália. Pelo Brasil, marcaram Romário, Branco e Dunga. Márcio Santos perdeu. Pela Itália, marcaram Albertini e Evani. Perderam Baresi, Massaro e Baggio

A SELEÇÃO E SEUS INTERMINÁVEIS PROBLEMAS INTERNOS. BEM QUE ELES PODIAM ESTRAGAR A ESTRÉIA NA COPA. MAS ZICO APAGOU O INCÊNDIO

VITÓRIA EM DOSE DUPLA

Antes de passar pela Escócia, por 2 x 1, na abertura da Copa, o Brasil precisou derrotar um inimigo bem mais traçoeiro

POR SÉRGIO XAVIER FILHO E SÉRGIO GARCIA, DE SAINT-DENIS

Na história das Copas ficará registrado que o Brasil começou o Mundial 98 com o pé direito. Lá estará que a Seleção bateu a Escócia por 2 x 1 no jogo de abertura da Copa.

O que não estará escrito em lugar algum é que o verdadeiro adversário no jogo de abertura da Copa da França não se chamava Escócia. Nas duas semanas que antecederam a estréia, o Brasil precisou encarar um inimigo bem mais encardido: o próprio Brasil. Traiçoeiro e ardiloso, esse Brasil fez o que pôde para atrapalhar. Treinou pouco e treinou mal, semeou discórdias entre jogadores, insistiu em variações táticas que não aproveitam as potencialidades dos craques, afundou-se em problemas médicos com diagnósticos tardios e equivocados.

Para derrotar um adversário desse porte só mesmo um artilheiro dos bons. Zico, 640 gols na bagagem de jogador, demonstrou ser como coordenador técnico um exterminador de problemas. Apoiado numa inquebrantável coerência, Zico vem conseguindo impor suas idéias e um mínimo sentido de união que uma Copa do Mundo exige.

De todos os obstáculos enfrentados por Zico, o "caso Romário" foi o mais cabeludo. Com o aval do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, Zico dobrou Lídio Toledo e Zagallo, que preferiam manter Romário na Seleção. Perguntado se estaria ficando mais poderoso do que Zagallo, Zico não escondeu o jogo. "Não sou poderoso, quem manda na Seleção é o Ricardo Teixeira."

Ao manter-se coerente e lutar por uma Seleção sem jogadores bichados, Zico sabe que candidatou-se ao papel de vilão maior do futebol brasileiro. "Em caso de derrota, vão dizer que perdi minha quarta Copa *(como jogador, Zico participou de Mundiais em 1978, 1982 e 1986)* porque o Romário não estava aqui", admite Zico. "Só sei que estou com a consciência tranqüila."

Mesmo com Romário despachado para o Viajandão, os encrenqueiros continuaram aparecendo no caminho de Zico. Como se temia, Edmundo não suportou a idéia de ficar no banco de reservas. No primeiro treino de Bebeto como titular, Edmundo quase racha a perna do companheiro Júnior Baiano.

Após o amistoso contra o Athletic Bilbao, o craque-problema entrou no vestiário batendo boca com Ronaldinho, que não havia lhe passado uma bola. Leonardo pediu calma e tomou uma bronca. "Você sempre querendo bancar o bom moço. Vá tomar no..., não estou falando com você", devolveu o Animal. Os outros jogadores não deixaram que a briga fosse em frente, mas um zagueiro resumiu o pensamento de alguns: "Não deviam ter trazido esse cara."

Na sexta-feira, 5 de julho, Edmundo detonou mais um torpedo. "Estou melhor fisicamente e tecnicamente do que o Bebeto." A frase pegou mal. Era hora de Zico entrar em campo. Na quinta-feira, chamou o jogador: "Além de desrespeitar o Bebeto, você feriu as normas da CBF ao dar uma entrevista por telefone. É melhor pedir desculpas." Edmundo assimilou e, na noite de sexta-feira, 5 de junho, reuniu-se com jogadores e Comissão Técnica. Se retratou.

Até nesse time que sofreu para ganhar dos escoceses já aparece a mão de Zico. Ele não se conformava em ver o volante César Sampaio se embananando para atacar pela direita e o meia ofensivo Rivaldo esforçando-se para cumprir o papel de cabeça-de-área. Em vez de trombar com Zagallo, Zico conversou diretamente com os jogadores. Foram eles que disseram para o técnico onde se sentiriam mais à vontade em campo.

PISCO DEL GAISO

Cafu vence Leighton no lance do segundo gol brasileiro: Boyd marcou contra

PRIMEIRA FASE - 1º JOGO

10/6 — STADE DE FRANCE (SAINT-DENIS)

BRASIL 2 X 1 ESCÓCIA

J: José Garcia-Aranda (ESP); **P:** 80 000; **G:** César Sampaio 5 e Collins (pênalti) 38 do 1º; Boyd (contra) 27 do 2º; **CA:** Aldair, César Sampaio, Jackson
BRASIL: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair e Roberto Carlos; César Sampaio, Dunga, Giovanni (Leonardo) e Rivaldo; Bebeto (Denilson) e Ronaldinho. **T:** Zagallo
ESCÓCIA: Leighton, Hendry, Boyd e Calderwood; Burley, Collins, Lambert, Dailly (Tosh McKinlay) e Gallacher; Durie e Jackson (Billy McKinlay).
T: Craig Brown

MAIS DO QUE A VITÓRIA TRANQÜILA E O PRIMEIRO LUGAR DO GRUPO ASSEGURADO, O BRASIL COMEMORA A ESTRÉIA EFETIVA DE SEU CRAQUE NA COPA

PISCO DEL GAISO

Ronaldinho é abraçado por Bebeto e Rivaldo: o artilheiro, enfim, desencantou

CLASSIFICADO!

Começou a Copa de Ronaldinho – e a goleada de 3 x 0 sobre o Marrocos já garantiu a vaga do Brasil para a próxima fase do Mundial **POR SÉRGIO XAVIER FILHO E SÉRGIO GARCIA, DE NANTES**

Assim como um filme só começa realmente quando entra em cena o ator principal, a Copa da França teve início às 21 horas e 9 minutos da terça-feira (16 horas e 9 minutos no Brasil), seis dias depois da abertura oficial. Após um lançamento preciso de Rivaldo, Ronaldo fuzilou o goleiro marroquino Benzekri. No nono minuto de jogo, a mais cintilante estrela do futebol mundial conseguiu desencantar. É verdade que o time de Marrocos fez o que pôde para impedir o início da Copa. Tentou reduzir os espaços, empurrou e até rasgou o calção do camisa 9. O marroquino Chiba chegou a cravar as travas de sua chuteira na coxa de Ronaldinho. Não adiantou. Quebrando um jejum de quatro jogos sem marcar pela Seleção, Ronaldo brilhou. "Era o gol que faltava para mim nesta Copa", festejou Ronaldinho após a partida.

O gol abriu o caminho para a classificação antecipada do Brasil já como primeiro colocado do Grupo A e fez um bem danado para uma competição que precisa do brilho de seus ídolos.

A "verdadeira estréia" de Ronaldo repara também uma injustiça cometida pela imprensa internacional. Após a vitória contra a Escócia, os principais jornais argentinos, franceses, italianos e ingleses resumiram seus artigos na pergunta "Cadê o Fenômeno?". O principal diário da França, o *L'Équipe*, chegou a dar nota 6 para Ronaldo e 6,5 para o tosco escocês Durie. Poucos lembraram que Ronaldo colocou o seu talento a serviço do time e fez um corta-luz sensacional para Rivaldo quase marcar.

Ronaldo abriu a Copa, brilhou, declarou em voz alta que não viajou até a França para ser coadjuvante. Nos subterrâneos, porém, quem trabalhou duro foi um dos jogadores mais criticados até o início da Copa. O lateral Cafu provou que a sua grande atuação contra os escoceses não foi bissexta, nem um acidente de percurso. "Quem sabe eu não marco mais um golzinho contra a Noruega na semana que vem", dizia. Ele foi perfeito na marcação e conseguiu ser a principal opção ofensiva da equipe pela direita.

Nem tudo foi festa, porém, pelo lado brasileiro. Se os marroquinos não fossem tão limitados o resultado em Nantes poderia ter sido mais apertado. Criativo para atacar, o Brasil foi frouxo na marcação, sobretudo no meio campo. O volante Dunga perdeu a paciência com o time. Pela primeira vez, desde que carrega a faixa de capitão da Seleção, o jogador esteve a ponto de dar uns safanões em um companheiro. A vítima foi Bebeto. Aos 35 minutos do primeiro tempo, um contra-ataque marroquino quase terminou no gol de empate. César Sampaio matou a jogada e cometeu a falta na entrada da área.

O encarregado de "marcar a bola" enquanto a barreira é arrumada era justamente Bebeto, que estava no círculo central de braços cruzados. Dunga ficou louco, gritou uma meia dúzia de palavrões e só não foi mais longe porque Leonardo entrou no meio. Minutos mais tarde, Rivaldo falhou também na marcação e ouviu mais gritos. A chefia, no entanto, não repreendeu os arroubos do capitão. "O Dunga fala o que precisa ser dito", encerrou Zagallo.

>> PRIMEIRA FASE - 2º JOGO

16/6 — LA BEAUJOIRE (NANTES)

BRASIL 3 X 0 MARROCOS

J: Nikolai Levnikov (RUS); **P:** 34 000; **G:** Ronaldinho 9 e Rivaldo 47 do 1º; Bebeto 5 do 2º; **CA:** Júnior Baiano, César Sampaio, Hadda, Chiba

BRASIL: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair e Roberto Carlos; César Sampaio (Doriva), Dunga, Leonardo e Rivaldo (Denilson); Bebeto (Edmundo) e Ronaldinho. **T:** Zagallo

MARROCOS: Benzekri, Saber (Abrami), Rossi, Naybet e El Hadrioui; Chippo, Tahar, Hadji e Chiba (Amzine); Hadda (El Khattabi) e Bassir. **T:** Henri Michel

ZAGALLO APROVEITOU A CLASSIFICAÇÃO ANTECIPADA PARA TESTAR UMA FORMAÇÃO MAIS OFENSIVA. SE DEU MAL. E O BRASIL VIRA FREGUÊS DA NORUEGA

STU FORSTER/ALLSPORT

Ronaldinho é desarmado por Leonhardsen: desta vez, o artilheiro não brilhou

"FOI A DERROTA RUMO AO PENTA"

Zagallo usou uma frase otimista depois dos 2 x 1 para a Noruega. Mas o Brasil tem muito o que arrumar para enfrentar o Chile. Agora, uma derrota significa voltar para casa **POR SÉRGIO XAVIER FILHO E SÉRGIO GARCIA, DE MARSELHA**

O Brasil viveu todos os seus sonhos e pesadelos em apenas 10 minutos. Nesse curto espaço de tempo, o técnico Zagallo pôde saborear um gol que foi resultado direto de uma mudança tática sua, constatou a enésima falha da defesa e ainda perdeu um jogo em erro gritante da arbitragem. Muita coisa para apenas 10 minutos de um jogo que teve os outros 80 disputados em ritmo de treino. Por mais que o resultado tenha feito a torcida entrar em depressão e provocado frustração entre os jogadores que pretendiam vingar os 4 x 2 de Oslo, a lição da derrota para a Noruega poderá ser muito útil na continuação da Copa. O primeiro efeito terapêutico da bordoada diz respeito à arte de não levar gols. É bom lembrar que, no sábado, o Brasil enfrenta o Chile em um jogo de vida ou morte pelas oitavas-de-final. Um cochilo, sobretudo se ele acontecer no final do jogo, pode significar a liberação do Château Grand Romaine, concentração brasileira, para novos hóspedes.

A fase do mata-mata exige atenção total, algo que não ocorreu na noite passada. Bem posicionada no primeiro tempo, a defesa fez água no segundo. Gonçalves provou ser perfeito para seguir na reserva e Júnior Baiano continua confundindo seus defensores e detratores. Qual é o verdadeiro? O que anulou o grandalhão Flo no primeiro tempo ou o da presepada do segundo?

É verdade que Júnior pode ser inocentado no lance do suposto pênalti apenas visto pelo fraco juiz Baharmast Esfandiar. Também é verdadeiro que a dupla Júnior Baiano e Gonçalves ficou boa parte do segundo tempo sem a proteção do volante Leonardo. A aventura tática de deslocar um meia para a função de volante só aconteceu mesmo porque o jogo não tinha a menor importância.

"Com a entrada do Denilson, mexemos em três posições do meio-campo", dizia, antes do jogo, um preocupado Zico, referindo-se ao deslocamento de Rivaldo para o centro do meio-campo, ao recuo de Leonardo e a entrada de Denilson aberto na esquerda.

A partir das oitavas-de-final pouco importa se o time é bom, se sobram craques. Começa a fase do mata-mata. É a hora de testar soluções ousadas de ataque para tentar decidir a partida nos 90 minutos ou, no máximo, nos 30 minutos de prorrogação. "Uma equipe como o Brasil não deve se submeter à loteria dos pênaltis e precisa de opções táticas ofensivas", explica Zico.

PRIMEIRA FASE - 3º JOGO

23/6 VÉLODROME (MARSELHA)

BRASIL 1 X 2 NORUEGA

J: Baharmast Esfandiar (EUA); **P:** 60 000; **G:** Bebeto 33, Tore Andre Flo 38 e Rekdal (pênalti) 43 do 2º; **CA:** Leonhardsen, Mykland
BRASIL: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Gonçalves e Roberto Carlos; Dunga, Leonardo, Rivaldo e Denilson; Bebeto e Ronaldinho. **T:** Zagallo
NORUEGA: Grodas, Berg, Eggen, Johnsen e Bjornbye; Havard Flo (Solskjaer), Strand (Mykland), Rekdal, Leonhardsen e Riseth (Jostein Flo); Tore Andre Flo. **T:** Egil Olsen

A SELEÇÃO SE REÚNE PARA LAVAR A ROUPA SUJA, FAZ A SUA MELHOR PARTIDA NA COPA DO MUNDO E REVELA UM NOVO ARTILHEIRO

AVE, CÉSAR! AVE, RONALDO!

César Sampaio comandou a goleada de 4 x 1 sobre o Chile. Finalmente, o Brasil conseguiu mostrar um futebol em que a individualidade ficou em segundo plano. O melhor de tudo: Ronaldinho reencontrou o caminho do gol

POR ALFREDO OGAWA, SÉRGIO GARCIA E SÉRGIO XAVIER FILHO, DE PARIS

Em uma equipe infestada de estrelas, o herói da goleada por 4 x 1 contra o Chile é volante e se chama César Sampaio, autor dos dois gols que abriram o caminho da vitória. Enquanto o resto do mundo aguardava a Seleção sem imaginação que perdeu para a Noruega, a equipe que entrou em campo foi a do Brasil show, o Brasil "sambá" como a França adora dizer. Decifrar o enigma brasileiro é realmente tarefa complicada. Qual é a explicação para a eficiência ofensiva do primeiro tempo? O time, notório perdedor de gols, marcou três em cinco oportunidades. Como explicar os lindos dribles de Rivaldo, Denilson e Leonardo, se nem em treinos eles têm acertado esse tipo de jogada?

Talvez a chave da vitória tenha sido o tal espírito de Copa que Zagallo tanto fala. Depois de uma semana de muitas frases, acusações e confusões, o grupo começou a demonstrar uma garra inédita. A meia empapada de sangue de Dunga talvez tenha sido um símbolo do Brasil que passou para as quartas-de-final. A falta de invenções táticas também ajudou. Quando os jogadores atuam em suas posições de origem tudo fica mais fácil. Quem viu somente a partida, porém, não imagina como foi complicado um time desarticulado e frouxo se transformar numa equipe vencedora.

Nos dias que antecederam Brasil x Chile todas as sujeiras que andavam sendo varridas para baixo do tapete apareceram. Ronaldo se queixou de Rivaldo, que falou mal do esquema de Zagallo, que criticou a falta de mobilidade de Ronaldo. O grupo de jogadores reclamou da mudez de Dunga no jogo contra a Noruega e o apático Roberto Carlos culpou em entrevista o resto do time por seu baixo aproveitamento.

Por mais que Zagallo, Zico e companhia tentem disfarçar, o Brasil de 1998 não se entende. Amigo do peito de Romário, o capitão Dunga ficou incomodado com o pouco caso do lateral no episódio do corte do "Baixinho".

Essa antipatia cresceu depois que o Mundial começou e Roberto Carlos passou a exibir um futebol burocrático, sem se sacrificar para o time. Os bate-bocas públicos de Dunga e Bebeto e a derrota para a Noruega mostraram que a Seleção não iria longe desse jeito.

Liderados por Aldair, os jogadores fizeram uma reunião na quinta-feira, 25. Aldair pediu para Dunga voltar a falar dentro de campo e os jogadores concordaram em evitar tiroteios particulares através da imprensa. Ficou também combinado que a reunião não deveria vazar. O acordo, contudo, não durou mais do que algumas horas. Já na noite da quinta-feira, detalhes da reunião estavam espalhados pela Internet.

A julgar pelo resultado de Brasil x Chile foi uma belíssima reunião. Dunga voltou a berrar (xingou até o massagista, que demorou a abrir o pacote de atadura, quando sua perna sangrou), Rivaldo passou a olhar para o lado esquerdo na hora de soltar a bola e Roberto Carlos, que diferença! Despertou do sono profundo e fez em um só jogo tudo o que não tinha feito nos anteriores. Sexta-feira, o vencedor de Nigéria e Dinamarca terá pela frente um adversário que voltou a figurar na lista dos favoritos.

>> OITAVAS-DE-FINAL

27/6 PARC DES PRINCES (PARIS)

BRASIL 4 X 1 CHILE

J: Marc Batta (FRA); **P:** 48 000; **G:** César Sampaio 11 e 27, Ronaldinho (pênalti) 47 do 1º; Salas 22 e Ronaldinho 25 do 2º; **CA:** Leonardo, Cafu, Fuentes, Tapia
BRASIL: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair (Gonçalves) e Roberto Carlos; César Sampaio, Dunga, Leonardo e Rivaldo; Bebeto (Denilson) e Ronaldinho. **T:** Zagallo
CHILE: Tapia, Reyes, Fuentes e Margas; Aros, Ramirez (Estay), Acuña (Musrri), Sierra (Veja) e Cornejo; Salas e Zamorano. **T:** Nelson Acosta

RICARDO CORRÊA

Sampaio sobe soberano: mais dois gols na Copa do "elemento-surpresa" do Brasil

O BRASIL, ENFIM, COMEÇA A SENTIR O CHEIRO DO PENTA. NUM JOGO COMPLICADO, O TIME SUPERA OS DINAMARQUESES E PEGA A HOLANDA NA SEMIFINAL

SÓ FALTAM 2 JOGOS

Dois passes geniais de Ronaldinho, o gol de empate na hora certa de Bebeto, os golaços decisivos de Rivaldo. O Brasil chega nas semifinais e está cada vez mais perto do penta

POR ALFREDO OGAWA, SÉRGIO GARCIA E SÉRGIO XAVIER FILHO, DE NANTES

A história se repetiu. Como nas quartas-de-final da Copa passada, o Brasil fez dois gols, ensaiou uma goleada, deixou os europeus empatarem e conquistou a vitória. Assim foram os 3 x 2 contra a Holanda em 1994, assim foram os 3 x 2 contra a Dinamarca.

É bem verdade que tudo começou de maneira mais difícil. Um gol a 2 minutos de jogo nunca é fácil. Ainda mais sabendo que, duas noites antes, todos os jogadores foram prevenidos pelo espião Gilmar Rinaldi de que os dinamarqueses tinham o péssimo hábito de fazer cobranças-relâmpago de faltas. Menos mal que, pela quarta vez em cinco jogos, o Brasil fez um gol antes dos 15 minutos de partida. E que golaço! Bebeto fuzilou no canto direito do goleiro Schmeichel após lançamento perfeito de Ronaldinho. Veio o segundo gol de Rivaldo e a quase certeza da goleada.

Era só tocar a bola, segurar a partida que a Dinamarca viria babando até o campo brasileiro, permitindo os contra-ataques. Só que ela não veio. O Brasil afrouxou e, aos 5 minutos do segundo tempo, o empate saiu dos pés do habilidoso Brian Laudrup. A sorte brasileira é que era dia de Rivaldo e, pela primeira vez neste Mundial, um de seus potentes tiros de fora da área entrou.

A vitória contra os dinamarqueses trouxe várias lições, sobretudo para a semifinal contra argentinos ou holandeses, em Marselha. A principal delas diz respeito à concentração. Como já havia acontecido na derrota contra a Noruega, o Brasil saiu do jogo a ponto de quase entregar uma vitória certa. "Quando a gente enfia a faca é preciso torcê-la para liquidar logo com o inimigo", disse o capitão Dunga, bem ao seu estilo. Foi tudo que o Brasil não fez.

E a pior notícia: Cafu recebeu o segundo cartão amarelo e deverá ser substituído na semifinal pelo estreante Zé Carlos. "Estou preparado desde o início da Copa", adiantou Zé Carlos.

Ronaldo, após um início brilhante em que deu dois passes para os dois primeiros gols, não acertou mais. Não conseguiu driblar, parecia travado em campo. Tão complicado para Ronaldinho quanto se movimentar entre os grandalhões beques dinamarqueses foi sobreviver em uma semana em que pipocaram versões sobre a sua condição física.

É verdade que a Comissão Técnica fez a sua parte no sentido de aumentar a confusão. Na segunda-feira, 29, o médico Lídio Toledo deixou escapar que Ronaldo não estaria rendendo todo o seu futebol em função de alguns quilinhos a mais. Ao ouvir a conversa, o preparador físico Paulo Paixão ficou uma fera e disse que esse não era assunto do departamento médico da Seleção.

O problema é que Ronaldo não treinou no dia seguinte e a especulação aumentou. O jornal italiano *Corriere Dello Sport* publicou uma reportagem sobre uma provável cirurgia que Ronaldo faria no joelho esquerdo logo após a Copa do Mundo. Foi a vez de o médico Lídio Toledo admitir que o jogador está com uma tendinite no joelho. Se Ronaldo está ou não jogando a Copa no sacrifício, só se saberá mesmo quando tudo acabar.

» QUARTAS-DE-FINAL

3/7 — LA BEAUJOIRE (NANTES)

BRASIL 3 X 2 DINAMARCA

J: Gamal El Ghandour (EGI); **P:** 40 000;
G: Jorgensen 2, Bebeto 10 e Rivaldo 26 do 1º; Brian Laudrup 5 e Rivaldo 15 do 2º; **CA:** Roberto Carlos, Aldair, Cafu, Helveg, Colding e Tofting
BRASIL: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair e Roberto Carlos; César Sampaio, Dunga, Leonardo (Émerson) e Rivaldo (Zé Roberto); Bebeto (Denilson) e Ronaldinho. **T:** Zagallo
DINAMARCA: Schmeichel, Colding, Rieper, Hogh e Heintze; Helveg (Schjonberg), Nielsen (Tofting), Jorgensen e Michael Laudrup; Brian Laudrup e Moller (Sand). **T:** Bo Johansson

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Bebeto toca com categoria para marcar o primeiro gol do Brasil: na hora certa

FOI UM JOGO NÃO RECOMENDÁVEL PARA CARDÍACOS. O BRASIL COMEÇOU MAL, SE TRANSFORMOU NA PRORROGAÇÃO, MAS SÓ SE GARANTIU NOS PÊNALTIS

PISCO DEL GAISO

São Taffarel voa para defender o pênalti do holandês Cocu: depois de muitas críticas, finalmente a consagração do goleiro

VAI QUE É SUA TAFFAREL!

Depois de fazer um milagre no tempo normal, o goleiro brasileiro virou herói na decisão por penâltis. Defendeu dois na vitória que levou o Brasil para a final da Copa

POR ALFREDO OGAWA, SÉRGIO GARCIA E SÉRGIO XAVIER FILHO, DE MARSELHA

No roteiro de uma Semifinal heróica, o papel principal deveria ser de um carequinha. E parecia que seria mesmo. Aos 30 segundos do segundo tempo, Ronaldinho fez o gol redentor. Isso até o vilão holandês Kluivert estragar tudo a 4 minutos do final da partida. Era a hora de trocar o herói.

Após uma prorrogação dramática, um louro, que há anos representa o papel de vilão, se candidatou ao papel. Taffarel pegou dois dos quatro pênaltis holandeses e colocou o Brasil na decisão. Será a nossa sexta final. O Brasil conquistou em 1958, 1962, 1970 e 1994. Perdeu em 1950. "Hoje ganhamos a batalha, mas a guerra não está vencida", disse Taffarel, com os olhos encharcados de lágrimas.

Foi, de fato, uma batalha duríssima. Mas a vitória de 4 x 2 (os gols de penâltis do Brasil foram marcados por Ronaldo, Rivaldo, Émerson e Dunga) é toda dele. Taffarel acertou o canto dos quatro pênaltis e conseguiu alcançar a bola nas cobranças de Cocu e de Ronald de Boer. "Essa decisão por pênaltis foi ótima para o Taffarel", elogiou Zagallo. "Ele já tinha sido muito criticado."

A atuação impecável do goleiro contrastou com uma atuação irregular do resto do time. O primeiro tempo foi ruim e a Holanda esteve mais perto do primeiro gol. O capitão Dunga precisou entrar em ação. Passavam 28 minutos do primeiro tempo quando Ronaldo desperdiçou um contra-ataque precioso.

— P..., Ronaldo! Vamos correr direito — gritou Dunga, imitando o jeito desengonçado de o atacante correr.

A ficha pode ter demorado um pouco para cair. Mas caiu. O Brasil acordou. Logo no comecinho do segundo tempo, Ronaldo mostrou que estava mais aceso ao se antecipar ao lateral Cocu e desviar do goleiro Van der Sar. Um gol não fez o Brasil dominar a partida, muito menos dar show. A Seleção talvez tenha feito o seu pior jogo na competição depois da derrota para a Noruega na primeira fase. Mesmo ganhando de 1 x 0, a equipe não entrou nos eixos. O gol de empate holandês, a bem da verdade, foi um justo castigo.

O Brasil fez nos 30 minutos de prorrogação tudo aquilo que tinha deixado de fazer nos 90 minutos de tempo normal. Teve pelo menos oito chances claras de gol, contra um único lance de Kluivert. Vieram os pênaltis e a vitória.

A tensão de Brasil e Holanda já podia ser medida bem antes. "O Brasil é Tetra e não precisa copiar a tática de ninguém. Eles é que precisam copiar o Brasil", esbravejou Zagallo no domingo. No dia seguinte, perguntado sobre a força do ataque holandês, Zagallo pareceu esnobar. "Como o habilidoso e rápido ataque dinamarquês, acho que não vamos encontrar mais nesta Copa." É claro que não passava de bravata. Zagallo viu vários teipes da Holanda e estava mais do que avisado de que a pedreira era grande. O técnico gosta de uma polêmica, mas prefere mil vezes levar a sério o adversário para chegar a uma final.

>> SEMIFINAL

7/7 — VÉLODROME (MARSELHA)

BRASIL 1 X 1 HOLANDA

J: Ali Bujsaim (UAE); **P:** 54 000; **G:** Ronaldinho 1 e Kluivert 41 do 2º; **CA:** Zé Carlos, César Sampaio, Reiziger, Davids, Van Hooijdonk, Seedorf

BRASIL: Taffarel, Zé Carlos, Júnior Baiano, Aldair e Roberto Carlos; Dunga, César Sampaio, Leonardo (Émerson) e Rivaldo; Bebeto (Denilson) e Ronaldinho. **T:** Zagallo

HOLANDA: Van der Sar, Reiziger (Winter), Stam, Frank de Boer e Cocu; Jonk (Seedorf), Davids, Ronald de Boer e Zenden; Bergkamp (Van Hooijdonk) e Kluivert. **T:** Guud Hiddink

** Na prorrogação, 0 x 0; nos pênaltis, Brasil 4 x 2*

UM PIRIPAQUE DERRUBOU O PRINCIPAL ASTRO DA SELEÇÃO ANTES DA DECISÃO. ELE INSISTIU EM JOGAR, MAS ESTEVE IRRECONHECÍVEL, COMO TODO O TIME.

O FIM DO SONHO

Com Ronaldinho sem condições e a defesa cometendo os erros de sempre, o penta foi embora

POR ALFREDO OGAWA, SÉRGIO GARCIA E SÉRGIO XAVIER FILHO, DE SAINT DENIS

O efeito foi imediato. Na preleção a duas horas da Final contra a França, Zagallo anunciou que Ronaldinho não jogaria depois de ter sofrido uma indisposição à tarde, quando chegou a desmaiar na concentração. Edmundo seria o novo titular no ataque. "Isso abateu o grupo", admitiu o técnico. O camisa 9 não estava lá, no vestiário do Stade de France. Ronaldinho tinha ido a uma clínica na região de Paris, junto com o médico Lídio Toledo. Ele chegou de táxi às 20h10, cinqüenta minutos antes do início da partida. "Não posso ficar de fora. Quero jogar", disse Ronaldinho, que teria sofrido um colapso por conta do estresse da decisão. Zagallo estava relutante, até ouvir a ordem do presidente da CBF, Ricardo Teixeira: "Bota o Ronaldinho", mandou o cartola. Edmundo estava no aquecimento quando soube que não iria a campo. O técnico tentou animar o grupo, mas não conseguiu. "Senti que os jogadores já estavam afetados. Eles sabiam que o Ronaldinho não tinha condições." E por que ele insistiu mesmo assim? "Não sei. De repente, poderia vir uma luz", justificou Zagallo. A luz não veio para Ronaldo. Nem para o Brasil.

Dizer que a Seleção enterrou o sonho do pentacampeonato ao escalar um craque sem condições é uma meia verdade. Os outros 50% da verdade dizem respeito à defesa brasileira. Contra a França, o Brasil sintetizou todos os erros que havia cometido no decorrer da campanha. Júnior Baiano falhou demais. A jogada do escanteio que gerou o segundo gol de Zidane nasceu numa bobagem do zagueiro. Dois escanteios foram cobrados e o segundo gol francês saiu. Outro pecado, já conhecido da torcida brasileira, foi cometido pelo excesso de preciosismo dos zagueiros. Roberto Carlos abusou das firulas. Numa delas surgiu o escanteio que originou o primeiro gol francês. Acabamos com a defesa mais vazada do torneio, com 10 sofridos, quase empatando com a nossa pior atuação (11 gols, em 1938). Contra a França, sofremos a primeira derrota por três gols de diferença em Copas.

Todos estavam embalados pelas lágrimas e pelos apelos inflamados na semifinal. "Falta apenas um jogo para o penta", dizia Zagallo, após a partida contra a Holanda. Agora, faltam dezesseis, das próximas Eliminatórias, mais sete da Copa de 2002.

Só que o ufanismo de Zagallo não pode ser usado para minimizar problemas e, principalmente, esconder um fato incontestável: poucas Copas foram tão fáceis de vencer. Claro, sofremos bastante. Mas, por obra do destino, a Seleção não encontrou pelo caminho adversários tradicionais como Itália, Alemanha e Argentina ou tidos como perigosos como Espanha e Nigéria. Em vez disso, passamos por Chile, Dinamarca e, aí sim um grande time, a Holanda. Restava a França, que há doze anos não disputava um Mundial. Infelizmente, nem sempre a lógica funciona no futebol.

Pela lógica também não se deveria arriscar uma mudança no comando da Seleção a pouco mais de dois meses da Copa. Mas ela foi feita e mostrou resultados bons e ruins. Em abril, a CBF anunciou que Zico seria o coordenador técnico da equipe. Ele funcionaria como uma espécie de interventor, pois as coisas estavam desandando com problemas técnicos e disciplinares. Aos poucos, Zico começou a dar as suas cartas. Isso ficou evidente na volta de Rivaldo à Seleção, na opção por Giovanni na lista da Copa e no anúncio do time titular logo na convocação. Quando diagnosticava algo errado, Zico falava com Zagallo ou diretamente com o jogador. Inteligente, o ex-craque do Flamengo nunca partiu para o confronto.

A chegada de Zico deixou Zagallo inseguro. De repente, ele acordou para o fato de que um ajuntamento de grandes craques não vira um time imbatível só porque usa onze camisas amarelas. Talvez muito tarde. Zagallo não soube explorar a potencialidade individual de seus comandados.

Havia outra coisa muito errada na Seleção. "Eu nunca vi um grupo tão desunido", queixou-se Zico a um amigo na França. Roberto Carlos e Romário nunca se entenderam. O lateral, na verdade, não concordava com o tratamento VIP destinado ao jogador. Nada que se compare à veemência de Edmundo ao protestar contra a escolha de Bebeto como substituto de Romário. Dunga teve atrito com Roberto Carlos. O egocentrismo do lateral irritava o capitão, que, por sua vez, ficou melindrado quando a imprensa e alguns jogadores reclamaram de suas broncas públicas.

Dunga voltou a se esgoelar a partir do jogo com o Chile e como teve trabalho... Novamente, a culpa vai para Zagallo. Em quatro anos, ele não conseguiu uma solução. Cafu foi o melhor ala do Campeonato Italiano, Roberto Carlos ficou com o título de vice-craque do mundo, Júnior Baiano foi disputado por clubes da Europa, Aldair segue prestigiado na Roma. Por que, então, o problema? O técnico jamais conseguiu um entrosamento entre os defensores, sempre teve dificuldade para posicionar os volantes. Então, Zagallo é o maior responsável pela derrota? É, como também seria o maior vitorioso em caso contrário. Ao aceitar o cargo de técnico da Seleção, ele sabia que estaria diante de um plebiscito, cuja votação final aconteceu no dia 12 de julho de 1998. Ele perdeu. Por pouco, muito pouco.

» FINAL

12/7 — STADE DE FRANCE (SAINT-DENIS)

BRASIL 0 X 3 FRANÇA

J: Said Belgola (MAR); **P:** 80 000; **G:** Zidane 27 e 46 do 1º; Petit 47 do 2º; **CA:** Júnior Baiano, Deschamps, Karembeu; **E:** Desailly

BRASIL: Taffarel, Cafu, Júnior Baiano, Aldair e Roberto Carlos; César Sampaio (Edmundo), Dunga, Leonardo (Denilson) e Rivaldo; Bebeto e Ronaldinho. **T:** Zagallo

FRANÇA: Barthez, Thuram, Desailly, Leboeuf e Lizarazu; Deschamps, Petit, Karembeu (Boghosian) e Djorkaeff (Vieira); Zidane e Guivarch (Dugarry). **T:** Aimé Jacquet

Ronaldinho e Dunga, desolados: o primeiro jogou a decisão sem condições, o segundo esteve perdido em campo. Sorte da França